



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Formação de Professores

Pedro Henrique Corrêa Rodrigues

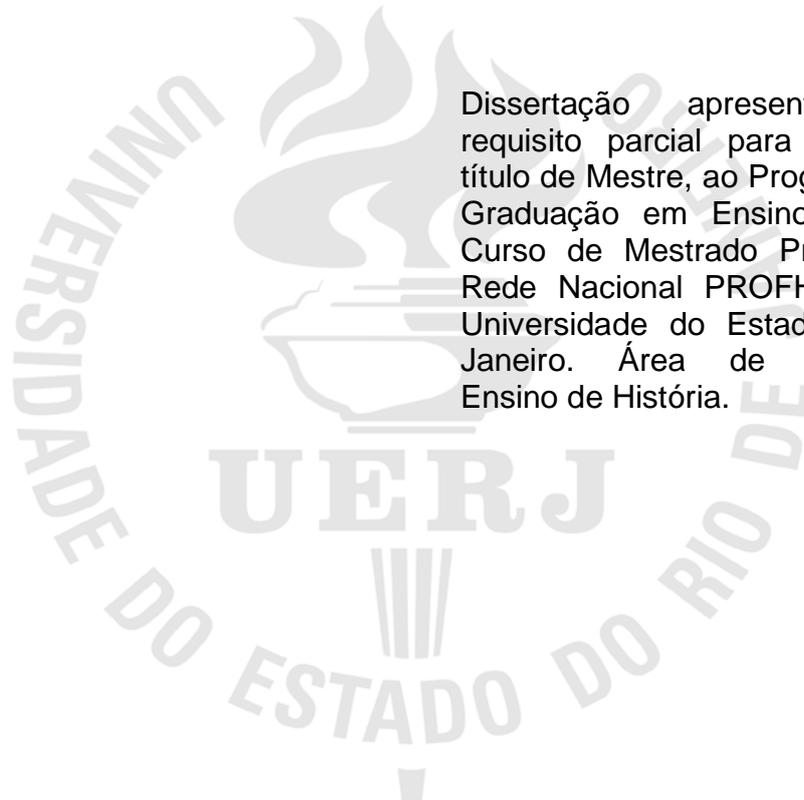
**R.E.P.: Ritmo Educação e Poesia: as potencialidades do rap  
enquanto sujeito produtor nas aulas de História**

São Gonçalo  
2023

Pedro Henrique Corrêa Rodrigues

**R.E.P.: Ritmo Educação e Poesia: as potencialidades do rap enquanto sujeito produtor nas aulas de História**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.



Orientador: Prof. Dr. Francisco Gouvea de Sousa

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

R696 Rodrigues, Pedro Henrique Corrêa.  
R.E.P.: Ritmo Educação e Poesia: as potencialidades do rap enquanto sujeito produtor nas aulas de História / Pedro Henrique Corrêa Rodrigues. – 2023.  
115f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gouvea de Sousa.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. Rap (Música) – Teses. 3. Hip-hop (Cultura popular) – Teses. I. Sousa, Francisco Gouvea de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 93(07)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Pedro Henrique Corrêa Rodrigues

**R.E.P.: Ritmo Educação e Poesia: As potencialidades do rap enquanto sujeito produtor nas aulas de História**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 30 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Francisco Gouvea de Sousa (Orientador)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Daniel Pinha Silva  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Luciano Magela Roza  
Universidade Federal de Ouro Preto

São Gonçalo

2023

Dedicado à todas as comunidades  
pobres do Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Escrever nunca foi uma tarefa fácil para mim. Desde os tempos da graduação, a prática de transpor em palavras o que apreendemos nas aulas e na experiência profissional sempre se mostrou mais difícil do que realizar uma “só” apresentar de forma oral. Tal complicação fez com que a vida acadêmica nunca fosse uma real opção em minha trajetória. Imaginava que, com a graduação concluída, não retornaria a qualquer programa de Pós-Graduação.

Lembro como se fosse ontem quando fui apresentado pela primeira vez à proposta do que era o programa do ProfHistória. Sinceramente, não acreditei que de fato existia um programa de pós-graduação voltado exclusivamente aos professores que diariamente trabalham por um país melhor e mais crítico. Muito menos, me vi com capacidade para adentrar alguma turma.

Em minha primeira tentativa, em 2017, de fato não obtive êxito, mas talvez ali não era a hora para isso acontecer. Quando, em 2018, mais desacreditado, fiz a prova de seleção e vi meu nome no 25º lugar de vinte e cinco vagas, esfreguei os olhos algumas vezes e até peguei uma régua para conferir se estava vendo a tabela corretamente. Fazer especificamente esse programa foi a realização de um sonho que não sabia que tinha até então.

Foram nas aulas presenciais que, pela primeira vez na vida, senti plenitude ao estudar um assunto que amo e coloco em prática todos os dias: o fazer educação e o ensino de História. Por isso, antes de tudo, agradeço à equipe de professores do ProfHistória nacional, mas especificamente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, minha segunda casa. O trabalho realizado por vocês deveria servir de espelho para todos que se propõem a trabalhar a educação no âmbito escolar, independente da disciplina.

Ainda sobre a equipe do ProfHistória UERJ, serei eternamente grato por terem colocado em meu caminho meu orientador, Francisco Gouvea de Sousa, ou Chico, um profissional que mostra que é possível levar educação humanizada para todas as esferas do ensino. Se nossos caminhos não se encontraram na época da graduação, onde saí e você entrou como professor, quiseram os Guias, sob os olhares acolhedores do Caboclo 7 Flechas, que eles se cruzassem no mestrado.

Muitos dizem que escrever uma dissertação é, antes de tudo, um trabalho solitário. De fato, o é, porém encontrei refúgio e suporte nos queridos (já mestres e futuros doutores) Junia Helena Ferreira dos Santos e Luciano Severino Teixeira. Apresentar o Rio de Janeiro, semanalmente, para uma capixaba e um mineiro, é algo que levarei para o resto da vida. Com vocês, até a tarefa de pegar um metrô em horário do *rush* se tornava divertida (na medida do possível...)

Sobre amizades, peço desculpas a todos que tiveram que ouvir lamúrias e cancelamentos de eventos de minha parte, sob a justificativa de “preciso escrever pro mestrado”. Foi por um excelente motivo e sei que todos vocês sabem disso. Obrigado por serem ouvido num mundo que cada dia mais só quer ser boca.

Ao falar de suporte, é impossível não citar como foi fundamental ter você, Raphaela Pereira, ao meu lado ao longo destes quatro anos. Coincidentemente, nossa história começou concomitante a este mestrado, e, enquanto esta etapa é finalizada, planejamos um novo passo em nosso relacionamento. Você me ajuda a ser a minha melhor versão de mim todos os dias e esta dissertação não seria concluída sem seu auxílio. Serei eternamente grato.

Em relação à família, tenho a melhor que poderia pedir. Meus A<sup>5</sup> que me dão força para continuar na luta, mesmo com todos os obstáculos que nosso país coloca para profissionais comprometidos com uma pedagogia libertadora. Em especial, minha mãe, Ana Cláudia, que, enquanto trabalha incessantemente para reconstruir o Museu Nacional, encontra espaço para ser conselheira, amiga e um porto seguro em momentos difíceis. Além dela, agradeço a meu melhor amigo, meu pai, que hoje é professor de História titular do Município de Juazeiro, formado aos 56 anos pela Universidade Federal Fluminense. Tenho certeza que você não consegue mensurar o quanto me orgulho sua trajetória e uso-a para me inspirar todos os dias.

Por último, agradeço a todos os alunos que embarcaram nas atividades aqui propostas e se sentiram confortáveis para dividir medos, inseguranças e sonhos. Seus escritos e composições fizeram este trabalho sair da minha cabeça e vir parar nas páginas a seguir. Muito obrigado a todos vocês.

Você está entrando no mundo da informação  
Autoconhecimento, denúncia e diversão  
Esse é o Raio X do Brasil, seja bem-vindo  
*Racionais MCs*

## RESUMO

RODRIGUES, Pedro Henrique Corrêa. *R.E.P.: Ritmo, Educação e Poesia: as potencialidades do rap enquanto sujeito produtor nas aulas de História*. 2023. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

O presente trabalho foi elaborado em conjunto com o rap enquanto referencial teórico, reconhecendo sua epistemologia e a capacidade de dar voz a pessoas preteridas pelo sistema. Com suas raízes na ancestralidade africana, o movimento hip hop que se popularizou nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em meados da década de 80, trouxe um novo ator na dinâmica urbana ao abrir cada vez mais espaço para que o marginalizado pudesse refletir sobre seu papel na sociedade e as forças que atuam sobre ele. Os principais objetivos desse trabalho são: compartilhar experiências sobre o trabalho em conjunto com o rap em sala de aula com outros profissionais e interessados sobre o tema, valorizar o movimento hip hop como um meio para que as pessoas compreendam melhor a realidade em que vivem e assim modificá-las, auxiliar o aluno para que este veja no rap um meio de refletir sobre suas dores, angústias, sonhos, colocando em prática os ideais de uma educação libertadora e inclusiva, incentivar a ampliação da capacidade criativa e intelectual destes alunos através da produção musical. A metodologia desta dissertação se baseou na análise crítica de um conjunto de atividades realizadas junto do rap, colocadas em prática em diferentes contextos sociais e com diversos processos.

Palavras-chave: Rap. Ensino de História. Educação libertadora. Dinâmica urbana. Conhecimentos e práticas no âmbito escolar. Olhar do marginalizado.

## ABSTRACT

RODRIGUES, Pedro Henrique Corrêa. *R.E.P.: Rhythm, Education and Poetry*. the potential of rap as a producer subject in History classes. 2023. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

This work was developed in conjunction with rap as a theoretical reference, recognizing its epistemology and the ability to give voice to marginalized people. With its roots in African ancestry, the hip hop movement that became popular in the United States and arrived in Brazil in the mid-80s brought a new actor in the urban dynamics by increasingly opening space for the marginalized to reflect on their role in society and the forces acting on them. The main objectives of this work are: to share experiences about working with rap in the classroom with other professionals and interested parties on the subject, to value the hip hop movement as a means for people to better understand the reality in which they live and thus change it, to assist the student in seeing rap as a means of reflecting on their pains, anxieties, dreams, putting into practice the ideals of a liberating and inclusive education, to encourage the expansion of the creative and intellectual capacity of these students through music production. The methodology of this dissertation was based on a critical analysis of a set of activities carried out together with rap, implemented in different social contexts and with various processes.

Keywords: Rap. Teaching History. Liberating Education. Urban dynamics.

Knowledge and practices in the school environment. The marginalized perspective.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>“DARIA UM FILME...”</b> .....	12
1.1	<b>“Entrei pelo seu rádio, tomei, ‘cê nem viu” – Minha trajetória, o rap e o VMB de 1998</b> .....	12
1.2	<b>“O rap fez eu ser o que eu sou” – Uma breve história da Cultura Hip Hop e seus protagonistas</b> .....	19
1.3	<b>“A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar” – A cena atual, variações e herdeiros do legado</b> .....	27
2	<b>“ÉS TEMA DA FACULDADE ONDE NÃO PODE PÔR OS PÉS” – PROPOSTA DE DEBATE BIBLIOGRÁFICO</b> .....	35
2.1	<b>“Sem identidade, somos objeto da História” – O rap enquanto sujeito e sua relação com o Ensino de História</b> .....	36
2.2	<b>“Levo o conto africano na mochila” – Rap, autoafirmação e emancipação</b> .....	38
3	<b>“MUDEI O CURSO DA HISTÓRIA QUE O BRASIL ESCREVEU PRA MIM” – OFICINAS, PRÁTICAS E ATIVIDADES</b> .....	43
3.1	<b>“Misturar ritmo, poesia e memória” – O rap e a Semana da Consciência Negra</b> .....	44
3.2	<b>“Tudo o que nós tem é nós”: A representatividade do rap no projeto social Estudando Para Vencer</b> .....	50
3.3	<b>“Menor revoltado” – A música como um desabafo</b> .....	77
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	96
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	98
	<b>APÊNDICE – Roteiro Pedagógico: A composição musical em sala de aula a partir da análise de “negro drama” dos Racionais MC’S</b> .....	106

## INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos a cultura das ruas se transformou em cultura de massa e o elemento musical do Hip Hop, o rap, se tornou cada vez mais popularizado, presente em vários países. Hoje, um dos gêneros musicais mais populares do mundo, continua sendo uma forma poderosa de expressão cultural, com mensagens de resistência, empoderamento e unidade. A história do hip hop é uma história de luta, perseverança e criatividade

O rap trouxe a oportunidade de falar e rimar sobre os assuntos que assolavam a realidade das periferias: era a forma de passar a mensagem, de fazer com que outras pessoas pudessem entrar em contato com a realidade dos bairros pobres, além de contribuir para a construção de uma identidade do jovem da periferia, em sua maioria afrodescendente. Os temas centrais do rap brasileiro são inspirados no cotidiano vivido principalmente por jovens de periferia: a falta de escola, emprego, saúde, lazer, preconceito racial e desigualdades sociais. A linguagem utilizada pelos rappers é uma representação da realidade vivida, mas isso não significa que seja uma cópia exata da realidade. A energia que os impulsiona vem da gramática da vida e, para os protagonistas dessas músicas, que geralmente vivem nas áreas marginais da sociedade capitalista, a vida não é fácil ou tranquila.

Ao longo deste trabalho, não atribuirei sentido o rap. Ele não será tratado como um objeto que tem seu sentido validado a partir da análise do pesquisador. Minha relação com ele será considerando-o como um sujeito ativo, com sentido próprio que adiciona à aula todas as suas potencialidades. Portanto, o ideal é pensar o rap em sua totalidade, ou seja, como música, como composição textual, como um produto e como uma prática de tempo e contexto específicos. Para tal, torna-se imprescindível analisar o rap como um fenômeno da sociedade na qual se insere.

Através do rap, é possível explorar e compreender as problemáticas presentes na sociedade brasileira, incluindo as histórias de sofrimento, opiniões e ideologias, violência e racismo existentes no cenário atual. Ele é uma ferramenta valiosa para entender os conflitos, tensões e desigualdades de poder que afetam a vida social. A forma como o rap retrata os problemas da sociedade é frequentemente dissonante ou de protesto, em oposição ao que é dominante.

Dito isso, o objetivo do trabalho é abrir espaço para que a sala de aula, com suas múltiplas possibilidades, seja um local ainda mais fértil para se valorizar elementos culturais que estejam presentes nas vidas dos alunos. Dessa forma, trabalharemos o movimento hip hop, com ênfase nas letras de rap, como um instrumento de educação não-formal, a fim de realizar um resgate de símbolos historicamente rechaçados pela cultura hegemônica e eurocêntrica, valorizando a identidade étnica do negro na sociedade brasileira e atrair jovens que, por um motivo ou outro, se veem deslocados da realidade escolar.

## 1 “DARIA UM FILME...”

Ao iniciar sua participação na canção “Negro Drama”, Mano Brown dispensa referências fictícias e afirma que vai continuar uma história real, a de sua vida e que esta “daria um filme”. Os versos que vêm a seguir falam de como sua mãe, solteira, o criou e enfrentou as dificuldades da “floresta de concreto e aço”. Infelizmente sabemos que esse relato se encaixa em milhões de histórias espalhadas pelo Brasil e talvez esteja aí um dos maiores méritos dos *rappers*. Eles cantam dores cotidianas, situações rotineiras que retratam o que se passa no dia a dia de comunidades humildes espalhadas pelo país. Suas dores tocam outras pessoas que viveram episódios semelhantes e se enxergam naqueles versos. É através das rimas que excluídos pelo sistema sentem, pela primeira vez, que têm voz.

No primeiro capítulo deste trabalho, mesclo um pouco de minha história na narrativa e como minha visão sobre o rap foi se transformando de acordo com minha maturidade e minha capacidade de ter visão crítica sobre o mundo em que vivo. Todavia, o destaque será traçarmos, mesmo que de forma sucinta, a história do hip hop mundial e brasileiro, para que possamos compreender melhor como se estruturou um movimento capaz de chegar nos corações e mentes de tantas pessoas e fazê-las se sentirem parte integrante de um todo através de versos.

Além do mais, contextualizarei o contexto atual do rap para profissionais que queiram cavar este terreno tão fértil de análise e estudo e não sabem por onde começar. Para isso, elaboro uma lista objetivando servir de referência e ponto de partida para melhor entendermos a cena hip hop atual e abrir possibilidades para pensar aulas a partir do rap, reconhecendo sua epistemologia e admitindo-o como um evento que basta por si só.

### 1.1 “Entrei pelo seu rádio, tomei, ‘cê nem viu” – Minha trajetória, o rap e o VMB de 1998

Acredito ser necessário, para o leitor, conhecer um pouco do autor deste trabalho. E considerando o ponto norteador dele, não tem como evitar abordar sobre

como a música esteve presente desde sempre em minha vida. Esta forma de arte sempre me foi familiar, muito por influência de um personagem importante neste capítulo, meu pai. Lembro de me encantar com todas as capas de vinis de bandas de rock dos anos 70 e 80, como *Pink Floyd*, *Rush* e *Led Zeppelin*, mas também ter minha curiosidade despertada sobre bandas que fizeram mais sucesso nos anos 90, como *Red Hot Chili Peppers*, *Nirvana* e *Faith No More*. Conhecer e explorar novos sons e estilos fazia parte de minha rotina enquanto adolescente. E como vários jovens que cresceram neste contexto, uma de minhas principais referências era o canal de televisão *Music Television*, ou, como era mais comumente chamado, MTV. Originário dos Estados Unidos e trazido ao Brasil em 1990 pelo Grupo Abril, lá era o lugar onde os clássicos tinham vez, intercalando seu espaço com bandas novas que buscavam mais visibilidade na mídia. Dois gêneros, o rock e o pop, à época estilos comercialmente muito rentáveis, dominavam as chamadas “paradas de sucesso” e seus videoclipes se repetiam à exaustão na grade do canal.

O importado modelo estadunidense trazia consigo a espetacularização da música materializada em um evento, o *MTV Video Music Awards*, no caso norte-americano, e o *MTV Video Music Brasil*, de terras tupiniquins. Ambas as cerimônias eram dedicadas a premiar os artistas que mais se destacaram naquele ano e significava uma espécie de chancela do sucesso. Ganhar um VMA ou VMB, como eram habitualmente chamados, colocava o artista ou a banda num patamar de visibilidade que poucos prêmios tinham o poder naquela época. O primeiro a acontecer no Brasil data de 1995 e se propôs a premiar videoclipes nacionais e internacionais através da votação de um júri especializado voltado a categorias técnicas e a participação direta da audiência que, naturalmente, escolheria seus prediletos. Curiosamente, o primeiro VMB de que tenho memória acabaria por entrar pra história como uma das edições mais marcantes.

Em 1998, estava sendo organizada a quarta edição do evento enquanto o álbum *Sobrevivendo no Inferno dos Racionais MCs*, lançado em dezembro do ano anterior, ganhava cada vez mais notoriedade. A bem da verdade, o VMB desde de sua primeira edição possuía uma categoria de premiação voltada ao rap, visando escolher o melhor videoclipe deste gênero. Contudo, neste ano em específico o que os Racionais alcançariam reverberaria por muitos anos.

O grupo de rap paulista foi indicado em quatro categorias (Direção em Videoclipe, Videoclipe de Rap, Escolha da Audiência e Videoclipe do Ano)<sup>1</sup> e pela primeira vez seria convidado a se apresentar no evento. Mano Brown e seus companheiros de grupo conhecidamente se posicionavam contrários a dar entrevistas e fazer aparições em jornais e televisão. Tanto que, nas palavras de Ana Surani, responsável pela área de relações artísticas da MTV, persuadi-los a realizar o show foi um desafio: “Eles têm ideais, não gostam de mídia. A parte mais difícil foi justamente tentar convencê-los. Era o auge do disco, a gente queria muito eles no VMB, então nos dispusemos a quase tudo”<sup>2</sup>. O que talvez tenha facilitado essa aproximação, ainda de acordo com Surani, foi a presença na grade regular do canal o programa voltado exclusivamente ao rap nacional chamado “Yo! MTV”<sup>3</sup>.

No momento da celebração anual dos videoclipes nacionais, a grande incerteza que tomava conta dos produtores do evento era se, de fato, os Racionais se apresentariam ou mudariam de ideia momentos antes. Porém, o que se viu no palco foi uma exibição antológica da canção “Capítulo 4, Versículo 3”<sup>4</sup> em que Mano Brown abre afirmando estar “chegando devagar”, como alguém que acabara de chegar num lugar novo, desconhecido, mas pontuando categoricamente que seu grupo é “a voz das favelas” e que “faz parte delas”. A estética do palco emulava a capa do álbum em que a canção foi lançada, utilizando uma cruz suspensa com efeitos que se assemelhavam a velas, preenchendo-a. Ao fundo, no telão, números como os que o sistema prisional dá a pessoas que estão ingressando nele se alternavam com fotos de pessoas com seus olhos tampados por tarjas pretas junto a imagens de digitais, fazendo referência ao processo burocrático que é feito quando uma pessoa é presa.

Entretanto, apesar da inesquecível apresentação, talvez o que mais tenha marcado quem assistiu ao evento foi a vitória dos Racionais MCs no prêmio Escolha

---

<sup>1</sup> Presente em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/MTV\\_Video\\_Music\\_Brasil\\_1998](https://pt.wikipedia.org/wiki/MTV_Video_Music_Brasil_1998)>. Acesso em 09 de jan. de 2023.

<sup>2</sup> MIRANDA, Débora. Reuniões em lanchonete do Centro levaram Racionais à MTV. **G1**, 09 de set. de 2007. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL174771-7085,00-REUNIOES+EM+LANCHONETE+DO+CENTRO+LEVARAM+RACIONAIS+A+MTV.html>>. Acesso em 09 de jan. de 2023.

<sup>3</sup> Curiosamente o programa foi apresentado, entre 1994 e 1996, por Primo Preto, conhecido produtor de rap e dono da voz que recita o icônico trecho que inicia a canção “Capítulo 4, Versículo 3” dos Racionais MCs. Além disso, entre 1998 e 2000, o próprio DJ do grupo, KL Jay, se encarregou da função de apresentador da atração.

<sup>4</sup> RACIONAIS MCS. Capítulo 4, Versículo 3. *In: Racionais MCs, Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra. 1997.

da Audiência. A categoria de nome praticamente autoexplicativo era o principal sonho de consumo dos artistas concorrentes, pois era uma inegável mostra de poder de seus fãs. O voto, que até 1998 era realizado exclusivamente no computador, através do acesso pela internet, foi alvo de duras críticas de Mano Brown que argumentava que isso limitaria o acesso à participação de pessoas mais pobres, das favelas, o que poderia influenciar no resultado final. Dando eco à reclamação de Brown, Ana lembra que a MTV modificou o sistema: “Eu me lembro que eles estavam preocupados com isso e diziam que não era justo, porque na favela nem todo mundo tinha computador. Aí a gente abriu a votação também por telefone, para poder incluir todo mundo. Mas eles venceram disparado.” Pela primeira vez o rap ganhava destaque no principal prêmio do maior evento de música do Brasil. Os Racionais MCs subiram ao palco para consagrar o videoclipe de “Diário de um Detento”, icônica música que narra o dia a dia de presos no extinto presídio do Carandiru em São Paulo até o violento momento em que o governo paulista representado pelo seu braço armado, a polícia, promove o massacre de 111 presos. Fugindo ao protocolo, no discurso subiram ao palco produtores e amigos de infância do grupo e o primeiro a tomar o microfone foi o integrante Ice Blue que, dentre outras declarações, criticou quem afirmava que “rap não é música” e defendeu que o “Racionais tem uma missão e não vai parar”, parafraseando os versos que Mano Brown recita na música apresentada anteriormente no palco desse mesmo evento. Ao finalizar sua fala, Paulo Eduardo, nome de batismo de Ice Blue, afirma que sua música é “de preto pra preto” e que apesar das pessoas continuarem morando nas favelas, agora elas “têm a voz”. Outro integrante, Edi Rock, pontua que, apesar de ser grato pelo dom e oportunidade de fazer música, não se contenta ao ter como inspiração as mazelas que afligem a população mais pobre, como violência e consumo de drogas. Por fim, ele declama um sonho: “eu quero que meu povo acorde e não veja o sol atrás das grades”. Por último, Mano Brown em seu momento, relembra o berço da cultura hip hop no Brasil, a praça São Bento (que será abordada futuramente neste escrito) e como quem o frequentava sofria violência policial. Além disso, dentre agradecimentos a seus familiares, como esposa e mãe, Brown reconhece o apoio das pessoas que estavam no Carandiru e na Febem e auxiliaram na gravação do videoclipe premiado, fechando sua fala mostrando-se grato à todas as favelas do Brasil.

Talvez, no momento histórico em que este trabalho é produzido, manifestações como esta já sejam mais comuns, contudo, um grupo de rap, literalmente, levar a periferia pra cima do palco mais cobiçado daquele período, para receber o maior prêmio de voto popular e nos agradecimentos lembrarem dos que “o sistema não quis” (trecho da canção premiada), foi algo marcante e, por que não, revolucionário.

Entrementes, do outro lado da tela, nas televisões espalhadas pelo Brasil, aquele discurso não representava empoderamento da periferia, mas sim uma suposta ameaça a um *status quo* burguês, imputado inclusive nos pobres, e os Racionais MCs simbolizavam um inimigo à estrutura. Afirmo isso porque minha própria visão do rap, por muitos anos, foi contaminada pela impressão que meu pai teve do episódio e transmitiu a mim. Lembro claramente dele, um homem branco, demonstrando profunda insatisfação quando Ice Blue afirmou que sua música era “de preto pra preto”. Outra recordação que tenho, de anos depois, é do argumento usado por ele para desqualificar o rap, alegando que as letras eram uma apologia gratuita à violência e glorificavam bandidos. Para embasar seu ponto, foi citada a canção “Um Grito de Socorro” do grupo Facção Central (erradamente creditada aos Racionais MCs, por ele), onde um violento episódio de sequestro é descrito com detalhes. Outro trecho também recebeu destaque especial, de “Capítulo 4, Versículo 3”, agora corretamente associado a Mano Brown e seus companheiros, onde é versado “Mas se eu fosse aquele moleque de touca / Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca”. Ambas as canções relatam a realidade de vida de muitas pessoas que não veem outra alternativa senão uma vida fora da lei. A violência é rotineira na vida de pessoas que moram em áreas periféricas, contudo, o relato está longe de ser mera apologia. Estes exemplos foram trazidos para refletirmos sobre o poder que preconceitos têm no momento em que analisamos qualquer coisa. Isso fica ainda mais latente quanto o objeto de observação toca em pontos sensíveis, difíceis de lidar e que são tratados como tabu.

Carreguei por muitos anos a cristalizada e errônea impressão de que os raps produzido pelos Racionais MCs e outros *rappers* faziam a vez de propaganda de uma vida criminosa e glamourizavam meios violentos como forma de sobrevivência. Graças a uma visão crítica mais apurada, somada ao ingresso no curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com 17 anos que pude refletir sobre o equivocado estigma que carregava comigo sobre o rap. Curiosamente meu pai

atualmente também se desfez destas impressões e passou a entender a profundidade da análise que os *rappers* fazem de suas realidades e que na verdade estão denunciando as mazelas que o povo preto e periférico do Brasil é obrigado a viver com. Hoje, formado aos 56 anos pela Universidade Federal Fluminense, também em História, ele é uma prova viva de como visões preconceituosas e rotuladas podem e devem ser modificadas através da educação. Como um professor ele agora reconhece que o rap, enquanto produção artística, é muito mais do que um gênero musical. É também aliado das Ciências Humanas que se prestam a analisar a fundo as raízes dos problemas que o Brasil enfrenta em seu dia a dia. Os versos dão voz aos que antes não possuíam, dão sonho de crescimento a quem só via incógnitas em seu futuro e expõe feridas que historicamente são colocadas por debaixo do tapete. É intrigante como o discurso capitalista das elites é capaz de penetrar nas classes mais pobres, nos moradores dos subúrbios e periferias brasileiras e fazê-los acreditar que estão mais próximos da burguesia milionária que só conhecem pela televisão, do que do jovem favelado, sem perspectiva de vida, que só enxerga no crime uma saída para sua vida.

Me aprofundar no rap e suas composições trouxe um olhar único sobre a realidade em que vivo e a do Brasil, no geral. Ao contrário do que comumente encontrei em minha trajetória acadêmica formal, o rap deve ser visto tanto como sujeito quanto teoria e, portanto, possuidor de significado próprio, produtor de sua teoria e, a partir dela, questionador da realidade em que se insere, trazendo uma visão completamente nova que não poderia ser alcançada exclusivamente dentro dos muros (na maioria das vezes excludentes) das universidades. bell Hooks, em *Ensinando a Transgredir* (2017), legitima o rap enquanto produtor de teoria capaz de educar ao afirmar que “nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público” (p. 89). Engana-se, portanto, quem acredita que a educação está intrinsecamente atrelada à estrutura formal de produção de conhecimento. Os meios alternativos dialogam com o público e criam caminhos para transformar a realidade. A teoria, por conseguinte, se firma como prática libertadora, mesmo através do rap.

Por que não pensar, por exemplo, os espaços conhecidos como Rodas Culturais, onde MCs se reúnem para rimar temas diversos através das Batalhas de Rimas, como espaços de educação não formal, visto que são extremamente importantes na construção política, identitária e política dos sujeitos participantes?

Em participação no programa de televisão “A Roda: Conexões”<sup>5</sup>, MC Estudante detalha um pouco mais sobre os tipos de Batalhas no trecho transcrito a seguir:

“As Batalhas de Rima são disputadas de duas formas: ou Batalha do Conhecimento ou Batalha de Sangue. Na Batalha do Conhecimento a plateia escolhe o tema que o MC precisa rimar e ele faz suas improvisações em cima do tema proposto. Na de Sangue, um MC “ataca” o outro, mas com brincadeiras sadias.”

Importante jogarmos uma lupa no que é o “conhecimento” presente nessas Batalhas. Por influência da academia, ou até da estrutura social eurocêntrica que vivemos, muitas vezes não reconhecemos locais não formais como produtores do tal “conhecimento”. Ora, antes de tudo, esses espaços estão longe de precisarem da validação academicista para se entenderem enquanto produtores teóricos. Além disso, sobre o mesmo tema, Hooks (2017) volta a contribuir com sua visão ao notar que “textos considerados ‘não eruditos’ e ‘não teóricos’ podem nos impedir de receber o reconhecimento e a consideração que merecemos”. Se os MCs transformam informação em conhecimento, constroem o enredo e as narrativas dentro das métricas e da harmonia estaríamos reproduzindo uma lógica limitante e opressora sobre o tema. Ao entendermos os MCs como produtores teóricos e consequentemente suas rimas como textos estamos reconhecendo e dando os devidos méritos ao que é produzido nas inúmeras praças brasileiras que recebem as múltiplas Rodas espalhadas pelo Brasil. Mano Brown, na música “Negro Drama” dos Racionais MCs, à sua maneira, traz o complexo debate de validação acadêmica e ocupação de espaços formais pelo hip hop com poucas palavras: “[...] seu filho me imita / No meio de vocês / Ele é o mais esperto / Ginga e fala gíria / Gíria não, dialeto.”

Toda essa complexidade e potencialidade do rap fez despertar em mim mais curiosidade para entender as raízes do que hoje se estrutura enquanto Cultura Hip Hop. Para tanto, traçaremos em seguida uma breve contextualização histórica do hip hop, passando pela Jamaica, Estados Unidos e, claro, Brasil, para compreendermos processos que influenciaram o cenário atual, além de termos específicos que não são familiares para quem não está inserido neste meio.

---

<sup>5</sup> A Roda: Conexões. *Globoplay*, 24 de set. de 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10964294/>>. Acesso em: 09 de jan. de 2023.

## 1.2 “O rap fez eu ser o que eu sou” – Uma breve história da Cultura Hip Hop e seus protagonistas

Ao começar o tópico citando novamente um trecho de “Negro Drama”, proponho que compreendamos melhor o processo de formação de uma Cultura que cada vez mais influencia no processo de formação de identidade inúmeros jovens periféricos, que não se reconhecem em outras manifestações culturais, mas veem no rap suas realidades retratadas, de forma nua e crua.

Como toda e qualquer manifestação cultural, o hip hop não surge pronto e muito menos cristalizado. Torna-se difícil, inclusive, determinar uma data ou local exato que represente uma espécie de origem desse movimento. Contudo, existem alguns pontos e acontecimentos que são imprescindíveis para se pensar o nascimento do hip hop e são eles que tentarei destacar nesse momento.

O Movimento Hip Hop, do ponto de vista histórico, é uma manifestação de cultura urbana que se forma no contexto da luta pelo fim das leis segregacionistas e por direitos civis da população negra nos Estados Unidos, como a criação do Partido dos Panteras Negras em 1968 e os protagonismos de Malcolm X e Martin Luther King. É nas ruas da periferia de Nova York, mais precisamente no Bronx, em meados de 1970, que festas frequentadas majoritariamente por jovens pobres, em sua maioria negros e latinos, começam a se tornar cada vez mais populares, formando toda uma cultura em torno desses eventos. Contudo, é essencial levarmos em conta uma outra importante fonte de influência naquele momento: a presença maciça da cultura jamaicana.

Vindos da América Central, os imigrantes jamaicanos traziam consigo na bagagem, além da esperança de uma vida melhor, fugindo de uma grave crise econômica que acometera a ilha, também práticas e elementos culturais que remetiam às matrizes africanas, como a oralidade e ritmos musicais. Fruto disso é a prática dos *sound systems* que rapidamente se popularizou nas ruas de Kingston e consiste, basicamente, numa estrutura com diversas caixas de som empilhadas, de forma a se criar uma espécie de “paredão sonoro” que reproduzia tanto músicas jamaicanas quanto de outros países, principalmente o blues americano. Contudo, aos poucos floresceu uma cultura de competição, onde saía mais prestigiado quem tivesse o sistema de som mais potente ou que atraísse mais pessoas para seus

arredores. Junto à aparelhagem sonora, disputas de rimas visando desqualificar outros *sound systems* rivais eram incentivadas. Tal estilo foi fundamental para que se desenvolvesse uma categoria de canto-falado que é, na realidade, uma das características mais notadas quando se pensa sobre o rap.

Uma figura capital nesse processo foi o, também jamaicano, DJ Kool Herc que, ao se mudar para o Bronx e organizar festas em comunidades afro-americanas e latinas, levava o seu próprio sistema de som, chamado *Herculords*, e se tornou grande influência para diversos grupos que se formaram posteriormente. Ele foi o primeiro a usar técnicas de *DJing* para prolongar os riffs musicais dos discos, criando assim a base para o ritmo constante dos *beats* do hip hop. Isso permitiu que os dançarinos fizessem *breakdance* por mais tempo e deu origem ao nome "breakbeat".

Além de DJ Kool Herc, outros DJs como Grandmaster Flash, Afrika Bambaataa e Frankie Knuckles também desempenharam papéis-chave na criação e popularização do hip hop. Eles desenvolveram novas técnicas de *DJing*, como o uso de dois toca-discos e o "scratching" (ato de interferir manualmente sobre o contato do LP e da agulha do toca-discos, produzindo um efeito de som distorcido, até hoje muito característico do movimento rap) que se tornaram fundamentais para o som do hip hop.

No geral, os primeiros elementos do hip hop eram o *MCing* (rappin), o *DJing* (tocar os discos), o *breakdance* e o grafite. O *MCing* se originou como uma forma de os DJs anunciarem suas festas e suas próprias habilidades, mas logo evoluiu para se tornar uma forma de expressão artística em si mesma. Os primeiros MCs começaram a improvisar rimas sobre os beats dos DJs, criando assim o modelo basilar do rap atual. O *breakdance*, também conhecido como *break*, era a dança principal nas festas de hip hop. Ele se originou como uma forma de os dançarinos mostrarem suas habilidades e competirem entre si. Os primeiros dançarinos de *break*, conhecidos como "b-boys" e "b-girls", desenvolveram movimentos acrobáticos visualmente impactantes e com nomes próprios, como "toprock", "downrock" e "freeze". Já o grafite, por sua vez, se originou como uma forma de os jovens marcarem suas comunidades com sua arte e reivindicarem espaço. Inicialmente visto como vandalismo, o grafite logo se tornou uma forma de expressão artística valorizada e respeitada. Hoje não é raro nos depararmos com grandes murais elaborados, cada um com uma técnica específica desenvolvida por um grafiteiro.

Um efeito imediato do nascimento do Movimento é a tentativa, através da arte, de barrar as disputas entre as gangues que existiam nos bairros do Bronx e Harlem em Nova York. As disputas antes feitas através da violência física foram transportadas para as batalhas de rima: o improviso no verbo, as danças e os bailes passaram a ser os espaços onde essas “guerras” ocorriam e surgiram iniciativas em torno da cultura Hip Hop, como por exemplo a *Universal Zulu Nation*<sup>6</sup>.

Apesar de tudo, soa até pretensioso tentar determinar uma origem fiel do Movimento Hip Hop, entretanto, é notória a forte ligação com o processo de diáspora africana, uma vez que este é composto por elementos de ancestralidade africana e ações de resistência aliadas à condição de vida das pessoas negras nas Américas e no Caribe. Afrika Bambaataa, já citado, ficou conhecido em sua época como herdeiro cultural da tradição oral dos griôs africanos. Ou seja, a origem supostamente “verdadeira” não deve ser nosso objetivo final. Na realidade, torna-se mais primordial considerar todas as possíveis explicações e referências e delas tirar lições para compreender todo o processo de formação desta cultura específica. Independente do caminho que trilhou até chegar ao Brasil, com ou sem escalas, direta ou indiretamente, o rap é fruto da ancestralidade africana.

Ao se fortalecer nos guetos de Nova York, o hip hop se disseminou para outras áreas do globo, obtendo força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiente infraestrutura sócio urbana<sup>7</sup>, como é o caso das grandes cidades brasileiras. O Brasil, que tem uma forte tradição hip hop, com raízes nas periferias das grandes cidades, onde os jovens usavam a música e a dança como forma de expressar suas lutas e aspirações. Contudo, não é possível traçar qualquer panorama histórico sobre o rap por aqui, por mais breve que seja, sem citar a origem dos Racionais MCs.

Em meados da década de 1980, em São Paulo, a cultura hip hop ganhava cada vez mais espaço nas ruas, através de encontros motivados pelo *break dance* que atraíam dançarinos, DJs, jovens e curiosos para o Largo São Bento, na região central da maior capital do país. O espaço, por abrigar uma estação de metrô,

---

<sup>6</sup> A Universal Zulu Nation foi o maior grupo de hip hop de sua época. Concebida e criada em 1973 por Lance Taylor, nome de batismo de Afrika Bambaataa, a Zulu Nation trazia diversos preceitos de respeito ao próximo, paz, união e diversão.

Ver mais em: GRIOT URBANO, Bambaataa, Zulu Nation e o Conhecimento [Ep.3] (1ª Temporada). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KwDz0drMyFo>>. Acesso em: 10 de jan. de 2023.

<sup>7</sup> SOUZA, Gustavo. Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop. *Animus: revista interamericana de comunicação midiática*, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 68-77, 2004.

oferecia uma vasta área que foi informalmente reservada aos sábados para receber encontros de grupos de dança. Foi lá que Mano Brown (Pedro Paulo) e Ice Blue (Paulo Salvador) se encontraram com KL Jay (Kléber Simões) e Edi Rock (Edivaldo Pereira) e começaram a estruturar o que viria a ser o Racionais MCs, nome inspirado pelo disco “Tim Maia Racional Vol. 1”<sup>8</sup> gravado por Tim Maia em 1975.



(Largo São Bento lotado para uma apresentação de *break dance*, em meados dos anos 80)

Desse encontro, surgiu a primeira produção sob o nome do grupo, que consistiu em duas faixas, “Tempos Difíceis” e “Pânico na Zona Sul”, presentes na coletânea “Consciência Black, Vol. I”<sup>9</sup> (1988). Daí, ganhando cada vez mais espaço na cena do rap paulistano e também chegando às rádios, o Racionais gravou dois discos, em 1990 e 1991, sendo o primeiro intitulado “Holocausto Urbano”<sup>10</sup> e o segundo “Escolha O Seu Caminho”<sup>11</sup>. Ambos trouxeram discussões não só para as letras do grupo, que já possuíam caráter crítico e de denúncia social sobre as mazelas das periferias, mas também pelos seus títulos e capas, já que a palavra holocausto raramente é usada em outro contexto que não seja referente à violência sofrida pelos judeus durante Segunda Guerra Mundial e em “Escolha O Seu Caminho”, a capa mostra os integrantes com armas nas mãos e simulando o uso de drogas, enquanto a contra capa já exibia outra cena. No lugar de armas, drogas e dinheiro, com Brown e seus parceiros de grupo rodeados de livros, estudando, numa clara alegoria sobre a realidade de muitos jovens que se veem numa encruzilhada:

<sup>8</sup> MAIA, Tim. *Tim Maia Racional Vol. 1*. Rio de Janeiro: Vitória Régia Discos, 1975.

<sup>9</sup> Coletânea. *Consciência Black Vol. I*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

<sup>10</sup> RACIONAIS MCS. *Holocausto Urbano*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

<sup>11</sup> RACIONAIS MCS. *Escolha seu Caminho*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1992.

seguir o caminho “formal” dos estudos e preparação para o mercado de trabalho, ou recorrer ao crime como perigoso meio de sobrevivência e enriquecimento.



(Capa e Contra Capa do disco *Escolha O Seu Caminho*, de Racionais MCs, 1991)

Nesse momento, o grupo já se posicionava em evidência a nível nacional, rompendo barreiras que limitavam sua influência apenas na cena cultural paulistana. E foi assim que em 1993 um dos seus álbuns de maior sucesso foi produzido. Com o título de “Raio X Brasil” e lançado sob o selo da *Zimbabwe Records* – que também havia lançado os trabalhos anteriores –, o álbum contou com oito faixas, sendo três de maior repercussão naquele momento: “Fim de Semana no Parque”, “Mano na Porta do Bar” e “Homem na Estrada”, música que ganhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos da Arte (APCA) como a Melhor Música de 1994. Interessante desse dado é destrinchar um pouco o efeito e o ineditismo do prêmio. Considerado por muitos a mais tradicional premiação brasileira na área de cultura, o Prêmio APCA causou surpresa à época quando levou seus holofotes ao trabalho de quatro jovens da periferia paulistana que não faziam parte de nenhuma grande gravadora, condição relevante a se refletir quando falamos sobre o espaço que artistas independentes têm na grande mídia e no mercado fonográfico brasileiro. Contudo, Mano Brown argumenta que, a despeito do prêmio ser muito valorizado no meio artístico, a vitória de “Homem na Estrada” não rendeu frutos, em termos de divulgação, para o grupo. O *rapper* argumenta que o salto para o grande público aconteceu mesmo com o prêmio do canal de televisão MTV de melhor clipe do ano de 1998 para “Diário de um Detento”, música do álbum “Sobrevivendo no Inferno”,

do mesmo ano<sup>12</sup>. A fala de Brown pode ser atestada numa rápida consulta aos bancos de dados de jornais da época, visto que poucos noticiaram o evento, e dentre os que abordaram o assunto, como o *Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, o nome dos Racionais MCs sequer é citado<sup>13</sup>, mesmo saindo vencedor do principal prêmio do evento.

Como um todo, as letras dos Racionais já abordavam temas pouco presentes em outros gêneros da música brasileira, muitas vezes em tom de denúncia. Temas como o racismo estrutural, a desigualdade social, a violência nas periferias e o descaso estatal para com as pessoas mais pobres apareciam já nas primeiras composições deles e “Homem na Estrada” não é uma exceção. A canção, como muitas dos Racionais e a grande maioria do rap mundial, utiliza batidas (ou *beats*) feitas por um DJ somadas à *samples*, ou seja, pequenas amostras de outras músicas, podendo ser de outros compositores, outros gêneros e de outros países. “Homem na Estrada”, por exemplo, faz uso desse recurso ao se apropriar da melodia de “Ela Partiu”<sup>14</sup> do cantor Tim Maia. Em determinado momento, inclusive, a própria voz do intérprete original se junta à de Mano Brown para formar uma espécie de dueto, já que o *rapper* aborda a ida do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) à sua comunidade, fazendo diversas perguntas, sobre as residências, pessoas, mas sem nunca retornar, e Tim Maia reforça “e nunca mais voltou!”. É importante frisar essa característica do rap enquanto gênero musical. O uso de *samples* é comum até hoje e não deve ser confundido como uma espécie de plágio. Artistas e produtores aplicam esse recurso muitas vezes como forma de homenagem. Cabe recordar que os Racionais têm esse nome por conta de um trabalho do próprio Tim Maia.

À essa altura, o sucesso dos Racionais MCs era nacional, mas alcançava majoritariamente as áreas mais pobres desses locais. O que os catapultou a serem conhecidos em praticamente todas as esferas sociais foi o trabalho “Sobrevivendo

---

<sup>12</sup> Presente em: MANO BROWN. Entrevista a Spensy Pimentel. Teoria e Debate, n. 46. São Paulo, nov./dez. 2000/jan. 2001, sem paginação. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br/2000/11/15/mano-brown/>>. Acesso em: 14 mar. de 2022.

<sup>13</sup> Presente em: CARDEAL, Fátima. “APCA faz festa para os melhores de 1994: Cerca de 90 artistas serão homenageados hoje pela associação no Teatro Municipal”. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 28 mar. 1995, p. 55. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19950328-37050-nac-0055-cd2-d3-not/busca/APCA>>. Acesso em 14 mar. 2022.

APCA premia amanhã melhores de 94. Folha de S. Paulo. São Paulo, 28 mar. 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/3/28/ilustrada/13.html>>. Acesso em 14 mar. 2022.

<sup>14</sup> MAIA, TIM. Ela Partiu. In: Tim Maia. *Tim Maia e Convidados*. Rio de Janeiro: Underground, 1977.

no Inferno”<sup>15</sup> de dezembro de 1997. Ice Blue afirma no documentário “Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo”<sup>16</sup> que o álbum foi sua “carta de alforria”, mas Mano Brown tem suas ressalvas, já que, na mesma película afirma que este foi o disco que mais os afastou da favela, mas “o povo da faculdade que adorou”. Essa fala é de extrema importância, visto que escancara um problema notório das faculdades brasileiras, que é o distanciamento da realidade mais pobre do país.

No documentário, os próprios integrantes refletem que, após um breve hiato, o quinto álbum de estúdio do grupo, “Nada como um dia após o outro dia”<sup>17</sup> (2002) foi o que os reaproximou das periferias. Transcrevo aqui, com pequenas adaptações, um trecho da fala de Mano Brown sobre a obra:

“O indivíduo da quebrada entendeu que ele era parte integrante do processo, que aquilo não era restrito ao Brown, Blue, mas algo para todos da periferia fazerem parte. Vários se organizaram, em diferentes quebradas, formando novos coletivos com rótulos, símbolos, bonés, que representassem as especificidades de cada realidade, mas com orgulho e identidade. Valorização da própria quebrada, de se ver como parte viva do organismo de sua própria periferia. Sem se enxergarem, porém, apenas como enganada e oprimida. A concepção do periférico como submisso e alienado passa a ser questionada neste álbum”<sup>18</sup>

KL Jay, DJ dos Racionais, nomeia os sentimentos envolvidos na obra, “uma mistura de ambição, com afronta, com autoestima, com independência”. O *rapper* Dexter, considerado informalmente como o quinto integrante do grupo, muito por conta de diversos trabalhos em conjunto e participação em shows, cita Malcom X dizendo que “as únicas pessoas que realmente mudaram a história foram aquelas que mudaram o conceito dos homens a respeito de si próprios” e afirma que os Racionais MCs conseguiu fazer isso com uma geração de pessoas.

É claro que o sucesso dos Racionais MCs renderia frutos em termos de influência e hoje é raro algum *rapper* brasileiro não os citar como um de seus maiores exemplos. Um nome recorrente nesta dissertação e que abertamente se inspirou neles é o de Emicida. Com o nome de batismo de Leandro Roque de Oliveira, o *rapper* criou seu apelido a partir da junção das palavras “MC” com “homicida”, fazendo referência às diversas batalhas de rima em que saía vencedor.

<sup>15</sup> RACIONAIS MCS. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997.

<sup>16</sup> RACIONAIS: *Das Ruas de São Paulo pro Mundo*. Direção: Juliana Vicente. Produção: Preta Portê Filmes. São Paulo: Netflix, 2022.

<sup>17</sup> Racionais MCS. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.

<sup>18</sup> Racionais (2022). Op. cit.

Entretanto, com o tempo Emicida passou a ser usado como um acrônimo que significa “Enquanto Minha Imaginação Computer Insanidades Domino a Aрте”<sup>19</sup> tentando se desvencilhar do violento significado inicial.

Começando a gravar seus raps por volta de 2005, Emicida narrou sua realidade em suas composições, abordando violência e miséria, fazendo diversas referências históricas contrapostas com seu difícil presente. Dentre vários de seus trabalhos, o título de sua primeira *mixtape* impressiona, pois referencia (e é uma constante lembrança de) tempos desafiadores que passou em sua vida. “Pra Quem Já Mordeu Um Cachorro Por Comida, Até Que Cheguei Longe...”<sup>20</sup> possui vinte e cinco faixas e é, além de lembranças de um passado difícil, um retrato fiel do que um jovem negro e periférico enfrenta no dia a dia das periferias.

A história de Emicida no rap já mereceria destaque por si só, mas sua atuação como empresário, escritor e apresentador é igualmente digna de registro. Junto de seu irmão, o também cantor, Evandro Fióti, cria a produtora Laboratório Fantasma inicialmente atuando na área musical, mas que logo ampliou suas atividades, desenvolvendo também peças de vestuário no geral, chegando a participar constantemente do prestigiado evento de moda *São Paulo Fashion Week* e atuando no mercado editorial de livros, por onde o próprio Emicida lançou dois livros infantis, um intitulado “Amoras” (2019) e outro “E foi assim que eu e a Escuridão ficamos amigas” (2020).

A produtora Lab Fantasma, como também é chamada, em 2020 foi alvo de críticas por conta da política de precificação de suas peças expostas na passarela. Sobre o assunto, Emicida em entrevista para o programa de televisão “Roda Viva” da TV Cultura, foi contundente em sua análise:

“Eu conheço a cadeia produtiva com a qual eu trabalho, eu sei quanto ganha uma costureira. Eu não vou vender uma camiseta a R\$ 9,90 para colocar uma mulher ganhando um salário de miséria, uma mulher que podia ser minha mãe, entendeu? Quem tem que se questionar sobre o preço das coisas que vendem, são as pessoas que conduzem essa cadeia de uma forma irresponsável. Que mantém pessoas em sistema de produção análogos à escravidão. A gente não se relaciona com isso. Todas as pessoas que se vinculam com a Laboratório Fantasma, seja em qualquer função, essas pessoas usufruem dessa conquista. E é por isso que no nosso desfile de moda as costureiras tão lá na primeira fila chorando e

---

<sup>19</sup> Emicida: História, carreira e grandes sucessos do rapper. *Deezer*. 23 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://www.deezer-blog.com/br/emicida/>>. Acesso em 05 de jan. de 2023.

<sup>20</sup> EMICIDA. *Pra Quem Já Mordeu um Cachorro Por Comida, até que eu Cheguei Longe...* São Paulo: Laboratório Fantasma, 2009.

emocionadas, porque elas nunca tinham experimentado costurar uma roupa e poder assistir aquilo ser lançado, junto com os jornalistas chiques, com os críticos de moda fudidos, junto com os empresários, junto com os artistas. Isso é uma conquista coletiva, isso é o hip hop.”<sup>21</sup>

Ao relatar, mesmo que de forma resumida, as histórias do Racionais MCs e de Emicida, não tenho a intenção de limitar a construção do hip hop brasileiro com base nestes dois nomes. Acredito que cada profissional que se debruçar sobre o recente passado do rap brasileiro irá destacar artistas diversos, demonstrando a riqueza e diversidade que esse estilo musical tem em nosso país. São vários os que escreveram (e escrevem) seu nome na “calçada da fama” do rap nacional e, por limitação prática, não posso falar de todos aqui. Sabotage, Dina Di, Negra Li, Fação Central, Pavilhão 9, MC Marechal, são alguns exemplos de *rappers* de uma geração passada que continuam a influenciar o que se produz hoje. É partindo deste ponto que pretendo desenvolver o próximo tópico desse capítulo, onde iremos nos aprofundar sobre a cena atual, seus diferentes (e novos) estilos estéticos e nomes que são importantes quando falamos de hip hop brasileiro no século XXI.

### **1.3 “A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar” – A cena atual, variações e herdeiros do legado**

Uma das verdades (pelo menos até o momento) absolutas no que tange ao tempo é que não podemos prever o que acontecerá no futuro. Mesmo com todos os dados do passado, o que vem a seguir é algo incontrolável. Porém, Mano Brown ao compor o verso que dá nome a este tópico fez uma previsão certa. Com ela, foi capaz de reconhecer o caráter revolucionário que os Racionais MCs e seus contemporâneos promoveram na música brasileira dos anos 90, mas também vislumbrou todo o potencial de criar algo novo da próxima geração de *rappers* que os sucederiam.

Neste subcapítulo abordaremos um pouco sobre o cenário atual do rap, objetivando ser uma porta de entrada para qualquer profissional da educação que

---

<sup>21</sup> RODA VIVA. Emicida responde: Um moletom da Laboratório Fantasma é muito caro? Youtube, 27 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fPNqaC2aae8>>. Acesso em 11 de jan. de 2023.

queira se aprofundar sobre essa área e não sabe muito bem por onde começar. É claro que, como efeito de qualquer lista elaborada, nomes importantes ficarão de fora, mas o ponto central é não ser algo muito extenso, mas sim introdutório.

Uma das características marcantes do rap enquanto estilo musical é o constante uso de referências em suas letras e *beats*. Não é incomum que *rappers* citem outros em suas composições, na maioria das vezes como forma de homenagem e exaltação, contudo em outras vezes o tom não é tão amistoso assim, como no caso das *diss tracks*<sup>22</sup>. Em relação aos *beats*, muitos aparecem no formato de *samples*, como falado no tópico anterior. O *rapper* mineiro Djonga, encerra sua canção “Junho de 94”, com seis *samples* diferentes, na intenção de congregar os ideais expostos nos trechos referenciados visando concluir a narrativa construída na que foi usada como canção-base. As músicas *sampleadas* e os trechos, em ordem, são “Esquiva da Esgrima” (“Falar demais, chiclete azeda) de Criolo, “Jesus Chorou” (“Zé povinho é o cão”) e “Negro Drama” (“Nós é isso, aquilo. ‘Cê não dizia?”) Racionais MCs, “O Mundo é Nosso” (“Pretos no topo e eu falava sério”) de um álbum anterior do próprio Djonga, “Estilo Livre” (“Nós somos zica”) do *rapper* carioca Filipe Ret e, por fim, “Beira de Piscina” (“Xô devolver o orgulho do gueto, e dar outro sentido pra frase: ‘tinha que ser preto’”) de Emicida. Esse é um excelente exemplo de como o uso de *samples* e referências no rap não são feitas de forma gratuita, mas visando somar com os ideais expostos na nova composição<sup>23</sup>.

Preferi começar abordando este tema para reforçar como a troca de citações nos versos de rap é comum e ajuda a construir um sentimento de comunidade entre os artistas. Isso leva, muitas vezes, a uma impressão de “passar o bastão”, onde o *rapper* mais antigo valida todo o talento de outro mais novo, ao incluí-lo em suas composições. Por exemplo, MC Marechal, *rapper* carioca que participa do cenário do rap brasileiro desde os anos 90, chancelou o talento da nova geração, emulada no nome de três *rappers*, BK, Sant e Síntese, nos versos de “Primeiro de Abril”<sup>24</sup>:

<sup>22</sup> As *diss tracks* são faixas compostas com trechos voltados a atacar alguém ou um grupo específico. Não se limitam ao rap, mas são mais comuns neste estilo. *Diss* é uma abreviatura para *disrespect* (desrespeito) e se popularizaram nos anos 90 nos Estados Unidos. No Brasil, uma famosa *diss* foi “Sulicídio”, de Baco Exu do Blues, onde seu alvo das ofensas foram *rappers* do eixo Sul e Sudeste brasileiro. Ver mais em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/02/26/o-que-e-diss-composicoes-sobre-tretas-artisticas-viraram-genero-musical.htm>>. Acesso em 12 de jan. de 2023.

<sup>23</sup> Caso o assunto interesse algum leitor de forma mais específica, recomendo o uso do site <<https://whosampled.com>> que, com uma plataforma simples e intuitiva, detalha todos os *samples* usados em inúmeras canções.

<sup>24</sup> MC MARECHAL, Primeiro de Abril. In: *Primeiro de Abril*. Single. #VVAR: Rio de Janeiro, 2017.

“Antigamente nós contava relevância pelo número de Gabriel, D2 e Bills / Speeds e Gustavo Black / Hoje agradece a BK, Síntese e Sant / Cês são o futuro, porra (Fala pra eles que é o rap) / E que só existe um tipo de MC / O “foda-se o ego e vamos nos unir”

Partindo para o momento de elaborar a lista de sugestões de nomes e canções, mesmo alguns já citados neste trecho, a organizarei em dois grupos distintos. O primeiro será composto de músicas clássicas, que marcaram época no rap nacional, principalmente nos anos 90 e início dos anos 2000. Já o segundo será composto de canções lançadas mais recentemente e que pode conter também *rappers* mais antigos. Importante citar que os critérios de escolha são variados, mas que no geral são canções que abordem em seus versos os problemas que a população negra e periférica do Brasil enfrenta em sua rotina. São composições que, antes de tudo, se propõem a refletir profundamente sua realidade e denunciar as mazelas impostas aos mais pobres. Em ordem alfabética exponho abaixo o conjunto que englobará clássicos do passado:

- 509-E e Dexter: “De 90 pra Cá”, “Oitavo Anjo” e “Saudades Mil”
- Facção Central: “Estrada da Dor 666”, “Eu Não Pedi pra Nascer” e “Hoje Deus Anda de Blindado”
- GOG: “É o Terror”, “Matemática na Prática”, “Periferia Segue Sangrando” e “Quando o Pai se Vai...”
- MC Marechal: “Griot” e “Primeiro de Abril”
- MV Bill: “Soldado do Morro”
- Racionais MCs: “A Vida é Desafio”, “Capítulo 4, Versículo 3”, “Diário de um Detento”, “Fim de Semana no Parque”, “Fórmula Mágica da Paz”, “Homem na Estrada”, “Jesus Chorou”, “Negro Drama”, “Pânico na Zona Sul” e “Vida Loka Pt. 1 e 2”
- RZO: “O Trem” e “Paz Interior”
- Sabotage: “Canção Foi Tão Bom”, “Na Zona Sul”, “Rap é compromisso!”, “Respeito é pra quem tem” e “Um Bom Lugar”.

Já entre produções mais novas, que, por diversos motivos, inclusive mercadológicos, encontram mais eco entre os jovens, estão estas obras:

- ADL: “Favela Vive 1”, “Favela Vive 2”, “Favela Vive 3” e “Favela Vive 4”
- BK: “Caminhos”, “Continuação de um sonho”, “Julius” e “Movimento”
- Cesar MC: “Antes que a Bala Perdida Me Ache” e “Canção Infantil”

- Djonga: “Conversa com uma menina branca”, “Hat-Trick”, “Junho de 94”, “O Mundo é Nosso”, “Olho de Tigre” e “Ufa”
- Don L: “Favela Venceu”, “Primavera”, “Vila Rica” e “Volta da Vitória”
- Emicida: “AmarElo”, “Beira de Piscina”, “Boa Esperança”, “Cê Lá faz Ideia?”, “Mandume”, “Outras palavras”, “Pra não ter tempo ruim” e “Principia”
- Funkero: “História Oculta”
- Leall: “Esculpido a Machado”, “Faça Dinheiro, Se Mantenha Vivo”, “Pedro Bala” e “Pela Minha Área”
- Major RD: “Como é que Tá?”
- Rincon Sapiência: “A Coisa Tá Preta”, “Mundo Manicongo” e “Ponta de Lança (Verso Livre)”
- Sant: “O Tempo Passou”, “O Que Separa os Homens dos Meninos” e “Pertence ao Crime”

Repito o comentário feito antes. Toda lista, seja ela o mais completa possível, não conseguirá abarcar todos os nomes e agradar a totalidade de pessoas que tenham acesso a ela. O objetivo aqui é apenas indicar um norte de exploração para que, a partir disso, cada profissional que queira trabalhar junto com o rap construa seus próprios caminhos. Além disso, visando auxiliar quem queira explorar novos nomes que diariamente surgem na cena do rap brasileiro, friso ser necessário detalharmos um pouco mais os estilos e estéticas particulares que existem dentro do próprio rap.

Assim como todos os outros estilos musicais, o rap não pode ser completamente definido por uma lista de características específicas. É claro que não tenho a pretensão de definir o que é ou não rap. Contudo, é importante pontuar algumas características em comum dentre variadas estéticas. A melodia na fala traduzida em rimas feitas com ritmo (chamadas de *flow*), acompanhadas de *beats* feitos por DJs constituem uma base de onde podemos partir para destrinchar um pouco mais outros tipos de rap. Se recorrermos à referência dos primeiros *rappers*, sejam estes brasileiros ou de outros países, estes também irão adicionar que só a rima vazia não pode ser enquadrada como rap. MC Marechal, na canção “Griot”, dá seu recado: “Falo que flow não é porra nenhuma / Se não tiver nada de informação, né não?”. Inegavelmente este é um terreno espinhoso, e meu objetivo aqui se limita a apresentar modelos que comumente são enquadrados como rap nos dias atuais, porém sem qualquer aspiração de ser uma espécie de juiz avaliador que confere

legitimidade às coisas. Portanto, apresentarei algumas variações, sem entrar neste juízo de valor.

Como já dito, existem diversas estéticas dentro rap e muitos MCs flutuam entre elas sem se prender a só uma. As já citadas *disstracks*, por exemplo, abdicam da suposta missão do rap de passar uma visão crítica sobre sua realidade e preferem dispor seus versos para atacar outros *rappers*. Já o *drill* é uma vertente que aposta em *beats* mais sombrios e pesados, com graves bem marcados, com letras de caráter mais niilista e violento. Um representante atual deste estilo é o *rapper* Leall. Hoje esse tipo de rap ganhou tantos fãs que passou a ter uma cara mais brasileira, sendo chamado de *BR Drill* ou *BRill*<sup>25</sup>. Outro fator que deu mais visibilidade é a semelhança, em termos técnicos de produção, com o funk. Especialmente no Rio de Janeiro, atualmente é difícil classificar em conceitos cristalizados se um MC é um *rapper* ou um *funkeiro*. MC Cabelinho é um nome que paira entre os dois estilos. Outro artista, Puterrier, vem sendo recentemente creditado como o pioneiro do *atabagrime*, um estilo de produção que mescla os sons do *grime*<sup>26</sup> londrino com os atabaques populares no Brasil, não só os utilizados no funk, como também os que fazem parte da influência musical africana<sup>27</sup>.

Contudo, não é possível abordar as diferentes estéticas do rap atual se não nos debruçarmos sobre a oposição entre o boom bap e o trap. DJ Neew define os dois estilos da seguinte forma:

“O boom bap é um estilo de batida clássica do rap, originária do soul e do funk em forma de loop que foi e ainda é responsável pelos maiores clássicos da história do rap mundial, grandes produtores como DJ Premier, Pete Rock, 9th Wonder, J Dilla, entre outros, marcaram a cena com o estilo de bateria que transcende o rap e pode ser percebido em diversos outros estilos musicais. O trap surgiu no decorrer dos anos 1990, mas só deu uma grande repercussão após 2008/2009. É um estilo de instrumental geralmente com um BPM (batidas por minuto) menor que o boom bap, possui um bumbo com um grave mais potente (808) e caixa mais fraca, geralmente clap. Outra característica do instrumental trap é que em

---

<sup>25</sup> Caso o leitor queira se aprofundar no tema, recomendo a leitura do artigo: O que é o drill? Vertente do rap tem conquistado fãs no Brasil. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/o-que-e-o-drill-vertente-do-rap-tem-conquistado-fas-no-brasil>>. Acesso em 11 de jan. de 2023.

<sup>26</sup> Para entender melhor o que é o grime, ler mais em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/sabe-que-grime-fois-genero-ingles-ganha-forca-no-brasil-ao-se-misturar-com-funk-pagodao-samba-reggae-25123941>>. Acesso em 11 de jan. de 2023.

<sup>27</sup> Ler mais em: <<https://www.canalraprj.com.br/2022/10/07/puterrier-lanca-o-single-atabagrime/>>. Acesso em 11 de jan. de 2023.

sua minoria é feito uso de sampler deixando mais evidentes sons de efeitos, sirenes e repiques de chimbau e bateria.”<sup>28</sup>

A definição a partir de termos técnicos de produção já nos indica relevantes diferenças, mas existem, também, distinções em relação à produção lírica. Atualmente os *trappers* têm tido bastante espaço comercial no mercado brasileiro. Nomes como Matuê, Orochi, MD Chefe, Filipe Ret, L7nnon, Poze do Rodo e Xamã constantemente estão presentes em grandes shows de rap com letras que pouco, ou nada, denunciam a realidade mais pobre do Brasil. À exceção de Poze do Rodo, que abertamente já reconheceu que viveu no crime e coloca isso em suas letras, os outros artistas citados produzem canções mais preocupadas em valorizar carros novos, acumulação de dinheiro, joias e roupas caras, além do constante uso do sexo enquanto tema. Baseado apenas em minha experiência em sala de aula, sem rigorosos parâmetros de observação científica, atualmente os *trappers* são muito mais conhecidos do que nomes como Racionais MCs, por exemplo. As chamadas “músicas de velho” deram espaço a letras que não se preocupam em dar voz aos marginalizados e excluídos. Não escrevo este trecho afirmando que esse processo necessariamente é uma coisa ruim. Acredito ser fruto de inúmeros fatores que influenciam no mercado fonográfico que não possuo suficiente propriedade para dissecar, mas é inegável a força que o trap tem hoje em detrimento aos *rappers* que ainda mantém um compromisso com a filosofia formada no surgimento do movimento hip hop.

Todas essas questões estão em aberto e não é necessário encontrar um ponto final para elas. Mudanças estéticas dentro de um estilo musical são coisas naturais e é um processo que já aconteceu com todos os outros. O perigo, na verdade, é tentar estabelecer parâmetros que confirmam a determinada canção um *status* de “verdadeiro” ou “legítimo”, visto que, para que tais classificações existam, pressupõem-se que são produzidos raps falsos, sem validade, o que não é o caso. Cada compositor e produtor musical do rap seguem seu estilo, muitas vezes variando entre eles e todos somam à (recente) história que está sendo construída em torno deste nicho específico. Se tomarmos como parâmetro as origens históricas da relação entre o ser humano e a música, o rap está apenas engatinhando e ainda

---

<sup>28</sup> DJ NEEW. Trap x boom bap, onde está o verdadeiro rap? *Bocada Forte*, 21 de jan. de 2017. Disponível em: <<https://www.bocadaforte.com.br/materias/entrevistas/trap-x-boom-bap-onde-esta-o-verdadeiro-rap>>. Acesso em: 11 de jan. de 2023.

produzirá novas variantes que promoverão mudanças profundas em suas estruturas iniciais.

Neste momento, o objetivo volta a ser a produção, em caráter de recomendação, de um leque de opções para o (a) professor (a) que queira investigar mais sobre a cultura hip hop. Para tal, divido algumas recomendações de produções audiovisuais que nos ajudam a termos um olhar mais intimista sobre a história do hip hop no Brasil, muitas vezes sob a ótica de quem participou ativamente deste processo.

Objetivando facilitar o acesso de quem quiser se aprofundar no assunto, elaborei uma *playlist* pública<sup>29</sup> no YouTube, maior site de hospedagem de vídeos do mundo, com 41 vídeos que abordam direta ou indiretamente, a trajetória do rap no Brasil, dos anos 80 até os dias atuais. Essa *playlist* será constantemente ampliada conforme novos vídeos forem sendo produzidos e/ou descobertos por mim.

Dentre as dezenas de produções, destaco algumas, como o documentário L.A.P.A.<sup>30</sup>, que segue a atividade cultural na Lapa, histórico bairro boêmio do Rio de Janeiro. Hoje em dia, o bairro também é um ponto de encontro para os MCs e o rap, e é esta a nova faceta do bairro que o filme examina. Além dele, as duas séries de entrevistas intituladas “Projeto de Pesquisa do Rap” e “Projeto: Rap, a voz de protesto dos poetas da periferia de SP” do canal Djalma Campos<sup>31</sup> em que, no primeiro, são produzidos vídeos com a participação de Ice Blue e KL Jay, membros dos Racionais MCs, além de Milton Salles, primeiro empresário do grupo, e, no segundo projeto, participam Nelson Triunfo, um dos precursores da cultura hip hop no país, e Marcelinho Back Spin, dançarino e coreógrafo, assíduo frequentador do Largo São Bento, tido como o berço do hip hop brasileiro.

Além destas obras, aponto também os dois longas metragens chamados de “O Rap pelo Rap” 1<sup>32</sup> e 2<sup>33</sup>, onde a narrativa é toda contada através de entrevistas de inúmeros *rappers*, que respondem questões como “Rap bom é rap antigo?” e “Qual o futuro do rap nacional?”. As películas estão disponíveis no YouTube, no

---

<sup>29</sup> O título da *playlist* é “Vídeos Recomendados sobre a História do Rap no Brasil”. Ela está disponível no link: <<https://youtube.com/playlist?list=PLw7-eFEHP6WfKHBArcdzwNUfuDQ38bL8V&feature=shares>>

<sup>30</sup> L.A.P.A. Direção: Emilio Domingos, Cavi Borges. Produção: Cavi Borges e Gustavo Pizzi. Rio de Janeiro, 2007.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/@CanalDjalmaCampos>>. Acesso em 12 de jan. de 2023.

<sup>32</sup> O Rap pelo Rap 1. Direção: Pedro Fávero. Produção: Fitaria Filmes. São Paulo: YouTube, 2015.

<sup>33</sup> O Rap pelo Rap 2. Direção: Pedro Fávero. Produção: Fitaria Filmes. São Paulo: YouTube, 2019.

canal de mesmo nome dos filmes<sup>34</sup>. Para fechar, sugiro a entrevista que MC Marechal concede no evento “Hip Hop Conhecimento” de 2018<sup>35</sup> e, mesclando comentários sobre o início de sua carreira, reflete também sobre a realidade da produção musical no Brasil, com seus desafios e potencialidades.

Reforço que todas as produções aqui recomendadas, sejam as canções ou as de caráter audiovisual, antes de tudo, devem servir como faíscas que despertarão ainda mais o interesse de se aprofundar na riquíssima cultura do hip hop brasileiro e mundial. Ao compreender o rap enquanto sujeito e estudá-lo, nos deparamos com fontes não tão habituais que nos acostumamos em nossas trajetórias acadêmicas, mas isso não quer dizer que são menos valiosas do que as de produção formal. Seria, inclusive, contraditório desvalorizar a oralidade ou a informalidade das fontes, já que estas que norteiam o pensar do rap desde seu surgimento. A poesia das esquinas surgiu no improviso, no terreno que antes parecia infértil, como Mano Brown recita em Vida Loka Pt. 1, “tenha fé, porque até no lixão nasce flor” e conseqüentemente muitas de suas fontes de estudo tem o repentino e o inesperado como elementos condicionantes.

Isso não quer dizer, porém, que não podemos estudar o rap sob a ótica de produtores intelectuais formais das mais diversas áreas, como a Sociologia, Pedagogia, História e o Ensino de Música, sob a ótica da luta antirracista, feminista e anticapitalista. E é isso que será proposto no próximo capítulo.

---

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/@orappelorap>>. Acesso em 12 de jan. de 2023.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GtNdDhWsRcU>>. Acesso em 12 de jan. de 2023.

## 2 “ÉS TEMA DA FACULDADE ONDE NÃO PODE PÔR OS PÉS” – PROPOSTA DE DEBATE BIBLIOGRÁFICO

Na canção “Boa Esperança”, Emicida tece uma crítica que expõe a contradição da relação acadêmica com um produto da cultura popular, como é o rap. Ao escancarar como as universidades não são inclusivas para o povo preto e periférico, mas lidam constantemente com temas que afetam essa parcela da população, o *rapper* toca numa ferida social ainda aberta.

Um dos equívocos mais comuns ao estudarmos o rap é trata-lo como objeto de estudo. Dessa forma, nós, enquanto sujeitos, acabamos, mesmo que sem querer, nos posicionando de uma forma hierarquicamente superior, numa condição de analista que “fala de” e não “fala com”. Ao desenvolver a relação sujeito-sujeito<sup>36</sup> passamos a sermos capazes de produzir conhecimento através do diálogo, dividindo a autoria do produto final. Este trabalho, portanto, não é feito por mim, apenas, mas sim a infinitas mãos. A canetada de um *rapper* se mostra tão ou mais potente do que se produz dentro dos limites acadêmicos. Portanto, essa dissertação não seria possível sem essa transformação da relação com o rap e todos os frutos que isso rendeu.

Neste capítulo, a epistemologia do rap será a referência para pensarmos o Ensino de História. Aqui, nem o rap é objeto e muito menos os alunos são passivos; ambos são produtores. Ao entendermos e aceitarmos o *rapper* enquanto intelectual, faz abrir um mundo de possibilidades para desenvolvermos um conjunto de práticas para transformar a relação entre educação e rap, estabelecendo-o, de forma definitiva, como parte do ensino.

---

<sup>36</sup> SETH, Sanjay. “Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?” *História da historiografia*, Ouro Preto, número 11, abril 2013, p. 173-189.

## 2.1 “Sem identidade, somos objeto da História” – O rap enquanto sujeito e sua relação com o Ensino de História

O rap é um gênero musical que tem sido usado como ferramenta pedagógica para a formação social do aluno. Paulo Freire e bell Hooks, dois importantes pensadores (e norteadores deste trabalho), destacam a importância do rap na educação por sua capacidade de conectar-se com os alunos de maneira significativa e colaborar para a sua formação. O objetivo deste tópico é dar início à análise do ensino de História sob a perspectiva de alguns teóricos que priorizam a abordagem pedagógica crítica, de libertação e antirracista em suas pesquisas. Com isso, busca-se propor soluções para práticas pedagógicas conservadoras, que mantêm a dominação e se manifestam em atitudes violentas contra grupos historicamente marginalizados no contexto escolar. Desta forma, a necessidade de estabelecer novas narrativas e trazer ao debate sociopolítico e filosófico a voz destes grupos é vista como intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de novas abordagens educativas.

Para Paulo Freire, a educação deve ser baseada em uma relação dialógica entre professor e aluno, onde ambos são atores ativos na construção do conhecimento. O rap, com sua natureza colaborativa e sua capacidade de expressar as lutas e experiências dos jovens, é uma ferramenta ideal para promover este tipo de educação. Ele permite que os alunos expressem suas próprias perspectivas e sejam ouvidos, o que é fundamental para o processo de formação social. Como afirma Sanjay Seth (2013): “Viver na história e desejar escrevê-la [...] é uma maneira específica de conceber o mundo e estar nele, ao mesmo tempo uma tradição de raciocínio, um jeito de ser, e uma prática específica da subjetividade”<sup>37</sup>. Ou seja, relatar seu dia a dia em versos, suas angústias, medos e incertezas através de rimas é uma forma de se fazer presente num mundo que, de forma sistêmica, não parece muito disposto a dar espaço para jovens negros e periféricos. O rap, portanto, é uma janela de oportunidade para que essas pessoas tenham voz.

bell Hooks também enfatiza a importância do rap na educação. Ela argumenta que ele é uma forma poderosa de resistência cultural, que permite que os jovens de

---

<sup>37</sup> SETH, 2013. *op. cit.*

comunidades marginalizadas expressem suas lutas e suas aspirações. Ela acredita que a cultura hip hop é uma forma de empoderamento para os jovens, lhes dando a oportunidade de serem ouvidos e de serem vistos como atores sociais. O rap, enquanto oralidade em si, possui um grande fator mobilizador. É um convite para a ação e para o engajamento da vida cotidiana, já que “celebramos e valorizamos teorias que pode ser, e são, partilhadas não só na forma escrita, mas também na forma oral” (HOOKS, 2017, p. 97)<sup>38</sup>. Além disso, bell Hooks, na página 103 da mesma obra afirma que

“não é fácil dar nome à nossa dor, teorizar a partir desse lugar. Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas. O trabalho delas é libertador”

Ao entendermos o rap enquanto sujeito produtor de teoria, com significado próprio e questionador da realidade em que se insere, confirmamos a potencialidade deste para educar pessoas. As (os) *rappers*, em suas composições, fazem exatamente o que Hooks descreve no trecho. Criam e teorizam a partir deste lugar de resistência. Podemos, portanto, enxergar o rap como prática libertadora, visto que “em sua produção jaz a esperança da nossa libertação; em sua produção jaz a possibilidade de darmos nome a toda nossa dor” (HOOKS, *op. cit.*, p. 104), portanto, um meio para que os subalternos enxerguem e reflitam sobre suas angústias.

A obra “Pode o subalterno falar?”<sup>39</sup> é um livro da teórica literária e feminista Gayatri Chakravorty Spivak que discute a questão da representação dos subalternos, grupos historicamente marginalizados e oprimidos, na teoria literária e na história. Spivak argumenta que os subalternos não têm a capacidade de se representar e falar por si mesmos, pois são silenciados pela dominação e opressão impostas pelos grupos dominantes. Ela também argumenta que as tentativas de representar os subalternos geralmente falham, pois são feitas por intelectuais de grupos dominantes que não compreendem plenamente as experiências dos subalternos. Portanto,

---

<sup>38</sup> HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir*. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

<sup>39</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. 2. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b.

“pensar a produção de discurso do sujeito subalterno é promover os ainda necessários deslocamentos, que perpassam linguagens, políticas, epistemologias, geografias e subjetividades que tradicionalmente se orientaram dentro de dicções, etnias, teóricos e lugares definidos” (PITTA, 2019)<sup>40</sup>

Assim, o rap, enquanto voz dos negros subalternos brasileiros, é uma linguagem que cria necessárias rachaduras no discurso dominante, permitindo a união entre indivíduos e acesso a espaços e discursos anteriormente inacessíveis, auxiliando numa melhor compreensão da relação entre poder, representação e subalternidade. O ensino de História, por essa ótica, se torna local de disseminação de novos pensamentos que estabeleçam métodos que garantam a autonomia e valorização dos saberes subalternos, contribuindo assim para combater práticas euro centradas, brancas e patriarcais que corroboram para a invisibilização do indivíduo e suas experiências.

A frase que abre esta subseção, retirada de “Mandume” de Emicida, deixa claro, portanto, a importância de valorizar e incentivar a produção identitária do rap para que ele se autoafirme enquanto sujeito de sua própria realidade, não mais sucumbindo às imposições que se implicam a partir de sua qualificação como mero objeto de estudo. É partindo deste local que iremos desenvolver o próximo ponto central de discussão, construindo de forma mais detalhada a forma como o rap se auto inscreve e com isso promove autonomia em relação às estruturas europeias coloniais que teimam em permanecer, sob forma de dominação, sobre áreas periféricas do globo.

## 2.2 “Levo o conto africano na mochila” – Rap, autoafirmação e emancipação

Para compreendermos um pouco melhor este tópico, que se inicia com “Outras palavras”<sup>41</sup> de Emicida, proponho nos debruçarmos inicialmente sobre os escritos de Achille Mbembe<sup>42</sup>. Como ele mesmo afirma (MBEMBE, 2001),

<sup>40</sup> PITTA, Alexandre Carvalho. “TIO, ESSA RIMA É MINHA VIDA”: o subalterno e a fala da rima em “Mandume”, de Emicida. 22ª Semana de Mobilização Científica – SEMOC - 2019, Salvador, 2019.

<sup>41</sup> EMICIDA. Outras Palavras. In: Emicida. *Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida, até que Eu Cheguei Longe...* São Paulo: Laboratório Fantasma, 2009, Faixa 20.

<sup>42</sup> MBEMBE, Achille. “As formas africanas de auto inscrição” *Estud. afro-asiát.* [online]. 2001, vol.23, n.1, pp.171-209

autoafirmação, autonomia e emancipação africanas – em nome das quais o direito ao próprio eu é afirmado – não são questões novas. A partir dele, iremos refletir de que forma o rap e suas letras, através do movimento hip hop, pode ser usado como elemento fundamental na desconstrução de estereótipos atrelados aos negros na sociedade brasileira, pensando a descolonização a partir deste estilo de música.

Dentro dessa ótica, é relevante atentar para a forma como o rap se encaixa na cultura brasileira, uma vez que é majoritariamente visto como uma expressão de cultura popular, e por isso, sofre com o preconceito manifestado de forma dissimulada, posto que o racismo explícito é condenado pelo poder jurídico. Isto é, a discriminação que reside sobre esse estilo de música denota uma suposta noção de superioridade da cultura branca em relação à negra<sup>43</sup>.

O engajamento político e social do rap motiva, por volta de duas décadas, constantes estudos e análises acadêmicas sobre o tema, valorizando a capacidade da música de retratar a realidade nas periferias brasileiras a partir de uma ótica interna, que muitas vezes não encontra espaço nas principais esferas midiáticas. O *rapper*, portanto, é visto como um porta-voz dessas comunidades, descrevendo o cotidiano em que está inserido de forma poética, porém sem deixar de lado as denúncias de discriminação, violência e segregações presentes em sua realidade. É a partir desse espaço de ascensão da sua voz que os artistas encabeçam um movimento que subverte a imagem histórica e depreciativa que antes era atribuída aos marginalizados, contribuindo assim para a construção de novas identidades dentro do meio em que estão estabelecidos.

Acontece que, ainda hoje, nos deparamos com pessoas que corroboram e repassam o discurso de que a produção cultural periférica é inferior ao que habitualmente é chamado de erudita. Você, leitor, quantas vezes já se deparou com declarações do tipo: “Rap? Funk? Isso nem é música, é barulho, ruído. Música de verdade é a clássica”. R. Murray Schafer em “O ouvido pensante” (2011)<sup>44</sup> define que ruído é o negativo do som musical, ou seja, “é o som indesejável. [...] É qualquer som que interfere. É o destruidor do que queremos ouvir” (p. 68-69) e faz a seguinte provocação: “Se você não gosta de uma peça de música, ela é ruído?” (p. 69)”. Contudo, se o rap permite a existência de voz ativa onde supostamente não existe;

---

<sup>43</sup> GUIMARÃES, A. S. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>44</sup> SCHAFFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. atual. Trad.: Marisa Trench Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: UNESP, 2011.

se confere oportunidade de fala aos marginalizados, excluídos e não-ouvidos, na realidade o estilo musical está dando espaço aos que produzem ruídos. Os sons que incomodam grande parte da população porque estes expõem problemas que a maioria quer esquecer ou fingir que não existem.

A obra de Schafer também aborda a questão da audição no contexto das relações sociais e culturais, argumentando que a forma como as pessoas ouvem é influenciada por suas experiências sociais e culturais. Dialogando com Grada Kilomba<sup>45</sup>, quando esta aborda sobre quem tem o poder de “legitimar” o conhecimento, quem aprova o que deve ser ou não estudado e qual deve ser deixado ao ostracismo, é de extrema importância nos perguntarmos: quem (ou o quê) legitima o que é música? Em que medida o rap ser classificado como poesia da (ou de) rua (des) legitima a produção musical? Falar da rua enquanto território é falar dos corpos que a ocupam. A rua, no Brasil, sempre foi atrelada ao incontrollável, à violência e ao caos. Logo, se o rap faz parte da rua, ele é agente causador dos problemas, ou, no “melhor dos casos”, é vítima da desordem. Responder tais questões é tarefa complicada e acredito que uma conclusão levaria outra dissertação para ser alcançada, mas são questionamentos válidos quando nos aprofundamos sobre os preconceitos que influem sobre a visão que parte da população tem sobre o hip hop.

Quando apenas aceitamos como música algo que foi produzido num contexto específico, em condições pontuais e com o objetivo de ser arte, nos dessensibilizamos. Tudo tem conteúdo estético, não só o que foi produzido para esse fim. Se não, é fácil taxar que música da periferia é barulho e legitimar a repressão violenta por parte da polícia. É importante lembrar que o samba, o maxixe e até o tambor do candomblé não eram vistos como música e sofreram (sofrem) com as consequências desta classificação limitante.

Voltando à obra de Mbembe (2011), vemos que a desvalorização da capacidade do povo negro de produzir arte, de criar um novo conceito de belo tem suas raízes no iluminismo. O autor afirma que o corpo negro, na visão do europeu, “não continha nenhuma forma de consciência, nem tinha nenhuma característica da razão ou da beleza”. Conseqüentemente, “seria legítimo excluí-los, tanto *de facto* como *de jure*, da esfera da total e completa cidadania humana: eles nada têm

---

<sup>45</sup> KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

que possa contribuir para o desenvolvimento do universal”. Sobrepondo essa reflexão em relação à forma como a cultura periférica muitas vezes é tratada nos dias de hoje, fica claro como esse pensamento ainda se perpetua, fazendo com que ainda paire na sociedade uma errônea ideia que o que tem sua origem na periferia não é capaz de agregar nada para o que se criou nas regiões centrais. O rap, portanto, sob olhares preconceituosos nunca é visto como inspirador e criador, apenas como apropriador do outro.

Os desdobramentos relacionados à questão racial na história brasileira sempre se fizeram presentes. Sob várias facetas, o racismo adentrou nossa cultura e se estabeleceu a partir de formas estéticas aceitáveis fazendo com que valores discriminatórios se estabelecessem no inconsciente coletivo dos brasileiros – reproduzidos até mesmo por indivíduos negros –, contribuindo para a formação de uma geração que ecoa tais preceitos e desconsidera a realidade de marginalização cultural, social e econômica da população negra.

Felizmente, diversas letras de rap podem abrir caminho para uma ressignificação da memória do povo negro dentro das aulas de História por meio das músicas. Dentro dessa ótica, o rap se torna um elemento chave para reconstruir concepções acerca da cultura afro-brasileira, incentivando, através dessa prática, o papel da escola enquanto terreno fértil para importantes debates, valorizando-a como protagonista no enfrentamento de qualquer tipo de discriminação.

bell Hooks, ainda em *Ensinando a transgredir* (2017) corrobora essa concepção sobre o poder transformador da educação. Contudo, não sem fazer algumas ressalvas. Primeiro, ela afirma que “a voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela” (p.22), deixando claro que a construção de uma pedagogia que se liberte das amarras coloniais do passado é parte integrante de um esforço contínuo que não pode se assentar num lugar estático e não sair dele. Além disso, a autora, endossando os ideais de Paulo Freire, aprofunda o tópico sobre o engajamento crítico dos professores. Estes pensadores, portanto, incentivam o que chamam de “conscientização” em sala de aula, o que, impreterivelmente, pressupõe a participação ativa tanto de alunos quanto dos docentes. De acordo com ela, não existe melhor cenário para quebrar a lógica do sistema de educação bancária do que o trabalho coletivo ativo entre as partes integrantes do processo pedagógico, o que resultaria numa pedagogia libertadora.

Dentre o conjunto de atividades que realizei ao longo da elaboração deste trabalho, a que envolvia a composição de versos pelos alunos foi majoritariamente baseada na obra de Paulo Freire e o conceito da participação ativa. Ao incentivá-los a produzirem suas próprias rimas estamos possibilitando ao indivíduo a construção de sua consciência crítica. A criação permite que os estudantes coloquem suas próprias vivências e reflexões em relação aos conteúdos históricos, o que contribui para uma compreensão mais profunda e significativa dos mesmos.

Além disso, a produção de versos também possibilita aos estudantes a desenvolverem sua criatividade e sua capacidade de expressão, habilidades importantes para qualquer indivíduo. É notório destacar que essa prática também contribui para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, pois permite que os estudantes reflitam sobre questões sociais e históricas, e que possam se posicionar diante delas.

Em conclusão, a produção do saber histórico em conjunto do rap é uma estratégia pedagógica que traz benefícios significativos para os estudantes, e a participação ativa do aluno na criação de versos rimados é fundamental para que essa estratégia seja eficaz. No capítulo seguinte, detalharei as principais práticas que realizei junto ao rap, em diferentes contextos e condições.

### 3 “MUDEI O CURSO DA HISTÓRIA QUE O BRASIL ESCREVEU PRA MIM” – OFICINAS, PRÁTICAS E ATIVIDADES

Talvez uma das maiores satisfações ao produzir qualquer trabalho, seja artístico, intelectual ou manual, é vê-lo pronto. O processo deve ser valorizado, mas materializar o que antes havia sido concebido, que em dado momento foi apenas uma ideia é algo que particularmente me traz orgulho. Neste capítulo, divido com os leitores minhas experiências trabalhando junto com o rap em sala de aula, mostrando erros, acertos, imprevistos e possibilidades de aprimoramento. Todos os títulos de subseção fazem referência a canções utilizadas nas atividades ou composições feitas pelos próprios participantes destas.

O real objetivo desta seção é servir como inspiração para qualquer profissional da educação que queira trabalhar com música em sua prática docente. Aqui, o rap é protagonista, porém a arte é infinita em suas possibilidades e nada do que é relatado por mim só poderia ser feito com este estilo de música. A inspiração visando o auxílio de outros estilos musicais é muito bem-vinda.

No capítulo o leitor irá se deparar com diferentes contextos sociais e realidades que influem diretamente sobre o resultado de cada atividade. Instituições privadas, áreas mais abastadas da cidade, projetos sociais e favelas, todas essas variantes são determinantes ao se fazer um balanço de como se deu o trabalho.

Espero, com isso, poder dividir um pouco de minha experiência em sala de aula para que, a partir da leitura, floresçam novas idealizações que continuem a impactar a realidade de diferentes alunos através da arte e eles possam, por conta própria, fazer como o *rapper* Febem<sup>46</sup> e mudar o futuro que o Brasil sentencia a jovens pretos, pobres e periféricos.

---

<sup>46</sup> O título do capítulo faz referência à canção “Esse é meu Estilo”, composta por Febem, com participações de Akira Presidente e BK.

### 3.1 “Misturar ritmo, poesia e memória” – O rap e a Semana da Consciência Negra

Esta foi a primeira atividade que elaborei visando trabalhar em conjunto com o rap na sala de aula, e por isso é necessária uma breve contextualização da minha carreira no momento, da instituição onde esta atividade foi realizada e da minha trajetória acadêmica no período. Este relato se passa no mesmo ano em que meu mestrado foi iniciado, em 2019, e naquele momento ainda não tinha sido definido por mim o tema que seria desenvolvido na dissertação. Dentre as diversas opções e ideias, o rap circundava como uma das possibilidades.

No ano citado, eu possuía carga horária em dois colégios particulares e começava a refletir sobre as formas do rap contribuir com meu trabalho. Contudo, um desses colégios, logo onde eu possuía mais tempos de aula, através da direção, se mostrou bastante resistente a ideias do tipo, mesmo que estas ainda estivessem em estágio praticamente embrionário. Foram feitos questionamentos como: “as letras terão palavrões? Não podemos usar músicas com palavras assim” e “é importante evitar temas como crime e sexo, pode nos causar problemas”. Confesso que essa recepção me desanimou a trabalhar o rap neste local de trabalho em específico, visto que a natureza desse estilo de música possui um caráter questionador problematizador que eventualmente aborda temas que a sociedade entende como tabu, ou apenas finge que não está lá, como um problema varrido para debaixo do tapete. Jovens não podem discutir violência? Não se comunicam de maneira informal e não sabem (e não devem ser educados sobre) o que é sexo? Enfim. Sabemos, enquanto professores pesquisadores o quanto estamos sujeitos às limitações da direção escolar, principalmente no âmbito particular de ensino.

Entretanto, para minha sorte, a outra escola em que à época eu lecionava se mostrou muito mais receptiva ao uso de música como um recurso didático e pude começar a pensar melhor em como tornaria aquilo uma realidade concreta, saindo do campo das suposições e abstrações. É importante destacar que naquele ano letivo eram ministradas por mim aulas para o 9º ano do Ensino Fundamental, além do 1º e 3º anos do Ensino Médio. Com esse cenário em mãos, considerei realizar uma atividade com o 3º ano, mas o calendário apertado num ano em que a prioridade, para os alunos e para a instituição (mercadologicamente falando), é o

vestibular, acabou limitando as diversas possibilidades do que poderia ser feito. A partir disso, munido do planejamento anual e do currículo das duas outras séries decidi que o melhor seria trazer o rap para dialogar com o conteúdo trabalhado na turma de 9º ano, especificamente no momento em que fosse abordada a redemocratização política do Brasil, conseguida com o fim da ditadura militar em 1985, somada à elaboração da Constituição de 1988 e a inclusão, nela, do racismo como crime inafiançável. Com o “lugar” (aqui, leia-se a turma onde a proposta seria aplicada e o período do ano) definido era hora de definir um plano de ação para trazer à vida o que havia sido apenas conjecturado. Cabe lembrar, porém, que essa foi a primeira vez que usaria qualquer canção numa aula minha e uma certa insegurança acompanhava cada possível ideia. Somado a isso, friso que, à essa altura, me via pouco como um professor-pesquisador e a bibliografia de Ilmar Rohloff de Mattos, em especial “Mas não somente assim” (2006)<sup>47</sup> foi fundamental para transformar essa ótica e passar a me enxergar como produtor de conhecimento científico e, porque não, acadêmico, estruturando a aula como um texto. Dito isto, diversos cenários se desenhavam em minha mente e a busca incessante eram formas de encaixar o rap no conteúdo, quase como um ingrediente que obrigatoriamente deveria estar na receita, mas que não harmonizaria com ela. A questão, porém, é que naquele momento o rap para mim era concebido muito mais como uma ferramenta, um objeto a ser utilizado e explorado do que como um sujeito ativo, que fala por si só. O rap é o conteúdo, ainda mais se o pensarmos através de uma perspectiva decolonial que não precisa esperar o seu “momento” para aparecer no currículo. Ela, em si, é uma forma de produção de conteúdo completa. Todavia, como já dito, essa consciência não tinha se manifestado totalmente e a subserviência do rap em relação ao currículo regular erradamente se fazia presente na maioria dos planos, até que recebi um convite do colégio que mudaria substancialmente o planejamento.

É bom que se localize o leitor. Aqui estamos em meados de outubro e a direção escolar convocou os professores da área de humanas para iniciar as preparações de um evento que aconteceria ao longo de toda a semana do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Para tal, foram pensadas diversas atividades que iam de palestras de escritores e filósofos negros, peças teatrais e relatos de

---

<sup>47</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!" Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo* [online]. 2006, vol.11, n.21 [cited 2021-02-16], pp.5-16.

próprios professores negros que trabalhavam na instituição. Apesar disso, algumas considerações sobre o evento devem ser sublinhadas. Primeiro, porque apenas professores de humanas organizariam e pensariam o evento? Numa perspectiva de educação antirracista, é de extrema relevância construir um ambiente integrado e voltado a um norte em comum. E isso definitivamente não se limita só as disciplinas que abordam mais diretamente as humanidades, como História, Geografia e Filosofia, por exemplo. A segunda questão, destaque, tão ou mais importante, é questionar, sob a ótica da decolonialidade, o porquê da discussão sobre Consciência Negra se limitar especialmente ao dia, a semana ou ao mês de novembro. Não deveríamos deixar de lado essa concepção de buscar uma “janela de oportunidade” para que assuntos como racismo, desigualdade e estrutura social brasileira apareçam nas aulas e eventos escolares e, em contrapartida, os trabalhar de forma organicamente integrada ao dia a dia do ambiente escolar? Não se trata de ignorar o Dia da Consciência Negra, mas sim estruturar todo o ensino para fundir tais temas, com seus desafios e potencialidades, no dia a dia do aluno. Feita a reflexão, voltemos ao convite, o evento e o rap.

Como dito, na semana do Dia da Consciência Negra fui convocado para elaborar, junto ao professor de Filosofia, uma palestra sobre racismo estrutural, as heranças escravocratas na construção das relações sociais brasileiras e as permanências mesmo após a abolição da escravidão em 1888, para todas as turmas do 6º ano em diante, com exceção do 3º ano do Ensino Médio. Dentre vários formatos possíveis, ficou acordado que caberia a mim iniciar o evento com uma caracterização histórica do que havia sido a escravidão imposta sobre a África e os afrodescendentes para então suceder-se um diálogo interdisciplinar sobre o tema central. Foi entre as duas etapas que decidi incluir a reprodução de duas canções do rapper Emicida, numa espécie de “audição conjunta” com todos os presentes, “Cê lá faz ideia?”<sup>48</sup> e “Boa Esperança”<sup>49</sup>. Para tal, reforcei a necessidade de, através de seus celulares, acessarem as respectivas letras e acompanharem conforme estas se desenrolavam. Confesso que, nesta dinâmica, o potencial do rap foi restringido, principalmente, pela limitação de participação ativa dos ouvintes na breve discussão posterior à escuta. Seja pelo curto tempo de evento, ou pela quantidade de pessoas

---

<sup>48</sup> Como essa canção foi usada em outras atividades posteriores e para evitar a repetição desnecessária, a letra na íntegra pode ser encontrada no subcapítulo 3.3.

<sup>49</sup> EMICIDA. Boa Esperança. In: EMICIDA. *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Faixa 10.

envolvidas, o que pode ter causado certo constrangimento de participação no público, senti que a falta do espaço para o compartilhamento das impressões de quem ouviu os versos cantados por Emicida, de como a letra chegou em seus ouvidos e como os impactou foi um elemento determinante para que, ao se fazer um balanço do exercício, se considere aquém de sua real potencialidade. Não obstante, ainda existia uma possibilidade alternativa para desenvolver sobre o que foi discutido no evento, o que está exposto na canção e seus impactos em quem a escutou.

Para evoluir tal possibilidade, é necessário recordar a concepção inicial (de um tipo) de inserção do rap no conteúdo programático do 9º ano, aproveitando o tema de Redemocratização no Brasil. Portanto, uma aula foi elaborada levando em conta fatores históricos que estruturam o racismo brasileiro, como a ausência de políticas sociais de inserção do negro recém liberto no final do século XIX, o silenciamento institucionalizado da ancestralidade africana e, especificamente sobre o período histórico supracitado, a análise da qualificação do racismo como crime inafiançável na Constituição de 1988, coincidentemente cem anos após a Lei Áurea. Somada à conjuntura histórica, a reprodução, novamente, da mesma canção do evento da Consciência Negra, também seria executada. Importante aqui realçar que esta segunda ação foi realizada com aproximadamente dez alunos, o que representava a totalidade daquela pequena (para os moldes mais comuns) turma. Acredito, portanto, que o ambiente mais limitado, com todos os discentes mais à vontade, contribuiu para uma maior interação e participação dos que lá estavam e que, indiscutivelmente, enriqueceu o debate e acabou por me inspirar, praticamente de improviso, a pensar em uma atividade em cima do que foi trabalhado. Mas antes de detalha-la, apesar de ela ser simples, faz-se necessário evidenciar para um possível leitor-professor que esteja considerando um exercício semelhante, como um ambiente com mais pessoas pode acabar gerando um efeito negativo na interatividade, afetando um elemento primordial no planejamento. Definitivamente uma sala de aula com poucos presentes, mais acolhedora, incentivou o relato de alunos mais reclusos, como o caso de Gustavo (nome fictício), o único aluno negro do 9º ano e um dos poucos de toda a escola. Suas impressões e opiniões sobre a conceituação histórica e a música de Emicida foram ouvidas com atenção por todos os seus colegas de classe e pautaram muito do que foi a aula depois de sua fala.

Nos atendo à proposta de atividade prática, num objetivo pedagógico de gerar frutos palpáveis a partir de tudo o que foi conversado e apreendido, sugeri que os presentes, divididos em pequenos grupos de três ou em dupla, compusessem alguns versos que abordassem a questão do racismo nos dias atuais, fazendo referência à Semana de Consciência Negra e o conteúdo regular trabalhado nas aulas de História. Com o prazo de uma semana para entrega, alguns grupos me devolveram alguns breves versos sobre o tema, porém Gustavo e Viviane, nome também fictício, passaram às minhas mãos uma folha de caderno praticamente completa com os versos que serão reproduzidos, na íntegra, a seguir:

Vamos fazer um rap para aula de História  
misturar ritmo poesia e memória  
Porque pra entender o presente e o futuro  
poder melhorar  
O passado nós ainda temos que muito que  
estudar

É muito triste nos dias atuais  
Achar que não existe preconceito pelas  
questões raciais  
Isso tá presente sim na nossa sociedade  
Afim são mais anos de escravidão do que de  
liberdade

Desde 88 tá na Constituição,  
Racismo é crime, ponto sem discussão  
Também tá lá no código penal  
sendo crime também a injúria racial  
Pensa um pouco, é questão de humanidade  
Mínimo de empatia para entender  
Não cometa essa atrocidade  
É um ser humano assim como você

Essa parada de racismo contra branco  
Não sei se é sério ou se só tão brincando  
Mas deixa uma coisa eu explicar  
Não faz sentido, é só você pensar

Alguma vez escondeu bolsa pra moleque  
branco  
Ou viu pelo seu cabelo um branco sofrer

Já viu preto ser maioria na particular?  
Ou um quadro por nada o branco levar

Quem leva a cor da escravidão  
Sofre todos os dias com isso irmão  
Preto morre por guarda-chuva tá carregando  
E ainda tem branco reclamando

Que não devia existir cotas na faculdade  
A gente deve isso a eles, qual a dificuldade?  
Nós devemos vida a eles, tem que entender,  
muitos já foram presos sem nem saber porquê

Num mundo como o nosso não basta não ser  
racista  
Temos que ajudar na luta e dizer: resista!  
Ainda mais quando o nosso maior  
representante  
É racista declarado, isso é preocupante

Nesses versos tentamos expor  
Nossa insatisfação com a real situação  
Preto tem muito menos oportunidade  
Isso não é opinião, são dados, é verdade

Ainda temos muito pra reconstruir  
Aos poucos nós podemos melhorar  
Mas antes precisamos admitir  
Branco é privilegiado, isso você não pode  
negar

Outros alunos entregaram seus trabalhos com uma produção mais sucinta, com poucos versos, mas este em especial se destacou. Seu segundo verso, que dá nome a este subcapítulo, traz um dos pilares conceituais deste trabalho ao abordar a memória andando lado a lado com o rap. E é partindo deste ponto que a letra dos dois compositores se desenvolve ao promover um constante diálogo entre o

passado e o presente que constantemente nos faz lembrar das mazelas de um período não tão distante. Para isso são feitas referências de variados episódios de violência, desde o racismo recreativo travestido de comentários sobre cabelos e penteados, a existência de um suposto “racismo reverso” que pessoas brancas sofreriam até mais um – “caso isolado” – de violência policial que ceifa uma vida negra na favela, ao confundir um guarda-chuva com um fuzil.<sup>50</sup>



Guarda-chuva confundido com suposto fuzil pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Foto: Reprodução *Twitter*.

Ao tocar em outro ponto de discussão na sociedade atual, o direito a cotas raciais, os discentes trazem à luz do debate o conceito de dívida histórica ao entenderem que os quase quatro séculos de escravidão deixaram um legado na sociedade brasileira que não findou com a Lei Áurea. Ao contrário, se fez sentir no dia a dia, no cotidiano, onde um policial desconfia de um jovem apenas pela cor de sua pele e o revista (ou, em suas palavras, um enquadrado) sem motivo aparente.

Evocando bell Hooks que, na obra *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017)<sup>51</sup> mas também em sua vasta bibliografia, disserta constantemente sobre a necessidade de ser antirracista, com atitudes, ações e resistência, os jovens dialogam com uma questão muito presente no argumento da

---

<sup>50</sup> MOURA, Carolina. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. *EL País*, Rio de Janeiro, 19 de set. de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458\\_048104.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html). Acesso em: 26 de dez. de 2022.

<sup>51</sup> HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017

autora, a junção entre teoria e prática e sua capacidade curativa em relação à estruturas sociais que nos oprimem, mas que, por serem rotineiras, muitas vezes vistas como “naturais”, podem passar despercebidas por nossos olhos e serem aceitas. Contudo, “quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre teoria e prática”<sup>52</sup>. Interessante notar como, através da composição de um rap, dois adolescentes trazem à tona debates tão profundos, sejam eles presentes em diversas bibliografias consumidas pelos cursos ligados à pedagogia pelo mundo, ou situações cotidianas que lembram que são “mais anos de escravidão do que de liberdade” e isso não pode ser ignorado, tratado como algo superado.

Ao olhar para trás e fazer um balanço da atividade, vejo que muitas coisas poderiam ser feitas de forma diferente, mas esse episódio foi de fundamental importância para que eu pudesse ter certeza do poder de impacto que a música, e mais especificamente o rap, pode ter na carreira escolar de um jovem. Fazê-los entender que as rimas num papel não devem apenas soar harmônicas dentro de uma métrica, mas também levar uma mensagem de reflexão, debate e expor feridas não curadas da sociedade brasileira foi o grande êxito da atividade, resultando na letra exposta acima. E é claro que, como citado no início deste subtópico, tal desfecho foi substancial para que eu decidisse seguir em frente com a ideia de trabalhar especificamente com o rap ao longo do mestrado e abrir o leque para diversificar as formas na qual o rap poderia se fazer presente em minha carreira docente.

### **3.2 “Tudo o que nós tem é nós”: A representatividade do rap no projeto social Estudando Para Vencer**

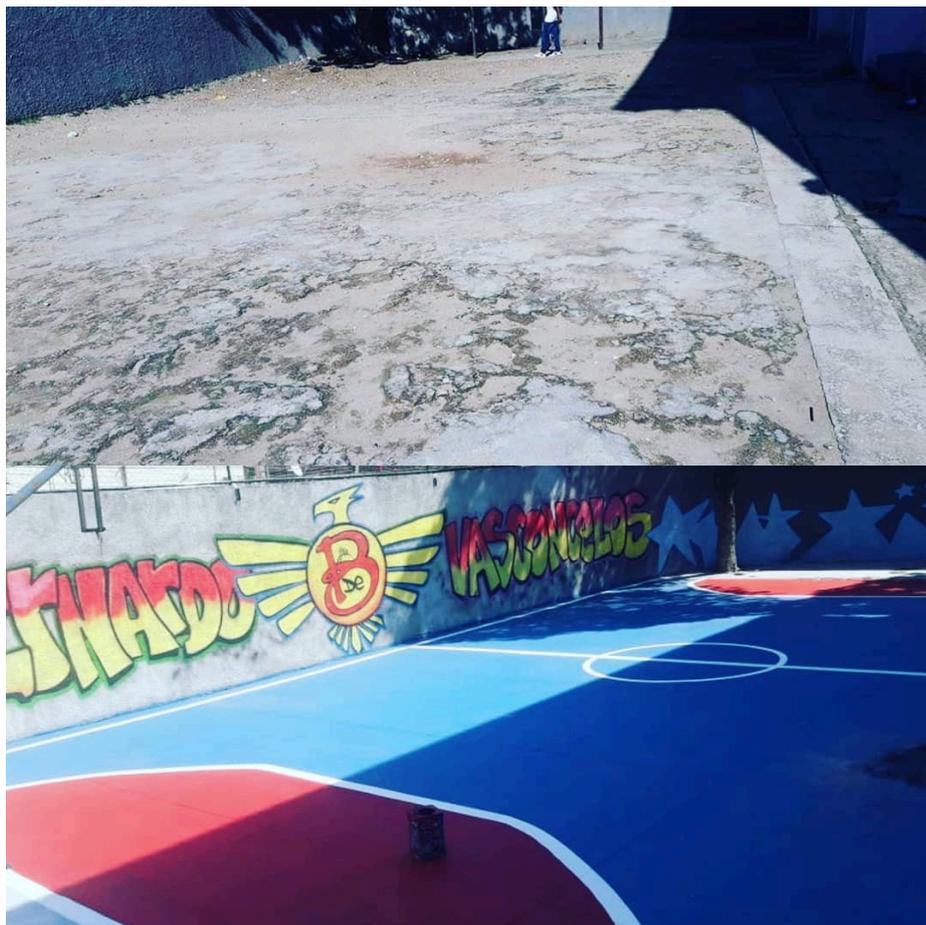
Em um dos maiores complexos de favelas do Rio de Janeiro, localizado na Penha, o projeto social Estudando para Vencer (E.P.V.), criado pelo professor de matemática Marcelo Martins, vem atuando há mais de dez anos. Inicialmente

---

<sup>52</sup> Id., 2017, p. 83-86.

ocupando apenas uma sala cedida pela direção do Colégio Estadual Bernardo Vasconcelos, o projeto oferecia aulas somente aos sábados e era exclusivamente focado na preparação para os vestibulares de universidades públicas, como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ e o Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, que abre portas para outras instituições.

Desde o início, o projeto foi estruturado sobre dois pilares: nutrir e fortalecer o senso de comunidade e abrir portas que muitas vezes são fechadas para as pessoas que vêm das favelas. Portas essas que, tamanha falta de incentivo, não povoam os planos de futuro da maioria daqueles jovens, que não conseguem se enxergar adentrando uma faculdade, conseguindo um diploma de ensino superior e trabalhando na carreira dos sonhos. Em relação ao fortalecimento de laços comunitários, cabe aqui um breve relato, ocorrido em meados de 2019, que representa bem esse pilar. Ocorre que a quadra do colégio que abrigava o projeto estava em estado deplorável, inutilizada há muitos anos e transformada num espaço praticamente inútil para os alunos. Percebendo aquela situação, os alunos do Projeto se juntaram ao professor Marcelo Martins, à época também diretor da Bernardo Vasconcelos, e organizaram um mutirão que envolveu centenas de pessoas da região, inclusive os próprios alunos do Colégio, para revitalizar o espaço e o tornar novamente útil à comunidade escolar.



Antes e depois da quadra poliesportiva do Colégio Bernardo Vasconcelos.<sup>53</sup>

Jogando uma lupa sobre este caso, várias questões vêm à tona, porém uma se destaca. Como as favelas e seus moradores lidam com a ausência de atuação do Estado. É inegável que nas áreas mais pobres das cidades brasileiras o Estado não chega – ou nem quer chegar – em sua totalidade, restando apenas a atuação do seu braço armado, a polícia, e conseqüentemente, por conta disso, diversas conseqüências são geradas. A violência talvez seja o que mais salte aos olhos numa análise primária, porém a inexistência de espaços de cultura, esporte e infraestrutura básica não devem ser ignorados. Os desdobramentos das lacunas deixadas pelo poder público são sentidos de diferentes formas no cotidiano das favelas. Foi objetivando retratar tal realidade que o grupo de rap ADL (sigla para “Além da Loucura”) organiza, desde 2016, o projeto chamado Favela Vive, no formato de uma

---

<sup>53</sup> Disponível em:

<https://web.facebook.com/photo.php?fbid=2149115145109311&set=t.100001579382461&type=3>. Acesso em 29 de dez. de 2022.

*cypher*<sup>54</sup> para trazer a visão de diferentes *rappers* sobre o que se passa no dia a dia das comunidades mais pobres do Brasil. No projeto intitulado *Favela Vive 4*<sup>55</sup> de 2020, que contou com a participação de diversos compositores, o *rapper* Lord discorre sobre os efeitos da negligência estatal, como nos versos “São vários no crime, eram pra estar no pódio”, “Nós pede comida e eles querem jogar míssil” e “Nove jovens mortos num baile em Paraisópolis<sup>56</sup> / Pobre não tem nem direito de ser feliz”. Ao longo da canção outros trechos compostos também abordam essa mesma temática, como no caso das letras de MC Cabelinho que joga luz sobre a abstenção do Estado como ponto de análise central: “Perguntam na cara de pau / Por quê que o menorzin’ virou bandido / Enquanto essa porra não mudar / O Estado vai ser recebido assim / Com balas de AK<sup>57</sup>”. Importante deixar claro que não existe aqui, porém, uma apologia à violência, mas sim o reconhecimento que a política de segurança pública é insuficiente e só gera mais violência. O próprio MC Cabelinho classifica como “guerra burra que rola no morro” e expõe a contradição “O povo aqui em cima pede socorro / Indignado quando a bala come / Eles têm dinheiro pra guerra no morro / Mas nunca conseguem acabar com a fome”. Já o cantor DK analisa a violência estatal nas periferias sob a ótica histórica ao referenciar o processo colonial empreendido por Portugal: “Quinhentos anos que os brancos tão na porra do Brasil / Dando um curso intensivo de como agir com violência”. Por fim, Edi Rock, um dos integrantes dos Racionais MCs, faz um apelo “Se existe alguém, quem vem para nos salvar?”. É nesse cenário, com contradições e feridas expostas, que as pessoas engajadas na revitalização da quadra escolheram tomar a frente do que deveria ser função do Estado e tentar minimizar os efeitos de uma política que, inegavelmente produz muito mais problemas do que soluções.

Regressando ao tema do Projeto Estudando para Vencer, com o tempo o trabalho foi gerando resultados e passou a ser cada vez mais procurado pelos

---

<sup>54</sup> De acordo com Guilherme L. da Rocha, em uma matéria no site da produtora cultural *Kondzilla*, o “*cypher no rap tem como objetivo reunir MCs, sendo eles de grupos ou artistas solos, para rimas inéditas e com uma conexão de palavras mais complexas, com um DJ responsável pelo beat. É algo que se aproxima mais do freestyle do que do rap elaborado e construído sobre uma batida produzida em estúdio.*” Disponível em: <<https://kondzilla.com/explicando-em-detalhes-o-que-e-cypher/>>. Acesso em 26 de dez. de 2022.

<sup>55</sup> CESAR MC; DK47; EDI ROCK; KMILA CDD; LORD; MC CABELINHO; OROCHI. *Favela Vive 4*. In: *Favela Vive 4. Single*. Rio de Janeiro: Além da Loucura - ADL, 2020.

<sup>56</sup> RAMOS, Beatriz Drague. Três anos após a chacina de Paraisópolis, familiares seguem cobrando justiça. *Carta Capital*, São Paulo, 8 de dez. de 2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/tres-anos-apos-a-chacina-de-paraisopolis-familiares-seguem-cobrando-justica/>>. Acesso em: 26 de dez. de 2022.

<sup>57</sup> Referência ao fuzil AK-47, ou também chamado de Kalashnikov, criado em 1947 na extinta URSS.

moradores, principalmente no período de início de cada ano letivo. Não era raro que o número de inscritos superasse o número de vagas disponíveis e o professor Marcelo, ao se deparar com esse cenário, expandiu a atuação do empreendimento para atender também jovens com o objetivo de ingressar no ensino técnico, com provas que são comumente realizadas por alunos que estão entre o 9º ano do ensino fundamental e o 1º ano do ensino médio. Conseqüentemente, com o aumento de demanda, foi necessário pensar um lugar alternativo para que todas aquelas pessoas pudessem ser atendidas com qualidade.

No final de 2016, um prédio, a poucas quadras do colégio estadual e pertencente à Associação de Moradores, surgiu como uma viável opção para abrigar o projeto, já que lá estavam disponíveis duas salas que poderiam ser usadas a qualquer momento do dia, sem qualquer restrição de horário. A partir daí, a transferência foi um movimento natural, junto à ampliação do que poderia ser ofertado a todos que quisessem fazer parte da proposta, já que as aulas, a partir de 2017, passariam a acontecer de segunda à sexta, sempre no turno da noite, e aos sábados pela manhã e tarde, com aulas ministradas no modelo de Pré-Vestibular e Pré-Técnico. O espaço, agora exclusivamente do E.P.V., inclusive, passaria a ficar disponível a todos os alunos que quisessem um lugar tranquilo para estudar nos horários em que as aulas não estivessem acontecendo. Essa melhoria em todo o projeto levou um aumento substancial da procura e fez com que o número de inscritos chegasse ao dobro do que as salas espacialmente poderiam suportar (vinte vagas para os mais novos, enquanto os vestibulandos teriam quarenta e cinco) e, com isso, expusesse um problema desafiador: dizer não a pessoas que já recebem muitos outros *nãos* do sistema em que vivem.

Para que tudo se mantivesse em funcionamento, doações foram buscadas e o projeto recebeu diversas ajudas, como condicionadores de ar, projetores, cadeiras e materiais didáticos, em sua maioria advindas de outros professores que, envolvidos diretamente ou não, encontraram uma forma de amparar o que vinha sendo feito. Hoje, como saldo, são cerca de duzentos alunos que adentraram instituições públicas através do Estudando para Vencer e, apesar das dificuldades estruturais, o projeto se encontra em pleno funcionamento até o momento.

Minha participação no E.P.V., diretamente como professor, começou em 2021 num cenário que pode ser metaforicamente descrito como de terra arrasada, muito por conta dos impactos que a pandemia de COVID-19 teve sobre a carreira escolar

dos que lá estavam. Sem aprofundar todas as questões pedagógicas que emergiram no período mais crônico da pandemia, não posso deixar de reforçar como as já existentes desigualdades de condições de estudo entre alunos de escolas particulares e públicas se aprofundaram substancialmente, a ponto de jovens oriundos de instituições públicas relatarem que praticamente não estudaram por dois anos. Dito isso, especialmente minha primeira turma de pré-vestibular carregava consigo essa herança pedagógica negativa, mas o retorno às aulas presenciais em maio desse mesmo ano trouxe certa sensação de acolhimento e, na medida do possível, retorno à normalidade que, àquela altura, parecia esquecida.

Ao longo do que restava daquele ano letivo, muitos encontros foram marcantes, mas destaco, claramente, o que ministrei em conjunto com o rap. Àquela altura, já no ano de 2022, visto que o ENEM havia sido adiado em decorrência da pandemia e fora aplicado em janeiro, escolhi como forma de encerramento realizar uma detalhada análise da canção “Homem na Estrada” dos Racionais MCs. Para isso, produzi uma apresentação de slides através do programa *PowerPoint* onde projetei na íntegra a letra da canção visando auxiliar os presentes na primeira escuta coletiva e a repeti uma segunda vez, agora combinada com trechos de notícias que mostravam que as situações e denúncias presentes na música ainda povoam cotidianamente as manchetes de jornais nos dias de hoje<sup>58</sup>. Mesmo sendo uma canção composta em 1993 os problemas lá imputados estão entranhados na sociedade brasileira atual.

Abordando especificamente os versos de *Homem na Estrada* vemos uma letra que dialoga exatamente com o título do disco na qual está inserida. *Raio X Brasil* se propõe a destrinchar a sociedade brasileira a partir da ótica periférica. É valoroso reforçar que essa é a realidade vivida por todos os integrantes do grupo, mesmo que de lados opostos da cidade de São Paulo, já que Mano Brown e Ice Blue são criados na Zona Sul, enquanto Edi Rock e KL Jay vêm da Zona Norte. Esta composição, especificamente, foi realizada por Mano Brown e narra a história de vida de um homem que acabara de sair do sistema prisional e busca recomeçar sua vida ao se reinserir na sociedade. Note que a análise deve começar pelo próprio título, visto que Brown não cria um personagem com nome próprio ou características muito específicas, já que sua intenção é retratar, de forma geral, as milhares de

---

<sup>58</sup> As manchetes usadas nos *slides*, se não utilizadas diretamente no texto, aqui aparecerão no formato de referência bibliográfica conforme estas apareceram na aula.

pessoas que saem da cadeia e buscam espaço na sociedade. O “Homem” não é alguém em específico, ao mesmo tempo que representa inúmeras experiências e histórias de vida ao redor do Brasil.

Para analisar a história do nosso personagem mais a fundo, destacarei alguns trechos da letra original (seja como forma de citação entre aspas ou fragmentos maiores) que considero fundamentais para entendermos todo o contexto que o autor buscou retratar na sua produção. A proposta sob a forma textual nesta atividade visa se assemelhar à ideia que foi colocada em prática na sala de aula. O estudo da composição é feito em conjunto com ela própria, inserindo-a organicamente no texto com o objetivo de fazer com que a análise tenha um quê de “quatro mãos”, em conjunto com o compositor. A letra na íntegra estará ao final da análise.

Como já foi citado, nosso personagem “recomeça sua vida” após cumprir pena por um crime não especificado e busca deixar para trás esse período de sua vida. Contudo, Brown faz questão de apresentar o “palco da história que (...) será contada”, portanto, não deixando de considerar a trajetória e condições de vida que levaram o protagonista para o mundo do crime. Para tal, ele reforça que “sua infância não foi um mar de rosas, não. Na FEBEM<sup>59</sup>, lembranças dolorosas”, ou seja, reportando que enquanto menor de idade, o protagonista já havia passado por uma primeira experiência de privação de liberdade. É importante que se sublinhe que a extinta FEBEM recorrentemente recebia denúncias de maus tratos para com os jovens lá reclusos. Não foram poucas as vezes em que os adolescentes fizeram motins e rebeliões como forma de protesto às condições em que eram obrigados a viver. E para reforçar isso, foi usada na aula a exibição de uma reportagem em formato de vídeo que denunciava o espancamento de seis adolescentes por parte de funcionários da Fundação Casa, em 2013<sup>60</sup>.

Em relação ao palco da história anteriormente citado, ou seja, onde o *Homem* passou sua infância e juventude, este é descrito como um lugar paupérrimo, com poucas opções de lazer, insuficiente estrutura urbana, como saneamento básico e acesso regular a água potável, falta de segurança e violência desmedida.

---

<sup>59</sup> A extinta Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), cujo nome atual é Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação Casa), é o local para onde jovens que cometem algum tipo de ato infracional antes dos dezoito anos são levados. Lá eles podem cumprir pena de reclusão até seus vinte e um anos completos, no máximo. Na prática é uma instituição prisional para os menores de idade.

<sup>60</sup> FANTÁSTICO. Funcionários da Fundação Casa (SP) espancam seis adolescentes. *Globoplay*, 18 de ago. de 2013. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2766425/>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

Infelizmente um retrato fidedigno da imensa maioria das periferias espalhadas pelo Brasil. Tal condição é vista, inclusive, como preponderante para a permanência do protagonista na vida do crime, já que enxerga nesse caminho o único meio para ganhar dinheiro, ficar rico e tirar seu filho desse cenário, considerando que “me digam quem é feliz, quem não se desespera, vendo nascer seu filho no berço da miséria”.



Crianças brincam com colchão por falta de áreas de lazer. Foto: Renato Moura<sup>61</sup>

Com o cenário desenhado, passamos a entender um pouco mais do dia a dia do *Homem*. Sem condições financeiras para morar num lugar melhor, ele precisa conviver com esgoto à céu aberto<sup>62</sup>, falta de moradia adequada e o risco constante de ter “seu único lar” destruído pela chuva, um fenômeno natural que, num mundo ideal, deveria ser corriqueiro para a grande maioria das pessoas, mas para ele representa um risco constante à sua vida. É reforçado na composição, porém, que o poder público tem ciência dos problemas da região, visto que o IBGE visitou a comunidade, porém “nunca mais voltou”. Até chegou a numerar “os barracos, fez uma pá de perguntas, logo depois esqueceram...”<sup>63</sup>. Isso, somado ao relato que vem

---

<sup>61</sup> SILVA, Renê. Crianças brincam no meio do lixo por falta de área de lazer na Travessa Sonora. *Voz das Comunidades*, Rio de Janeiro, 06 de jan. de 2015. Disponível em:

<<https://www.vozdascomunidades.com.br/favelas/complexo-do-alemao/criancas-brincam-meio-lixo-por-falta-de-area-de-lazer-na-travessa-sonora/>>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

<sup>62</sup> GOUSSINSKY, Eugênio. Esgoto a céu aberto é tormento para mais da metade dos brasileiros. *R7*, 23 de set. de 2019. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/esgoto-a-ceu-aberto-e-tormento-para-mais-da-metade-dos-brasileiros-29062022>>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

<sup>63</sup> Após corte de 96%, governo anuncia que Censo do IBGE não será realizado em 2021. *Brasil de Fato*, 23 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/04/23/apos-corte-de-96-governo-anuncia-que-censo-do-ibge-nao-sera-realizado-em-2021>>. Acesso em 02 de jan. de 2023

logo em seguida na letra, sobre o corpo de uma mulher que foi estuprada e morta e ficou mais de dez horas no sol apenas “coberto com lençol”, evidencia a relação entre o protagonista e o Estado. Isto é, a força estatal se mostra competente para puni-lo, tirar sua liberdade em dois momentos distintos de sua vida, mas é incapaz de resolver problemas que deveriam ser básicos numa sociedade modelo. Se o poder público sequer é capaz de retirar um corpo ou cuidar de pessoas que moram em áreas de risco, fica evidente que aquelas pessoas estão entregues à sua própria sorte. E é nesse contexto que o *Homem*, pela segunda vez na letra, afirma que o caminho para sair dessa situação e não condenar também seu filho ao mesmo caminho, é ficar rico, ou seja, passa, impreterivelmente, por ele mesmo. Não dá para contar com o auxílio estatal.

Neste ponto da letra, a questão central da música vem à tona. O personagem em destaque é um ex-detento num país carregado de preconceito em relação a pessoas que tiveram alguma passagem pelo sistema carcerário<sup>64</sup>. Ao se candidatar para qualquer vaga de emprego formal, sua história e sua condenação são trazidas à tona e isso fecha muitas portas. Nosso protagonista, à vista disso, se depara com um dilema: “o que fazer para sair dessa situação? Desempregado (...), com má reputação, ninguém confia não”. Reforçando o peso desta barreira criada em sua vida (e saindo da ordem original da canção), esse tópico surge novamente mais à frente, quando nos é relatado uma onda de assaltos na região onde ele vive e seus antecedentes criminais o “creditam” para estar na lista de suspeitos, mesmo sendo inocente. Brown aqui é enfático ao afirmar que “a Justiça Criminal é implacável”, pois “tiram sua liberdade, família e moral”, e a sociedade reafirma esse peso, já que ao tratar a passagem pelo sistema carcerário como “uma doença incurável” ou uma “tatuagem”, a consequência é serem sempre chamados como “*ex-presidiários*”. Neste momento da aula, destaquei como o Estado brasileiro historicamente encarcera em massa a população negra, fazendo esta ser uma estratégia que realça ainda mais uma política de genocídio antinegro<sup>65</sup>. Esse complexo *modus operandi* atua paralelamente a uma maior sofisticação tecnológicas de aparatos repressivos, visto que 81% dos presos irregularmente por reconhecimento de imagens são

---

<sup>64</sup> Ex-detentos lutam contra o preconceito por oportunidade no mercado de trabalho. *G1*, 26 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2019/09/26/ex-detentos-lutam-contra-o-preconceito-por-oportunidade-no-mercado-trabalho.ghtml>>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

<sup>65</sup> SOUSA DE CARVALHO, Luiza. *Condenados ao troco, ao ferro e à prisão: O encarceramento como expressão do genocídio antinegro no Brasil*. Brasília, 2020.

negros<sup>66</sup>. Ao retornarmos à letra, nos damos conta que o protagonista sabe que sua “vida para sempre foi danificada” e se depender da estrutura social em que vive, sua trajetória do passado correntemente será trazida à tona.

A canção *Homem na Estrada*, ao se propor traçar detalhadamente a história de vida de um homem morador de uma periferia em São Paulo, percorre diversas áreas de análises sociológicas, desde o racismo, a violência e o descaso estatal que, de certa forma, são comuns em muitas músicas de rap. Contudo, em dado momento, Mano Brown toca em duas feridas não muito lembradas em outras composições, mas que afetam diariamente o cotidiano de áreas pobres. Ao versar sobre um rapaz embriagado que “estourou a própria mãe” — não ficando claro se é um episódio de espancamento ou de homicídio — e este foi inevitavelmente (nas palavras dele) linchado, Brown coloca em debate a existência de uma justiça própria da favela, uma espécie de código de conduta e moral interna que tem suas consequências bem definidas naquele espaço social. Em outras canções do Racionais, esse assunto também é trazido à tona: a existência de leis e regras paralelas à legislação formal em cenários em que o poder público se mostra apartado. Exemplos disso estão na música “Fórmula Mágica da Paz”, de 1997, num verso enfatiza: “Cada lugar, um lugar, cada lugar, uma lei” e em “Diário de um Detento”, lançada no mesmo ano, que expõe tais “regras não-escritas” no ambiente carcerário, quando afirma que: “Homem é homem, mulher é mulher/ Estuprador é diferente, né? / Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés / E sangra até morrer na rua 10<sup>67</sup>”. Voltando aos versos de *Homem na Estrada*, testemunhamos uma população que, sabendo do crime cometido, julga e lincha o homem ali mesmo, sem nem contactar à polícia sobre o caso. Ou seja, duas observações podem ser destacadas sobre o relato. A primeira é que essa mesma população que, rotineiramente, se vê esquecida pelo Estado, não conta com ele — aqui emulado na figura da polícia — para resolver questões da própria comunidade. A segunda, que dialoga diretamente com a primeira e com o cenário descrito na música, envolve a

---

<sup>66</sup> Levantamento mostra que 81% dos presos irregularmente por reconhecimento fotográfico são negros. *G1*, 14 de setembro de 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/09/14/levantamento-mostra-que-81percent-dos-presos-irregularmente-por-reconhecimento-fotografico-eram-negros.ghtml>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

<sup>67</sup> O trecho “na rua 10” faz referência a um corredor existente no antigo Complexo Carcerário do Carandiru, em São Paulo, onde presos se reuniam para acertar contas ou serem julgados por questões que aconteceram na penitenciária. Na música, Mano Brown afirma que, nas normas internas da prisão, um preso pelo crime de estupro seria tratado diferente dos outros que lá estavam, sendo submetido constantemente a humilhações e violência.

solução encontrada para punir o rapaz que violentou a própria mãe. Falamos sobre como a violência é absorvida como parte indissociável daquela realidade e aqui isso fica explícito. A solução para um caso violento deixa de ser o julgamento formal e consequente aplicação de leis punitivas para ser mais um caso de brutalidade. Se adentrarmos mais ainda na análise dessa situação, trazendo para a realidade do Brasil como um todo, devemos levar em conta, inclusive, o racismo estrutural que se manifesta em diversos casos semelhantes a esse, que apesar de fictício, retrata bem uma conjuntura comum.

Não são poucos os exemplos onde pessoas, que supostamente estavam cometendo crimes, são capturadas pela população, e ali mesmo são julgadas e punidas. Só que, além do retratado por Mano Brown em suas músicas, tal prática não se limita a áreas mais pobres das cidades. Um episódio muito emblemático aconteceu no bairro, de alta renda, do Flamengo, no Rio de Janeiro, onde um jovem negro, menor de idade, foi acusado de estar cometendo diversos assaltos na região e por isso foi espancado e preso a um poste, pelo pescoço, por uma tranca de bicicleta<sup>68</sup>, fazendo lembrar, claramente, práticas do período colonial escravista onde pessoas eram açoitadas em locais públicos para servirem de exemplos a outras.



Imagem do adolescente preso pelo pescoço por uma trava de bicicleta, no Flamengo. Foto: Reprodução/Facebook

Usando a mesma situação como exemplo – o linchamento -, Brown toca em outra ferida muitas vezes ignorada ao jogar luz à questão do alcoolismo na favela

---

<sup>68</sup> LUCCIOLA, Luísa. Adolescente atacado por grupo de 'justiceiros' é preso a um poste por uma trava de bicicleta, no Flamengo. *EXTRA*, 03 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/adolescente-atacado-por-grupo-de-justiceiros-preso-um-poste-por-uma-trava-de-bicicleta-no-flamengo-11485258.html>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

em contraposição ao intenso discurso de guerras antidrogas que comumente aparece como justificativa para ações extremamente violentas em áreas dominadas por organizações criminosas. Ele, então, diz: “Os ricos fazem campanha contra as drogas / E falam sobre o poder destrutivo dela / Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro / Com o álcool que é vendido na favela”. Em poucas linhas uma contradição atual de nossa sociedade fica muito evidente e reacende o debate sobre a descriminalização de certas drogas ao questionar o porquê o álcool, tão destrutivo, é vendido sem qualquer barreira. O modelo de combate ao tráfico de drogas é questionado sob a ótica da lucratividade, ou seja, o álcool, sob posse legal de diversas corporações, tem seu consumo incentivado sem qualquer contraposição, enquanto outras substâncias, igualmente prejudiciais à saúde, são colocadas como a ponta de uma lança usada para incutir mais violência ainda sobre pessoas abandonadas pelo Estado em outras esferas sociais.

O personagem central da música, imputado num papel de analista crítico do que vivencia em sua “quebrada”<sup>69</sup> continua a análise de sua realidade, porém “*não acredita no que vê*” quando se depara com “crianças, gatos, cachorros [disputando] palmo a palmo / seu café da manhã na lateral da feira”<sup>70</sup>. E partir disso crava, numa espécie de previsão, que “a molecada sem futuro” está nessa condição porque “só vão na escola pra comer, apenas nada mais”, mas enfatiza que isso não é culpa das crianças, longe disso, já que não existe exigir que esses alunos consigam render e desfrutar de tudo o que a escola pode oferecer quando eles sequer sabem se terão o que comer ao chegarem em casa, afinal, “como é que vão aprender sem incentivo de alguém / Sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz”. Importante notar como passa pela visão do compositor a percepção do papel fundamental da educação para abrir novos caminhos e perspectivas para aquelas pessoas, que muitas vezes sem enxergam como sem futuro e sem esperança. Por outro lado, salienta-se que a educação por si só não é o bastante. É preciso investimento, estrutura familiar e social para que o estudante se perceba como parte integrante de um projeto a longo prazo em que ele é protagonista. Sem quaisquer incentivos, qualquer outra forma de sobreviver ganhando dinheiro de forma mais rápida e “fácil”

---

<sup>69</sup> Gíria comum usada para se referir à periferia.

<sup>70</sup> JUNIOR, Amílcar. Famílias que vivem no lixão catam comida estragada para se alimentar. *Folha BV*, 22 de set. de 2016. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Familias-que-vivem-no-lixao-catam-comida-estragada-para-se-alimentar--/20430>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

(entre infinitas aspas), vai lhe parecer mais atrativa e viável do que a via educacional.

Paralela à vida e trajetória do *Homem*, outras histórias são contadas na canção, como o caso de um amigo que passou a ganhar muito dinheiro rapidamente “abastecendo a playboyzada de farinha”, ou seja, vendendo drogas para pessoas de classes sociais mais altas. No relato que nos é posto, o protagonista parece se conformar com a morte desse seu conhecido, como se fosse uma consequência inevitável já que sua execução “rendeu dinheiro aos jornais, cartaz à polícia”. Isto significa que a vida — e morte — daquele jovem já cumpriu sua função. Os jornais exploraram o acontecido para vender exemplares com suas manchetes sensacionalistas e as forças do Estado podem usar o acontecido como propaganda de suas ações violentas.

Dentre outros questionamentos e breves episódios narrados no restante da música, que possui 8 minutos e 42 segundos de duração, destaca-se, por fim, a relação do personagem principal com a polícia. Primeiro ao esbravejar que “não confio na polícia”, bem como mais da metade da população<sup>71</sup>, e depois “premeditando um final” que já conhece bem. Isto porque, na previamente citada onda de crimes e a equivocada associação do *Homem* a ela, as forças policiais, insufladas por uma mídia que promove a espetacularização de ações violentas, resolve dar um “fim” nos assaltos e para isso se dirige ao barraco do personagem em questão. À essa altura ele já sabia o destino que lhe aguardava, sabia que os policiais “vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia” visto que “já deram [a] sentença”. Mais uma cena do cotidiano das favelas brasileiras, onde a força repressiva do Estado, emulada nos policiais, praticamente atua como investigador, promotor e juiz, executando a inexistente (na letra da lei) pena de morte, mas corriqueira nas vielas menos abastadas da sociedade. Então, “quinze caras” e “diversos calibres” abreviam a vida de um *Homem* que sonhou ganhar dinheiro para tirar seu filho da miséria. Ele então faz uma última reflexão ao perceber que “a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim. Minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada” e é interrompido por barulhos de tiros alvejados. Por fim, o *beat* da música é interrompido por um noticiário no rádio que traça uma espécie de obituário, tão

---

<sup>71</sup> Datafolha aponta que 51% dos brasileiros têm medo da polícia e 47% confiam nos policiais. G1, 11 de abril de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/11/datafolha-aponta-que-51percent-dos-brasileiros-tem-medo-da-policia-e-47percent-confiam-nos-policiais.ghtml>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

comum em reportagens pautadas no crime, que deturpa a memória daquele (ou melhor, aqueles, de todos que sofreram com isso no Brasil) homem inocente assassinado pelas mãos da polícia: “Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto [...] Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais. Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal”. Percebemos aqui como o discurso midiático legitima a ação violenta através da mentira, ao justificar a morte pelo acerto de contas, mas principalmente ao ressaltar a cor da pele da vítima e por último destacar sua ficha criminal. Seu sonho, sua busca por oportunidades melhores pra si e pra sua família, nada disso importa quando seu corpo negro é encontrado morto e a violência que sofreu é legitimada pelo seu passado. Essa canção, como já dito, escrita em 1993, se escrita nos dias atuais talvez ainda fizesse referência a comentários de redes sociais que bravateariam: “morreu porque mereceu” ou “bandido bom é bandido morto”.

Escolhi trabalhar *Homem na Estrada*, um clássico da música brasileira, no formato narrativo, misturando minha voz a dos Racionais não só porque a canção em si tem esse caráter, mas também para que os alunos pudessem reconhecer como as palavras versadas poderiam muito bem retratar sua própria comunidade, no caso específico, a Vila Cruzeiro, na Penha. Ao final da canção, os questioneei sobre isso e a imensa maioria relatou que lembraram de episódios que já presenciaram com conhecidos, familiares ou apenas como testemunhas oculares, que se assemelham a tudo o que foi cantado por Mano Brown e seus companheiros. O triste mérito de relatar tantos problemas e ser atual, mesmo quase trinta anos após sua composição, faz dessa música uma aliada indispensável para debater a realidade das áreas pobres do Brasil através da ótica do rap. Num país onde 77% das vítimas de homicídio são negras e a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes maior que um branco<sup>72</sup>, cantar o ambiente das favelas de forma crítica auxilia os alunos a perceberem todas as forças que atuam em sua própria realidade, ajudando-o a reconhecer contradições, reflexos de políticas públicas, discursos questionáveis e historicidade em sua rotina.

---

<sup>72</sup> ACAYABA, Cíntia e ARCOVERDE, Léo. Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio. *G1*, 31 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

Como pontuado no início desta análise, disponibilizo abaixo a letra na íntegra de *Homem na Estrada*, canção dos Racionais MCs:

Um homem na estrada recomeça sua vida  
 Sua finalidade, a sua liberdade  
 Que foi perdida, subtraída  
 E quer provar a si mesmo que realmente mudou  
 Que se recuperou e quer viver em paz  
 Não olhar para trás, dizer ao crime: Nunca mais  
 Pois sua infância não foi um mar de rosas, não  
 Na FEBEM, lembranças dolorosas, então  
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim  
 Muitos morreram sim, sonhando alto assim  
 Me digam quem é feliz, quem não se desespera  
 Vendo nascer seu filho no berço da miséria  
 Um lugar onde só tinham como atração  
 O bar e o candomblé pra se tomar a bênção  
 Esse é o palco da história que por mim será contada  
 Um homem na estrada  
 Equilibrado num barranco, um cômodo mal acabado e sujo  
 Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio  
 Um cheiro horrível de esgoto no quintal  
 Por cima ou por baixo, se chover será fatal  
 Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou  
 Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou  
 Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas  
 Logo depois esqueceram, filha da puta!  
 Acharam uma mina morta e estuprada  
 Deviam estar com muita raiva (mano, quanta paulada)  
 Estava irreconhecível, o rosto desfigurado  
 Deu meia noite e o corpo ainda estava lá  
 Coberto com lençol, ressecado pelo sol,

jogado  
 O IML estava só dez horas atrasado  
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim  
 Quero que meu filho nem se lembre daqui  
 Tenha uma vida segura, não quero que ele cresça  
 Com um oitão na cintura e uma PT na cabeça  
 E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa  
 O que fazer para sair dessa situação?  
 Desempregado então, com má reputação  
 Viveu na detenção, ninguém confia não  
 E a vida desse homem para sempre foi danificada  
 Um homem na estrada  
 Um homem na estrada  
 Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual  
 Calor insuportável, 28 graus  
 Faltou água, já é rotina, monotonia  
 Não tem prazo pra voltar, há!  
 Já fazem cinco dias  
 São dez horas, a rua está agitada  
 Uma ambulância foi chamada com extrema urgência  
 Loucura, violência, exagerado  
 Estourou a própria mãe, estava embriagado  
 Mas bem antes da ressaca ele foi julgado  
 Arrastado pela rua o pobre do elemento  
 Um inevitável linchamento, imaginem só  
 Ele ficou bem feio, não tiveram dó  
 Os ricos fazem campanha contra as drogas  
 E falam sobre o poder destrutivo dela  
 Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro  
 Com o álcool que é vendido na favela

Empapuçado ele sai, vai dar um rolê  
 Não acredita no que vê, não daquela maneira  
 Crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo  
 Seu café da manhã na lateral da feira  
 Molecada sem futuro, eu já consigo ver  
 Só vão na escola pra comer, apenas nada mais  
 Como é que vão aprender sem incentivo de alguém  
 Sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz  
 Um mano meu tava ganhando um dinheiro  
 Tinha comprado um carro, até Rolex tinha  
 Foi fuzilado a queima roupa no colégio  
 Abastecendo a playboyzada de farinha  
 Ficou famoso, virou notícia  
 Rendeu dinheiro aos jornais,  
 Cartaz à polícia  
 Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares  
 Superstar do notícias populares  
 Uma semana depois chegou o crack  
 Gente rica por trás, diretoria  
 Aqui, periferia, miséria de sobra  
 Um salário por dia garante a mão de obra  
 A clientela tem grana e compra bem  
 Tudo em casa, costa quente de sócio  
 A playboyzada muito louca até os ossos  
 Vender droga por aqui, grande negócio  
 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim  
 Quero um futuro melhor, não quero morrer assim  
 Num necrotério qualquer, um indigente sem nome e sem nada  
 O homem na estrada  
 Assaltos na redondeza levantaram suspeitas  
 Logo acusaram a favela para variar  
 E o boato que corre é que esse homem está

Com o seu nome lá na lista dos suspeitos,  
 pregada na parede do bar  
 A noite chega e o clima estranho no ar  
 E ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente  
 Mas na calada caguetaram seus antecedentes  
 Como se fosse uma doença incurável  
 No seu braço a tatuagem, DVC, uma passagem, 157 na lei  
 No seu lado não tem mais ninguém  
 A Justiça Criminal é implacável  
 Tiram sua liberdade, família e moral  
 Mesmo longe do sistema carcerário  
 Te chamarão para sempre de ex-presidiário  
 Não confio na polícia, raça do caralho!  
 Se eles me acham baleado na calçada  
 Chutam minha cara e cospem em mim é  
 Eu sangraria até a morte (já era, um abraço)  
 Por isso a minha segurança eu mesmo faço  
 É madrugada, parece estar tudo normal  
 Mas esse homem desperta, pressentindo o mal  
 Muito cachorro latindo ele acorda ouvindo  
 Barulho de carro e passos no quintal  
 A vizinhança está calada e insegura  
 Premeditando o final que já conhecem bem  
 Na madrugada da favela não existem leis  
 Talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez  
 Vão invadir o seu barraco, é a polícia  
 Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia  
 Filhos da puta, comedores de carniça  
 Já deram minha sentença e eu nem tava na treta  
 Não são poucos e já vieram muito loucos  
 Matar na crocodilagem, não vão perder viagem  
 Quinze caras lá fora, diversos calibres  
 E eu apenas com uma treze tiros automática  
 Sou eu mesmo e eu, meu Deus e o meu orixá  
 No primeiro barulho, eu vou atirar

Se eles me pegam, meu filho fica sem  
ninguém  
E o que eles querem: Mais um pretinho na  
FEBEM  
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim  
A gente sonha a vida inteira e só acorda no fim  
Minha verdade foi outra, não dá mais tempo  
pra nada  
Bang! Bang! Bang!

Homem mulato aparentando  
Entre vinte e cinco e trinta anos  
É encontrado morto na estrada do  
M'Boi Mirim sem número  
Tudo indica ter sido acerto de contas entre  
quadrilhas rivais  
Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha  
criminal

Ainda neste mesmo pré-vestibular social, mas agora com outro grupo de alunos – que prestariam o ENEM no final de 2022 –, foram ministradas outras aulas em conjunto com o rap, precisamente três. Quero aqui, portanto, detalhar como foram pensados e colocados em práticas esses outros momentos em que *rappers* (mesmo sob a forma de suas músicas) estiveram ao meu lado ao longo desses encontros.

O primeiro, logo de cara, aconteceu no encontro inaugural. Como fiquei responsável por trabalhar apenas o conteúdo relativo à História do Brasil, enquanto outra professora abordava os assuntos de História Geral, optei por pensar a primeira aula a partir de uma provocação posta no título do primeiro álbum de estúdio dos Racionais MCs. O disco, intitulado de Raio X do Brasil, junto aos primeiros versos (“Você está entrando no mundo da informação / Autoconhecimento, denúncia e diversão / Esse é o Raio X do Brasil, seja bem vindo”) prepara o ouvinte para o trabalho que os integrantes do grupo desenvolverão em suas composições. Portanto, me inspirando neste argumento, iniciei a aula com dois questionamentos: “O que encontraríamos se olhássemos o Brasil por dentro?” e “Que problemas descobriríamos que ainda existem e não mudaram desde a chegada e intervenção dos europeus?”. A apresentação, dividida em cinco tópicos – Conquista colonial, Concentração de terras, Escravidão, Periferias e Futebol –, não pretendia sintetizar a nação e suas várias contradições nestes pontos, mas sim trazer elementos que aproximassem o aluno, o presente e os impactos de estruturas históricas nestes, trazendo fatos do passado em comparação a acontecimentos noticiados em jornais televisivos atuais, como por exemplo o caso de trabalhadores resgatados que

estavam em situação análoga à escravidão<sup>73</sup>. E foi nesse tema específico, escravidão e suas mazelas, que o rap se fez presente na atividade. Para tal, utilizei a canção “Antes que a bala perdida me ache” (também trabalhada em momento posterior nesta dissertação), que questiona e debate sobre a violência histórica que incide sobre o povo negro e periférico do Brasil. Fazendo referências a casos de brutalidade policial que resultaram em assassinatos, como em Guadalupe<sup>74</sup> e Costa Barros<sup>75</sup>, no Rio de Janeiro, o compositor, César MC, ao fim da canção afirma, através de uma analogia, como o processo abolicionista brasileiro não se preocupou em reinserir o negro na sociedade, deixando marcas sentidas até os dias atuais: “Abolição foi só um durex na vidraça / Com bilhete sem graça dizendo que a vida continua”. A música foi exposta aos presentes acompanhada de sua letra em formato de *slides*, bem como outros assuntos abordados no encontro. Como se tratava de uma aula mais expositiva e de abertura do ano, a atividade se resumiu apenas ao campo sensorial da escuta.

O segundo momento em que o rap se fez presente em minhas aulas teve relação direta com um triste episódio que serviu de propulsão para a elaboração de uma aula específica sobre a história da violência estatal no Brasil. Em 24 de maio de 2022 ocorreu, exatamente na comunidade em que o projeto é desenvolvido, a terceira operação policial mais letal da história do Rio<sup>76</sup>. Com 26 pessoas mortas, a desastrosa incursão policial deixou um rastro de sangue e terror na comunidade que não poderia ser ignorado. Destaco que na terça-feira em que ela ocorreu, as aulas foram suspensas, bem como no dia seguinte, mas como meu tempo era na sexta-feira, pude ir encontrar os alunos e levar um tema de aula não muito comum nos currículos formais e engessados que nos deparamos nos tradicionais cursinhos de preparação para os vestibulares. Buscando aprofundar o debate sobre como a

---

<sup>73</sup> Quase 2 mil pessoas em situação semelhante à escravidão foram resgatadas no Brasil, em 2021. *Jornal Hoje*, 29 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10530938/>>. Acesso em 07 de jan. de 2023.

<sup>74</sup> JUCÁ, Beatriz. Doze militares são denunciados por fuzilamento de músico e catador no Rio. *El País*, 10 de mai. de 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557530968\\_201479.html#?prm=copy\\_link](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557530968_201479.html#?prm=copy_link)>. Acesso em 07 de jan. de 2023.

<sup>75</sup> PMs são condenados a 52 anos de prisão pela chacina de Costa Barros. *G1 Rio*, 09 de set. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/09/pms-sao-condenados-a-52-anos-de-prisao-pela-chacina-de-costa-barros.ghtml>>. Acesso em 07 de jan. de 2023.

<sup>76</sup> COSTA, Rafael. Chacina na Penha deixa 25 mortos e 6 pessoas feridas; entidades criticam ações policiais nas favelas. *Voz das Comunidades*, 25 de mai. de 2022. Disponível em: <<https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/chacina-na-penha-deixa-25-mortos-e-7-pessoas-feridas-entidades-criticam-aco-es-policiais-nas-favelas/>>. Acesso em 07 de jan. de 2023.

violência estatal é um instrumento de repressão e controle da população, desenvolvi a aula traçando um panorama histórico, visto que a truculência do Estado acompanha o Brasil desde seus primórdios – seja na forma do colonizador português ou do governante brasileiro. Na Conquista ou na censura, quem estava no comando usualmente recorreu à desumanidade para manter seu *status quo* na estrutura social. Relembrando episódios como a atuação dos bandeirantes nos séculos XVI e XVII, passando pelo controle de revoltas populares e da prática de censura e tortura em ditaduras como a de Getúlio Vargas e dos militares foi possível estruturar, junto aos alunos, a reflexão de que a violência policial não é coincidência ou puro despreparo. É método projetado para massacrar as camadas populares<sup>77</sup>.

O rap é visto comumente como uma forma de denúncia, mas ele também pode servir como um meio de apoio e consolo para comunidades que enfrentam violência por parte de aqueles que deveriam protegê-las. A canção “Principia”<sup>78</sup> de Emicida é um exemplo disso, pois fala de amor e de como criar redes de apoio para superar esses desafios. A música se torna uma forma de resistência, onde a comunidade encontra consolo e força para enfrentar as dificuldades e seguir em frente. Ela é uma forma de empoderamento e de solidariedade para aqueles que estão passando por momentos difíceis, afirmando categoricamente em seus versos que “Paz não se constrói com tiro” e por isso foi escolhida para encerrar a aula, junto à charge abaixo do cartunista Latuff, publicada em 2009, mas que continua atual. A letra desta potente composição está a seguir.

---

<sup>77</sup> NASCIMENTO, Jorge Luiz do. Violência policial, racismo e resistência: notas a partir da MPB. Contexto, Vitória, n. 35: Dossiê Literatura, Resistência e Utopia, p. 193-218, fev. de 2019.

<sup>78</sup> EMICIDA. Principia. In: EMICIDA. *Amarelo*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Faixa 3.



### Emicida – Principia

#### **[Pastoras do Rosário]**

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

#### **[Emicida]**

Com o cheiro doce da arruda

Penso em buda, calmo

Tenso, busco uma ajuda

Às vezes me vem um salmo

Tira a visão que iluda, é tipo um oftalmo

E eu, que vejo além de um palmo

Por mim, tu, Ubuntu, algo almo

Se for pra crer no terreno

Só no que nós tá vendo memo

Resumo do plano é baixo, pequeno

Mundano, sujo, inferno e veneno

Frio, inverno e sereno

Repressão e regressão

É um luxo ter calma, a vida escalda

Tento ler almas pra além de pressão

Nações em declive na mão desse Barrabás

Onde o milagre jaz

Só prova a urgência de livros

Perante o estrago que um sabre faz

Imersos em dívidas ávidas

Sem noção do que são dádivas

No tempo onde a única que ainda corre livre  
aqui são nossas lágrimas

E eu voltei pra matar, tipo infarto

Depois fazer renascer, estilo um parto

Eu me refaço, farto, descarto

De pé no chão, homem comum

Se a bênção vem a mim, reparto

Invado cela, sala, quarto

Rodei o globo, hoje tô certo de que

Todo mundo é um

#### **[Emicida e Pastoras do Rosário]**

Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

**[Emicida]**

Cale o cansaço, refaça o laço  
 Ofereça um abraço quente  
 A música é só uma semente  
 Um sorriso ainda é a única língua que todos  
 entende  
 Cale o cansaço, refaça o laço  
 Ofereça um abraço quente  
 A música é só uma semente  
 Um sorriso ainda é a única língua que todos  
 entende

(Tio, gente é pra ser gentil)

Tipo um girassol, meu olho busca o Sol  
 Mano, crer que o ódio é a solução  
 É ser sommelier de anzol  
 Barco à deriva, sem farol  
 Nem sinal de aurora boreal  
 Minha voz corta a noite igual um rouxinol  
 Meu foco de pôr o amor no hall

**[Fabiana Cozza]**

Tudo que bate é tambor  
 Todo tambor vem de lá  
 Se o coração é o senhor, tudo é África  
 Pus em prática  
 Essa tática  
 Matemática, falou?  
 Enquanto a terra não for livre, eu também não  
 sou  
 Enquanto ancestral de quem tá por vir, eu vou  
 Cantar com as meninas enquanto germina o  
 amor  
 É empírico, meio onírico, meio Kiriku, meu  
 espírito  
 Quer que eu tire de tu a dor

**[Emicida]**

É mil volts a descarga de tanta luta  
 Adaga que rasga com força bruta  
 Deus, por que a vida é tão amarga  
 Na terra que é casa da cana de açúcar?  
 E essa sobrecarga frustra o gueto

Embarga e assusta ser suspeito  
 Recarga que pus, é que igual Jesus  
 No caminho da luz, todo mundo é preto  
 Ame, pois  
 Simbora que o tempo é rei  
 Vive agora, não há depois  
 Ser tempo da paz, como um cais que vigora  
 nos maus lençóis  
 É um-dois, um-dois, não julgue o playboy  
 Como monge sois, fonte como sóis  
 No front sem bois, forte como nós  
 Lembra: A rua é nós

**[Emicida e Pastoras do Rosário]**

(Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós)  
 Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós  
 (Tudo, tudo, tudo que nós tem é)  
 Tudo, tudo, absolutamente tudo  
 (Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós)  
 Tudo que nós tem é isso, uns aos outros  
 (Tudo, tudo, tudo que nós tem é)  
 Tudo que nós tem é uns aos outros, tudo

**[Pastor Henrique Vieira]**

Vejo a vida passar num instante  
 Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
 Não sei, não posso saber  
 Quem segura o dia de amanhã na mão?  
 Não há quem possa acrescentar um milímetro  
 a cada estação  
 Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?  
 Seria, sim, seria se não fosse o amor  
 O amor cuida com carinho, respira o outro, cria  
 o elo  
 No vínculo de todas as cores, dizem que o  
 amor é amarelo  
 É certo na incerteza  
 Socorro no meio da correnteza  
 Tão simples como um grão de areia  
 Confunde os poderosos a cada momento  
 Amor é decisão, atitude  
 Muito mais que sentimento

Alento, fogueira, amanhecer	Eu não tenho a bolha da proteção
O amor perdoa o imperdoável	Queria guardar tudo que amo
Resgata dignidade do ser	No castelo da minha imaginação
É espiritual	Mas eu vejo a vida passar num instante
Tão carnal quanto angelical	Será tempo o bastante que tenho para viver?
Não tá no dogma, ou preso numa religião	Eu não sei, eu não posso saber
É tão antigo quanto a eternidade	Mas enquanto houver amor
Amor é espiritualidade	Eu mudarei o curso da vida
Latente, potente, preto, poesia	Farei um altar para comunhão
Um ombro na noite quieta	Nele eu serei um com o mundo
Um colo para começar o dia	Até ver o ubuntu da emancipação
Filho, abrace sua mãe	Porque eu descobri o segredo que me faz
Pai, perdoe seu filho	humano
Pais é reparação, fruto de paz	Já não está mais perdido o elo
Paz não se constrói com tiro	O amor é o segredo de tudo
Mas eu o miro, de frente, na minha fragilidade	E eu pinto tudo em amarelo

A última aula do ano foi a escolhida para receber mais uma participação do rap em sua elaboração. Em se tratando de um curso pré-vestibular, é importante discorrer brevemente sobre estas provas, visto que elas têm um impacto negativo significativo na saúde mental dos jovens, pois refletem a lógica do mercado, ao associar sucesso acadêmico com uma classificação final. Isso cria uma pressão desnecessária e desumanizante sobre os estudantes, que são constantemente avaliados com base em sua capacidade de se adequar a esses padrões arbitrários e competitivos. Tal cobrança pode levar a problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, e tira o foco da educação como um processo de desenvolvimento humano e não apenas como um meio para obter um emprego.

Foi considerando essa reflexão que escolhi trabalhar em conjunto com uma música que falasse sobre a favela, mas sob a ótica da vitória. O título da canção de Don L, “Favela venceu”<sup>79</sup> tem sido utilizada com frequência nas redes sociais como uma demonstração de ascensão e mobilidade social. Ela é usada para celebrar as conquistas dos moradores de áreas mais pobres, que muitas vezes enfrentam desafios econômicos e sociais. No entanto, é importante notar que essa expressão não necessariamente representa uma mudança sistêmica na estrutura de exploração capitalista que continua a incidir sobre a classe menos abastada. Apesar

---

<sup>79</sup> DON L. Favela venceu. In: DON L. *Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2*. Fortaleza: Independente, 2021. Faixa 9.

das conquistas individuais, as favelas ainda enfrentam obstáculos significativos, incluindo falta de infraestrutura básica, acesso limitado a serviços de saúde e educação, além de discriminação e violência. Essas adversidades são resultado da falta de investimento e políticas públicas eficazes para melhorar as condições de vida dessas pessoas. Por isso, é importante reconhecer que a expressão "favela venceu" pode ser usada para celebrar as conquistas individuais, mas não deve ser usada como uma desculpa para ignorar as desigualdades estruturais que continuam a afetar a vida dos moradores. É preciso continuar lutando por políticas públicas eficazes e investimentos diversos para melhorar as condições de vida destes e promover a verdadeira mudança social e econômica.

Essa pauta comumente é abordada por outros *rappers*. Emicida em sua participação na música "O céu é o limite"<sup>80</sup> de Devasto Prod afirma que "triunfo, se não for coletivo, é do sistema" enquanto Major RD, jovem *rapper* carioca, nas letras de "Como é que tá?"<sup>81</sup> reforça essa visão ao cantar que "só aceito falar que a favela venceu / quando geral tiver no mesmo patamar". Ou seja, não passa batido pelos *rappers* a necessidade de mudanças estruturais profundas, que transcendam conquistas financeiras individuais.

Agindo como numa espécie de defesa à Don L e sua composição, é preciso contextualizar a música dentro do álbum como um todo. Roteiro para Aïnouz (Vol. 2) faz parte de uma trilogia musical ainda incompleta (e que começou pelo Vol. 3 em 2017) e é construído como uma projeção de um futuro idealizado pelo compositor. Ele apresenta uma narrativa que se passa num tempo vindouro, onde as pessoas vivem em maior harmonia e em equilíbrio entre si. As letras apresentam uma visão utópica de um mundo melhor e mais justo, e as melodias são inspiradas por ritmos e sonoridades diferentes do que o ouvinte está acostumado. Em resumo, o álbum Roteiro para Aïnouz (Vol. 2) é uma projeção futurista e idealizada, que busca inspirar o receptor a lutar por uma realidade mais igualitária para todos. Faixas como "volta da vitória" e "primavera" exemplificam bem a intenção do artista. E foi seguindo esse norte que construí a narrativa para a última reunião do ano. Ora, não poderíamos fazer uma justaposição deste discurso sobre o momento de vida daqueles jovens? Pessoas esperando um amanhã melhor e mais digno através dos estudos.

---

<sup>80</sup> BK; DEVASTO PROD; DJONGA; EMICIDA; MANO BROWN; RAEL; RINCON SAPIÊNCIA. O Céu é o Limite. *In*: Devasto Prod. **O Céu é o Limite. Single**. São Paulo: Black Work Gang, 2018.

<sup>81</sup> MAJOR RD. Como é que tá? *In*: Major RD. **Troféu**. Rio de Janeiro: Rock Danger, 2021. Faixa 2.

Adolescentes que, por conta da pandemia e suas duras consequências, praticamente não viveram presencialmente o Ensino Médio e não puderam se preparar adequadamente pra um momento derradeiro como o vestibular. Isso tudo na favela, local historicamente preterido por quem deveria zelar pelos direitos de cidadania de seus moradores. Djonga, em “Junho de 94”<sup>82</sup> versa que “Devolvi a autoestima pra minha gente / Isso que é ser hip hop” e BK, na obra “Vivos”<sup>83</sup> corrobora essa visão acerca do poder transformador do hip hop, ao rimar que “A riqueza dava medo / Aí veio o hip hop e salvou o negro / Ressuscitando a autoestima nas cidades / Eles me chamam BKristo porque o meu flow faz milagres”.

A canção de Don L, “favela venceu” une tanto a esperança de um futuro melhor pra si como, entrelinhas, aborda a questão da autoestima em moradores de áreas de baixa renda, usando e abusando do recurso identitário delimitando uma barreira clara entre a área pobre e rica da cidade através das expressões “a gente” e “eles”. Com essa diferenciação, o *rapper* colocou sua obra num lugar familiar àquele aluno que a estava consumindo. Numa breve conversa sobre a letra ao final da aula, diversos presentes relataram ter se identificado com o que estava sendo cantado e dividiram que também se sentem dessa forma, numa constante lembrança que existe o “nós” e o “eles” bem definido na sociedade. Observemos, portanto, os versos citados:

---

<sup>82</sup> DJONGA. Junho de 94. In: Djonga. **O menino que queria ser Deus**. São Paulo: Ceia Ent., 2018. Faixa 2.

<sup>83</sup> BK. Vivos. In: BK. **Gigantes**. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2018. Faixa 8.

## Don L – Favela venceu

Fé em Deus!  
 Pá-pá, pá-pá  
 Pá-pá, pá-pá  
 Tu gosta, não gosta?  
 Pá-pá, pá-pá  
 Parapapapá  
 Favela venceu  
 A gente num enterra, a gente **planta**  
 A gente num ganha, a gente vence  
 A gente num pede, a gente manda  
 Favela venceu  
 A gente num curte, a gente **ama**  
 A gente num quer, a gente tem que  
 A gente merece, a gente **banca**  
 Favela venceu  
 Parapapapá  
 A gente é o que a gente tem que ser  
 A gente é **respeito** eles têm medo  
 A gente é saber chegar e sair desde cedo  
 Eles são vacilação e nós **disciplina**  
 Eles deixam furo nós sapatinho  
 Mas tá todo mundo vendo  
 (Parapapapá)  
 Tão acostumado a ganhar sempre  
 Pra gente nada é fácil nunca  
 A gente num ganha a gente vence  
 A gente é **comunidade junta**  
 A gente é mutirão em dias ruins (bora que bora!)  
**Bailão** em dias bons  
 A gente é trabalho e faculdade  
 Eles são coach de virgindade em meia idade  
 (ih)  
 (Parapapapá)  
 A gente é justiça eles polícia  
**Marielle vive**, eles milícia  
 A gente é milícia também só que **zapatista**  
 (vamo que vamo, porra! Prrrá!)

Se a gente tá mec, eles tão Donald (Trump)  
 Do nada nós Kim Jong, hmm  
 Desculpa, mas tem uma bomba  
 Favela venceu  
 A gente num enterra a gente **planta**  
 A gente num ganha a gente vence  
 A gente num pede a gente manda  
 Favela venceu  
 A gente num curte a gente **ama**  
 A gente num quer a gente tem que  
 A gente merece a gente **banca**  
 Parapapapá  
 Favela venceu  
 Favela venceu  
 A gente é horta comunitária  
 Eles condomínio dentro do shopping  
 A gente é **subcomandante Marcos**  
 Eles são cabo da rota lambendo bota  
 (Vermes)  
 A gente também sabe andar de Glock (prra!)  
 A gente tem banca eles banco  
 (Parapapapá)  
**Ladrão** foi **Colombo**, é tudo nosso  
 A gente merece a gente banca  
 Nós pega a visão eles propaganda  
 Se quem te alimenta te controla  
 Ninguém quer **esmola** a gente planta  
 Quem fecha com o bonde é sangue nosso  
 (cria!)  
 Quem fecha com os bota é sanguinário  
 (otário!)  
 A gente quer xota e tirar uma onda  
 E eles quando num força é celibato (tão decretado!)  
 (Parapapapá)  
 Temos **Dina Di** e **Marighella**  
 Amamos **Sabota'** e **Milton Santos**  
 Tamo nos salões e nas vielas

Saudamos <b><u>Comandanta Ramona</u></b>	A gente num ganha a gente vence
A gente é pra sempre como <b><u>Cidinho &amp; Doca</u></b>	A gente num pede a gente manda
no funk	Favela venceu
E eles em pouco tempo ninguém vai lembrar o	A gente num curte a gente <b><u>ama</u></b>
nome	A gente num quer a gente tem que
(Fé em Deus!)	A gente merece a gente <b><u>banca</u></b>
Favela venceu	
A gente num enterra a gente <b><u>planta</u></b>	

Ao reproduzir os versos da canção, algumas palavras e nomes estão destacados. A razão disso é que repeti o realçamento também feito nos *slides* usados para transmitir a letra aos alunos. No geral, os motivos para a evidência foram dois. Reforçar o caráter de homenagem à comunidade e aos alunos sob forma de exaltação de seus feitos e conquistas e chamar a atenção para nomes que talvez não fossem familiares para os presentes, como Comandanta Ramona, revolucionária participante do Exército Zapatista de Libertação Nacional do México, e Carlos Marighella, guerrilheiro comunista brasileiro assassinado por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) durante a ditadura militar brasileira. Além destes, nomes como Dina Di e Sabota<sup>84</sup> (abreviação de Sabotage), que não raro aparecem em listas de melhores *rappers* brasileiros de todos os tempos, foram sublinhados para se instigar a curiosidade dos presentes em relação a esses artistas.

Tomo a liberdade de dividir uma história pessoal que me marcou bastante e foi fundamental para o que foi feito, em termos de destaque aos nomes que aparecem na música de Don L. Certa vez, saindo de um show do MC Marechal, consegui acesso a ele e começamos a conversar. À época, 2017, cheguei a conjecturar como seria fazer um mestrado sobre *rap* e fui incentivado por ele, ao ponto que chegamos a trocar contatos telefônicos para que atividades em conjunto pudessem ser realizadas no futuro. Nesse meio tempo, lembro de fazer duas perguntas muito diretas a ele, especificamente sobre suas obras. A primeira era o

---

<sup>84</sup> Dina Di é considerada a primeira mulher a ter sucesso no rap brasileiro. Teve sua carreira abreviada por complicações pós-parto que levaram ao seu óbito em 2010. Já Sabotage, assassinado aos 29 anos em condições até hoje não esclarecidas, encontrou a saída do mundo do crime através do *rap* e chegou a produzir um aclamado álbum de estúdio chamado “*Rap é Compromisso!*” de 2000.

porquê de uma de suas canções ser intitulada “Griot”<sup>85</sup>, mas não ter referência direta aos griôs africanos na letra e a segunda, também sobre a mesma canção, o questionava sobre um verso específico, “Deviam mostrar marcos da história mais parecidos com Plínio”. Ambas as respostas foram muito semelhantes e batiam na mesma tecla. A referência, de certa forma incompleta, instigaria o ouvinte que quisesse compreender a letra por completo a buscar e se aprofundar nestes temas. Marechal afirmou que ao não citar e explicar quem são os griôs, procura incentivar aos jovens a conhecerem sua ancestralidade que foi subtraída e suprimida pelo jugo colonizador europeu. No caso do nome Plínio, lembro de, num tom descontraído, pontuar “você não está falando do Plínio Salgado não, né?” e ser interpelado com “tá maluco? Estou falando do Plínio Marcos”. Seguido de um “tá vendo? Nem o professor de História conhecia, a molecada tem que buscar mais quem lutou no passado”. Confesso que, num primeiro momento, de fato o nome do perseguido e censurado autor de teatro não me veio à mente, mas a conversa me marcou dali em diante. A importância de instigar em quem nos ouve a curiosidade de se aprofundar sobre um passado de lutas que moldaram o presente em que vivemos deve ser valorizada. MC Marechal, em poucas palavras, aborda indiretamente a questão do apagamento da memória, principalmente em relação a pessoas que lutaram para modificar a estrutura do sistema em que viviam. Figuras que questionaram a dominação que sofriam e, por conta de suas ideologias, têm suas histórias sistematicamente apagadas para que suas lutas não inspirem outras. BK em “Amor”<sup>86</sup> endossa o tema trazendo a nuance do capitalismo ao questionar “Se eu não tiver mais por aqui, minha história tu vai contar? / Ou, dependendo de quanto pagar, vai deixar se apagar?”.

Dentre outras atividades realizadas no Estudando para Vencer, esta foi uma das que mais despertou nos discentes um sentimento de pertencimento e exaltação de onde vivem. A poderosa composição de Don L deflagrou ainda mais as potencialidades que aqueles jovens muitas vezes se esquecem que têm. Ao defender uma “comunidade junta” que “planta”, “ama” e não “quer esmola”, o *rapper* desenha um futuro em que a prosperidade, antes de individual, é coletiva, bem como

---

<sup>85</sup> MC Marechal é um artista independente que não possui nenhum álbum de estúdio gravado e suas outras composições não podem ser encontradas, oficialmente, em plataformas de distribuição digital de música. Isso, em termos burocráticos, limita a correta referência desta canção no modelo ABNT.

<sup>86</sup> BK. Amor. In: BK. *O Líder em Movimento*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2020. Faixa 2.

a participação destes jovens no projeto. Ao se comprometerem com um ano letivo de estudo intenso, todas as noites da semana e integralmente aos sábados, os presentes mostram para outros que é possível transformar a realidade comunitária com educação.

### 3.3 “Menor revoltado” – A música como um desabafo

Em outubro de 2022, num colégio particular no Rio de Janeiro, onde trabalho no momento desta escrita, foi organizada uma tradicional Feira de Ciências que contava, além das apresentações de projetos de grupos de alunos, com Oficinas das mais variadas, como fotografia, pintura, canto, dentre outras. Nesse contexto, a direção da escola me convocou para ministrar uma dessas atividades, aberta a alunos de todos os anos do Ensino Fundamental II ao Terceiro Ano do Ensino Médio, e me concedeu certa carta branca sobre o tema. E foi diante desse cenário que enxerguei uma excelente oportunidade para, mais uma vez, abrir as portas do ambiente escolar para a entrada do rap. É bom que fique claro, contudo, que por si só, enquanto produto cultural e musical largamente consumido na sociedade atual, o rap já faz parte do cotidiano de grande parte dos alunos que ali estavam e fatalmente não precisaria da minha ação para tal. Desse modo, resumindo minha intenção, procurei dar uma aula com o rap, mas não tomando este como objeto de análise, mas sim como sujeito, praticamente como um outro professor dividindo a sala de aula comigo.

Nos atendo à atividade em si, propus algo simples, dado o tempo limitado de uma hora de Oficina: ouvir quatro músicas, analisar a letra e produzir duas estrofes, de alguns versos cada, sobre qualquer assunto que despertasse interesse do aluno. Neste ponto, é bom frisar que não quis limitar a inspiração dos participantes somente aos temas abordados nas canções, tentando ao máximo estimular um cenário onde eles se sentissem confortáveis de produzir um material condizente com suas próprias realidades. Ainda mais se levar em conta a realidade da instituição em si. Um colégio particular que oferece diversas bolsas, e que, por isso, produz um cenário, à sua maneira, plural no que tange à realidade socioeconômica dos discentes.

Sobre as músicas escolhidas, selecionei “Cê lá faz ideia?” de Emicida, utilizada em minha primeira atividade com música, exposta no início deste capítulo, “Antes que a bala perdida me ache” de Cesar MC, com participação do já citado Emicida, “Movimento” composta por BK’ e “Vila Rica” do rapper independente Don L. Em relação ao critério de escolha das canções, não existe uma “linha-guia” que norteou a triagem. Cada uma, ao seu modo, disserta sobre questões muito comuns no rap, como desigualdade social, racismo estrutural, velado, recreativo, violência nas periferias e disputa de memória na sociedade atual. Para que o leitor desse texto acompanhe melhor o que foi o desenrolar desta atividade, opto por deixar aqui os versos destas canções para consulta, na ordem em que foram citadas. Recomendo, além disso, que estas sejam ouvidas para que a interpretação do cantor, os *beats* e a produção da música sejam levados em conta numa posterior análise.

### **Emicida – Cê lá faz ideia?<sup>87</sup>**

Tupac já dizia	Não, cê não faz ideia, não faz ideia, não faz ideia
Algumas coisas nunca mudam	Ai, ai, explica pra assistente social
Algumas coisas nunca mudam	Que pai de gente, igual a gente
	Não sabe usar a mente, só o pau
Ai, são regras do mundão	Que quem educa nós, na escola estadual
Perdi as contas de quantos escondem	Joga na cara todas as manhãs que ganha mal
A bolsa se eu digo: que horas são?	Que é incrível
Taxista perguntam mais que policiais a mim	Quantos de nós sentam no fundo da sala pra ver
Sim, indescritível como é ruim	se fica invisível
Nasci vilão só veneno	Calcula o prejuízo
Com o incentivo que me dão	Nossas crianças sonham que quando crescer vai
Errado tô se eu não virar memo	ter cabelo liso
Suor na cara, levando currículo, cara	Sem debater, fato
A pé porque onde eu moro, o busu não para	Que a fama da minha cor fecha mais portas que
Pé de barro, meio dia	zelador de orfanato
Inspirando piada nos boys, transpirando medo	Cê sabe o quanto é comum, dizer que preto é
nas tias	ladrão
Hã, tudo é tão óbvio	Antes memo de a gente saber o que é um
Cê não vê e vai juntando ingrediente da bomba	Na boca de quem apoia, desova e se orgulha

<sup>87</sup> EMICIDA. Cê lá faz ideia? *In*: EMICIDA. *Emicídio*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2010. Faixa 2.

relógio  
 Eu sinto dor, eu sinto ódio  
 É quente, sem nem saber o nome dessa gente  
 Católica, de bem, linda  
 Se já notou, e ó que eu nem falei a minha cor  
 ainda

Cê lá faz ideia do que é ver, vidro subir  
 Alguém correr quando avistar você?  
 Não, cê não faz ideia, não faz ideia, não faz ideia  
 Cê lá faz ideia do que é ver, vidro subir  
 Alguém correr quando avistar você?

Da honestidade que nunca foi posta à prova  
 Eu queria te ver lá, tiriça  
 Pra ver onde você ia enfiar essa merda do teu  
 senso de justiça

Cê lá faz ideia do que é ver, vidro subir  
 Alguém correr quando avistar você?  
 Não, cê não faz ideia, não faz ideia, não faz ideia  
 Cê lá faz ideia do que é ver, vidro subir  
 Alguém correr quando avistar você?  
 Não, cê não faz ideia, não faz ideia, não faz ideia

### **Cesar MC - Antes que a bala perdida me ache<sup>88</sup>**

#### **[Jaddy]**

Esse é o nosso cantinho  
 Esse é o nosso lugar  
 Quantas pedras no caminho  
 Pra essa vida melhorar  
 Ô, laiá  
 Eu não sei o que fazer  
 Eu só sei que sou assim  
 Nunca foi sobre chorar  
 Mas por aqui ninguém aguenta mais

#### **[Cesar MC]**

Contar pra amenizar o luto é o preço da luta  
 Ainda preciso gritar, mas quem me escuta?  
 O bicho-papão lá fora já não me assusta  
 Num país onde até dentro de casa a bala te  
 busca

A vida é dura, mano, tanto bate até que frustra  
 A vida é dura, mano, tanto bate até que surta  
 A história conta quem apronta e não desconta a  
 culpa  
 De quem nunca leva em conta o privilégio que

Esse é o nosso cantinho  
 Esse é o nosso lugar  
 Quantas pedras no caminho  
 Pra essa vida melhorar  
 Ô, laiá  
 Eu não sei o que fazer  
 Eu só sei que sou assim  
 Nunca foi sobre chorar  
 Mas por aqui ninguém aguenta mais

#### **[Emicida]**

Frio como Helsinki, pique John Wick  
 Onde o click não é do clipe  
 O monge linka bic com a psique  
 Tendeu? Criança canta Nike, Dior  
 Night, lá fora é Fortnite, saca?  
 Safe cada vez menor

Os dias são cárceres, cicatrizes, repórteres  
 Em série, Mefistófeles, pós, devora mártires  
 Maldição das metrópoles  
 Pros meninos cor de Péricles

<sup>88</sup> CESAR MC; EMICIDA; JADDY. Antes que a bala perdida me ache. In: Cesar MC. *Dai a Cesar o Que É de Cesar*. Rio de Janeiro: Pineapple Storm TV, 2021. Faixa 5.

desfruta

Legitimar a ódio é tapar o Sol com a lupa  
Inútil como quem esconde lágrimas na chuva  
Se a vitória é ficar vivo, isso é roleta-russa  
Racismo estrutural não se resolve com desculpa

Tem que cortar pela raiz pra acabar com o fruto  
Eles não mexem na raiz porque ela afeta o lucro  
Eu queria falar de amor, mas sei que o tempo é curto

Então eis aqui meu lovesong, só que em estado bruto

### [Jaddy]

Eu vim de onde o filho chora e a mãe não vê  
Mas no fundo, sempre sabe quando o filho chora  
Quantas lições de casa para resolver  
Até que um dia a gente

Costa Barros, coincidência, Guadalupe,  
coincidência  
Mesma cor em incidência, na terra das  
coincidências

Quebra as pernas, sem hipérbole  
Enterramos Aristóteles pretos, fato

### [Jaddy]

Antes que a bala perdida me ache  
Antes que a bala perdida me ache  
Antes que a bala perdida me ache  
(Quero ter a chance de me encontrar)  
Antes que a bala perdida me ache  
Antes que a bala perdida me ache

### [Cesar MC]

Eu vim de onde o filho chora e a mãe não vê  
Mas no fundo, sempre sabe quando o filho chora  
Quantas lições de casa para resolver  
Até que um dia a gente possa ir brincar lá fora?

Preto é sempre cor tendência pra essa fria  
sentença  
Que não busca um ponto final  
Vai cooperar com as reticências

Abolição foi só um durex na vidraça  
Com bilhete sem graça dizendo que a vida  
continua  
E meritocracia é só uma farsa  
Que te faz pensar que se a janela tá quebrada  
A culpa é sua...

## **BK' – Movimento**<sup>89</sup>

### [Polly Marinho]

Os que têm a sensibilidade e a frieza na hora de  
olhar o Mundo  
Serão os responsáveis pelos outros olhares  
Os que nada temem, serão responsáveis por  
corajosos e covardes

E nós sabemos bem como eles são com as  
obras  
Se os irmãos se unissem  
As guerras entre nós e a gente sumisse  
Depois desse verso, vão me estranhar, é certo  
Mas o que me entenderem vão ver que não é

<sup>89</sup> BK'; MARINHO, Polly. Movimento. In: BK'. *O Líder em Movimento*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2020. Faixa 1.

Ser a força, o amor, o poder, a sabedoria  
 E a luta pela liberdade só acaba quando ela for  
 encontrada  
 Para que a nossa poesia não seja mais escrita  
 com sangue

**[BK']**

Eles mataram Pac, mataram Big  
 Eles querem matar um mano que resiste  
 Eles mataram Pac, mataram Big  
 Eles querem matar um mano que resiste  
 E nós queremos ser livres!  
 E nós queremos ser livres!  
 E nós queremos ser livres!  
 Nós queremos ser livres!

Pense no preço que é fazer alguém pensar  
 Num mundo onde botam um preço na cabeça de  
 quem pensa  
 Eu pensando em milhares e centenas  
 O sistema pensando na minha sentença  
 Botaram as drogas no meio dos Panteras  
 Baixa autoestima no meio das negras  
 Maldições em nós por várias eras  
 E hoje nós que somos bruxos, feiticeiras  
 Malcolm X, eu não tô bem com isso  
 Mataram Marielle e ninguém sabe o motivo  
 Na real todos sabemos o motivo  
 É o mesmo de nenhum dos meus heróis  
 continuar vivo  
 E eles falam que nosso som incomoda  
 Mas o mundo, ele melhora  
 É que nós somos tipo as obras  
 Eles mataram Pac, mataram Big  
 Eles querem matar um mano que resiste  
 Eles mataram Pac, mataram Big  
 Eles querem matar um mano que resiste

maluquice  
 Vou ser caçado, tipo um animal raro  
 Tipo um tênis caro, por tirar autoestima dos cria  
 do ralo  
 Eles botaram ratoeira, mas não sou rato "  
 Botaram cerca, mas não sou gato "  
 Mandam tu se calar, nunca abaixe o tom  
 No show, nós somos Martin Luther King em  
 Washington  
 Manifestações, libertar mentes e pulsos  
 Buscando soluções, fim dos choros e soluços  
 Vamo derrubar o nome dessas ruas, essas  
 estátuas  
 Botar herói de verdade nessas praças  
 Se tu se expõe muito (plá!), toma sem cara  
 Mas lutamos, (há!) Thomas Sankara  
 Minha mãe ora por mim assim que eu saio de  
 casa  
 Inimigos oram por eles quando eu saio de casa  
 Se isso é um bueiro daqui vamos vazar  
 Se é um tabuleiro, avançamos casas  
 Eles gostam quando preto dança, grita, chora  
 Eles temem quando um preto pensa  
 Eu sigo pé no chão, não para que eu não me  
 perca  
 É pra dar impulso pro salto, quero ver me pegar  
 E o que falavam que era um mundo, eu sabia,  
 não era um terço  
 Tipo um bebê que não aguenta ficar no berço  
 Cês dão porrada, espera abraço  
 Se tudo termina em pizza, que a pizza fique em  
 pedaços  
 E nós queremos ser livres!  
 E nós queremos ser livres!  
 E nós queremos ser livres!  
 Nós queremos ser livres!

## Don L – Vila Rica<sup>90</sup>

### [Don L]

Na trilha pra Vila Rica  
 A tomar todo o ouro que eu preciso  
 Saquear engenhos no caminho  
 Matar os soldados do rei gringo  
 E nunca poupar um sertanista  
 É disso que eu chamo cobrar o quinto

Num bate de frente que o bonde tá bolado  
 Na mata fechada de tocaia  
 Uns caras de isca, as minas de carabina  
 O terror dos bandeirantes  
 Trombou com nossa cavalaria, chacina (plow)

Nós tivemos baixas incontáveis  
 Na real já foi uma revolução  
 Foi uma comunidade  
 Por cima de sangue derramado  
 Já fomos quilombos e cidades  
 Canudos e Palmares  
 Originais e originários

Depois do massacre ergueram catedrais  
 Uma capela em cada povoado  
 Como se a questão fosse guerra ou paz  
 Mas sempre foi guerra ou ser devorado  
 Devoto catequizado  
 Crucificar em nome do crucificado

Faria e faz comigo a justiça  
 Jesus não estaria do seu lado

Brasil, Brasil, Brasil (toda canção, toda canção  
 do meu amor)  
 Brasil, Brasil, Brasil (toda canção, toda canção

Seu Deus é o tal metal, é o capital  
 É terra banhada a sangue escravizado

Jesus nunca estaria do seu lado  
 Não estaria do seu lado  
 Jesus não estaria do seu lado  
 Faria mais sentido estar comigo  
 Jesus não estaria do seu lado  
 Faria e faz comigo a justiça

Caminha comigo na trilha pra Vila Rica  
 A tomar todo o ouro que eu preciso  
 Saquear engenhos no caminho  
 Matar os soldados do rei gringo  
 E nunca poupar um sertanista  
 É disso que eu chamo cobrar o quinto

Já foi uma revolução  
 Agora é vingança na ponta do cano do bandido  
 Eu chamo cobrar o quinto  
 E ainda virá uma revolução  
 Eu juro pela fé do seu Cristo  
 Um chumbo no peito que leva o crucifixo (plow!  
 Aleluia!)

Faria mais sentido estar comigo  
 Jesus não estaria do seu lado  
 Mas vim foi pra cobrar os furos  
 Eu taquei fogo numa carruagem  
 Tomei a cruz do peito a céu aberto  
 E pus Jesus do lado certo

Toda canção do meu amor na estrada  
 Em direção ao sul  
 Eu tenho uma cavalaria inteira em minha  
 retaguarda

<sup>90</sup> DON L; MATEUS FAZENO ROCK. Vila Rica. In: DON L. *Roteiro Pra Aïnouz*, Vol. 2. Fortaleza: Independente, 2021. Faixa 2.

do meu amor)	Em direção ao sul
Brasil, Brasil (toda canção, toda canção do meu amor)	E se o sangue da minha guarnição deixar o chão vermelho
	Cidades crescerão em cima de mil cemitérios
	Que renascerão em guerras até que se cobre o preço
<b>[Mateus Fazenda Rock]</b>	
Toda canção do meu amor na alma	
Em direção ao sul	
Eu tenho uma cavalaria inteira em minha retaguarda	Toda canção do meu amor na alma (Brasil)
	Na (Brasil)
Em direção ao sul	Na estrada pra Vila Rica (Brasil)
Eu sei que é pouco, mas eu não vou sem levar alguns	
Se é tudo pelo ouro eu vou levar algum	

Com as letras devidamente apresentadas, voltemos, portanto, ao momento da Oficina e a atividade com os alunos. Em termos de metodologia, optei por levar estes versos num arquivo de *PowerPoint* para que todos os presentes pudessem acompanhá-los enquanto a canção era reproduzida em um pequeno alto-falante. A análise em si se deu de forma bem simples, visto que grande parte dos versos é bem claro em suas intenções e sentidos. Tomei um redobrado cuidado para não falar por cima do que a música já estava versando, sendo coerente com a proposta inicial de dialogar constantemente com o “professor-rap” que dividia o espaço docente comigo. Sendo assim, a ideia era, num primeiro momento, apenas ouvirmos e acompanharmos os versos e numa segunda reprodução destrincharmos um pouco mais as letras, apontando referências implícitas, subjetivas ou específicas de fatos históricos, como a figura de Thomas Sankara e a alusão à Revolta de Vila Rica de Minas Gerais em julho de 1720. Neste momento, é bom que se recorde que a atividade foi aberta para todos os anos do colégio praticamente, ficando de fora apenas o Ensino Fundamental I. Ou seja, por conta de questões curriculares, alguns discentes ali presentes não tinham sido apresentados a alguns temas históricos referenciados nas rimas.

Contudo, sabemos que a docência reserva a seus profissionais momentos inesperados e que nos obrigam a adaptar cenários previamente estipulados e planejados. E uma mudança repentina na agenda do evento fez com que fôssemos

obrigados, eu e os alunos, a interromper a atividade por trinta minutos. Por conta do imprevisto e do tempo encurtado, me vi obrigado a limitar a proposta inicial e priorizei a reprodução das músicas e simultânea análise, por parte dos estudantes, do que era cantado, deixando de lado a produção das estrofes, presente no planejamento original.

Eis que, comigo desanimado com o inesperado negativo, um aluno, que aqui chamaremos pelo nome fictício de Leandro, 15 anos, estudante do Primeiro Ano do Ensino Médio, me surpreendeu positivamente. Entre uma canção e outra ele se sentiu confortável para compartilhar que compõe letras de rap, motivado por um recente término de relacionamento, o que o inspirava a escrever as chamadas *lovesongs*, que são um estilo de rap que aborda o amor, relacionamentos e afins. E foi exatamente essa proximidade com a cultura hip hop que o fez participar mais ativamente da atividade. Tomando como base trechos como “Quantos de nós sentam no fundo da sala pra ver se fica invisível” e “Racismo estrutural não se resolve com desculpa”, Leandro passou a dividir com os presentes algumas situações que tinha vivenciado há pouco tempo e aqui considero de suma importância reproduzir o que foi relatado para que tenhamos uma dimensão melhor do poder do rap em auxiliar jovens negros e/ou periféricos a melhor analisarem criticamente situações cotidianas a que são submetidos.

Tal qual Emicida que na primeira música aqui citada versa “se já notou (...) que eu nem falei a minha cor ainda”, talvez a essa altura você, leitor, imagine que Leandro seja um aluno negro, como de fato é. E foi partindo dessa condição de ser um dos poucos estudantes negros ali presente, bem como da maior parte da instituição em si, que ele nos relatou três situações que aqui replico. A primeira se passa num antigo colégio, quando nosso interlocutor tinha por volta de sete a oito anos e brincava de pique-pega no seu intervalo de aula. Acontece que durante a brincadeira ele esbarrou em um outro aluno que não participava da dinâmica e este, sentindo-se supostamente agredido, se dirigiu ao inspetor do colégio mais próximo e proferiu as seguintes palavras preconceituosas: “este negro me bateu”, enfatizando, de acordo com Leandro, a palavra negro como forma de atribuir caráter negativo à cor da pele dele. Nosso enunciador dividiu com a turma presente que ali foi o primeiro momento de sua vida em que se deu conta que outras pessoas usariam a cor de sua pele como estratégia de desvalorização sobre ele. Além disso, nesse mesmo cenário, ele ainda experienciou a impunidade com que o Brasil lida com o

racismo explícito no dia a dia, já que o estudante que proferiu as palavras antes citadas não foi sequer advertido pelo inspetor ou membros da Direção escolar.

O segundo relato, mais recente, envolve Leandro e seu pai. Numa visita a um restaurante em que estão habituados a frequentar, eles dão falta de um simpático garçom negro que sempre os atendia. O pai, curioso, se dirige ao gerente e pergunta: “Cadê aquele rapaz que aqui trabalhava? Foi preso?”. Seu filho imediatamente percebe o caráter de racismo velado que a frase carrega, mas não se sente à vontade para interpelar seu pai sobre o assunto. Todavia, na Oficina, ao relatar o acontecido Leandro se aprofunda na problematização do episódio através da descrição racial dos membros de sua família. Ele explica que seu pai é branco, sua mãe, negra e seus irmãos por parte de pai também são negros, bem como a ex-esposa deste. E se questiona: “como pode meu pai, rodeado de pessoas negras, reproduzir essa fala e nem ao menos perceber o problema que ela traz consigo?”. Aqui Leandro atinge o cerne da questão do racismo velado, tão presente no Brasil. O racismo que se manifesta sem se manifestar. Que se transveste de comentário supostamente desprezioso, mas que nunca seria feito se o alvo da observação fosse uma pessoa branca.

Por último, nosso interlocutor referencia novamente um trecho de Emicida (“taxistas perguntam mais que policiais a mim”) para narrar um evento acontecido dois dias antes da Oficina. Ao sair da escola com um casal de amigos brancos, os três chamam um carro particular no celular de sua amiga. Entretanto, no momento em que o motorista chega onde eles se encontram, Leandro toma a frente e se dirige à janela do carona do carro para confirmar se era o mesmo motorista que aparecia no aplicativo, e neste momento o condutor, sem dizer qualquer palavra, sobe o vidro elétrico, impedindo que Leandro dirija qualquer palavra a ele. Foi apenas após a abordagem de sua amiga que este se mostrou mais receptivo e destrancou as portas para que os três pudessem entrar no carro. O aluno frisa que houve uma frustrada tentativa de pedido de desculpas, mas que pra ele soou apenas como argumentos evasivos para justificar a atitude anterior.

Visando complementar o cenário relatado, faço um apontamento no que tange a situações relacionadas ao trânsito e abordagens policiais. Percebo, naquele instante, que nunca fui parado em uma *blitz*, muito menos “tomei um enquadro”<sup>91</sup> de

---

<sup>91</sup> Gíria comum nas periferias brasileiras em referência às abordagens truculentas de policiais.

algum policial, divido isso com os estudantes e Leandro me indaga: “Professor, quantos anos você tem?”. Respondo, trinta. E ele complementa: “Tenho quinze e já perdi a conta de quantos enquadros já tomei. Há um tempo atrás um policial me parou enquanto eu voltava da casa da minha ex-namorada alegando que havia tido um roubo ali perto e a vítima descreveu o assaltante parecido comigo. Só me safei de forma mais tranquila porque estava de uniforme”.

Após os relatos, dei continuidade à apresentação das músicas, levando em conta o limitado tempo que ainda dispunha para a realização da dinâmica com todos os alunos participantes, que somavam aproximadamente vinte. Contudo, devido a algumas interrupções técnicas, realmente me dei conta que não conseguiria de fato receber a produção dos presentes. E nesse momento manifesta-se uma das características do trabalho docente: a percepção do momento e a (controlada) improvisação. Enquanto os últimos versos eram recitados, decidi que não poderia deixar que Leandro saísse da sala sem mais uma conversa e um pedido, agora individual, para que produzisse algo que fosse fruto da Oficina, e foi isso que fiz. Enquanto os alunos se preparavam para sair da sala, arrumando seus materiais e recolhendo suas mochilas, me dirigi a ele e propus que ficássemos mais um tempo em sala para conversarmos melhor sobre alguns pontos, com mais calma.

Antes de detalhar o diálogo, considero relevante descrever um pouco mais de Leandro e sua relação com o ambiente escolar. Refletindo a realidade da grande maioria das escolas privadas do Brasil, Leandro é um dos poucos alunos negros de sua sala e também do colégio em si. Por ter entrado na instituição no presente ano e ter vindo de um com formação católica, aparentemente mais rígido e restrito em termos comportamentais, ele rapidamente percebeu a diferença na organização destes e o início de seu ano letivo foi marcado por atos de indisciplina e pouco compromisso com as notas e os estudos (formais). Se vendo num lugar novo, sem os velhos amigos, Leandro voltou-se à produção de poesias e poemas como forma de extravasar sentimentos conflitantes que o atingiam. Questões familiares, de relacionamento e de inserção na nova escola apareciam em seu relato conforme íamos conversando e passava a ser cada vez mais latente também a responsabilidade da coordenação de ensino nas experiências ruins dele ao longo do ano. Por conta de alguns episódios, nosso narrador passou a ser estigmatizado como um aluno-problema, como alguém que não quer nada e que não possui qualquer comprometimento com o ensino. Todavia, ninguém se mostrou disposto a

entender que condições interferiam diretamente pra esses comportamentos e o problema só ia se agravando. Enquanto Leandro sentia uma falta de suporte da instituição, esta também não enxergava qualquer engajamento de sua parte para mudar, e aí se retroalimentava uma relação de falta de interesse de ambos. Tudo isso ficou ainda mais claro pra mim no momento em que relatei a um funcionário do colégio sobre como o aluno se mostrou profundamente interessado e participativo na Oficina e a resposta que ouvi foi: “nossa, finalmente ele fez algo certo, que preste, não é?”. Ora, se a educação deve ser inclusiva, compreensiva e trazer um olhar mais humano, porque então somos incapazes de reconhecer avanços e boas atitudes sem trazer à tona, mesmo que implicitamente, um passado de erros? Este episódio me remeteu, quase que instantaneamente, a um trecho de uma canção que também aparece neste capítulo, chamada “Homem na Estrada”, do Racionais MCs, onde Mano Brown, relatando a história de um homem que passou pelo sistema carcerário, canta em dois momentos distintos: “Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão pra sempre de ex-presidiário” e “Como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem, DVC<sup>92</sup>, uma passagem, 157 na lei... no seu lado não tem mais ninguém”. É evidente que as situações não são as mesmas, mas acredito ser válida a reflexão, guardadas as devidas proporções. Será que construímos uma sociedade para perdoar e transformar ou apenas uma para apontar os erros e não os compreender sem sua totalidade? Leandro precisa carregar em sua carreira escolar os asteriscos que lembrarão seus erros mesmo em momentos positivos? Em que nível a necropolítica não se limita só à ação violenta da polícia e se estende em diferentes áreas da sociedade, como nas instituições escolares? O quão mais fácil é expulsar um corpo negro desses espaços enquanto alunos brancos recebem afeto, carinho e todo tipo de chance para que seu comportamento se transforme para melhor? Esses pontos são profundamente abordados por Achille Mbembe em sua obra *Necropolítica*<sup>93</sup> e podem ser compreendidos em sua totalidade ao nos aprofundarmos na leitura. Para não estender demais o relato, voltemos à conversa que tive com Leandro.

Quando estávamos apenas nós dois na sala, comecei parabenizando-o pelo empenho e comprometimento com a Oficina. Por curiosidade, o indaguei sobre

---

<sup>92</sup> DVC é a sigla para Divisão de Vigilância e Captura, banco de dados da polícia com os antecedentes criminais dos que tiveram problemas com a Justiça.

<sup>93</sup> MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018a

como rap tinha entrado na sua vida, tanto como ouvinte e como compositor. Leandro relatou que possui quatro irmãos mais velhos que gostam do estilo, mas que sua vida mudou realmente quando um deles, por um período de aproximadamente um ano, morou na mesma residência que ele e costumeiramente ouvia diversos MCs rimarem suas poesias pelos corredores da casa. O curioso é que Leandro diz se lembrar da primeira música que ouviu, com cerca de oito anos de idade, que foi *Acabou* do rapper Projota<sup>94</sup> e, de improviso, se lança a recitar as primeiras estrofes da música: “É, nega / Tava mexendo na gaveta / Achei seu brinco de argola / E aquela presilha preta / Maldita presilha preta que me fez lembrar / Tava arrumando a minha vida / Mas tô doido procê bagunçar”. Interessante notar que no início de nossa interação, o aluno relatou que atualmente produzia as *lovesongs* e, por coincidência, ou não, o primeiro rap de que ele tem lembrança é exatamente desse mesmo estilo, abordando um período de término de relacionamento. Enfim, voltando ao primeiro contato com o rap e seus intérpretes, ele me relata que o que mais lhe chamou atenção a princípio foi o ritmo. Já fisgado, era hora de se aprofundar nas letras e conhecer outros artistas por iniciativa própria, não mais sendo uma espécie de ouvinte passivo<sup>95</sup> do que seu irmão mais velho escutava. Brevemente me foi descrito como era seu “ritual”: escutar um rap, se sentir tocado pelo ritmo (ou não) e aí sim partir para acompanhar a letra na internet, complementado novamente pela música e assim buscar artistas relacionados no próprio site de letras consultado. Leandro me conta que desde novo passou a conhecer diversos compositores e estilos de raps diferentes através desse “ritual” e passou a edificar suas próprias referências dentro do gênero.

Dentro deste subtópico, encaixa-se também uma explanação pessoal, já que o tal ritual descrito muito se assemelha com a forma que gosto de trabalhar o rap em sala de aula. Particularmente, vejo muito valor em apresentar primeiro a música e o ritmo, sem a leitura detalhada da letra, para aí sim a destrincharmos enquanto ouvimos seus *beats* tocarem uma segunda vez. Essa feliz coincidência me fez ter mais convicção ainda nesse método de análise musical em sala.

Pois bem, retornando à conversa, o indaguei sobre como as músicas expostas na Oficina o tinham impactado e se já conhecia alguma. Ele me respondeu

---

<sup>94</sup> PROJOTA. *Acabou*. In: Projota. *3Fs*. São Paulo: Universal Music Group, 2016. Faixa 8.

<sup>95</sup> Um breve esclarecimento. Faço uso de um neologismo para relatar uma fase da vida de Leandro onde ele escutava apenas o que seu irmão escutava. Não estou evocando o conceito de ouvinte passivo ou ativo presente em teorias pedagógicas de metodologias ativas.

que apenas identificava os intérpretes, mas que ainda não as tinha escutado, apesar de serem MCs bem conhecidos dentro da cultura e do mercado hip hop. Entretanto, o que me surpreendeu foi o que veio a seguir. Ao relatar sobre como as canções o tinham impactado, ele escolheu não falar de si, mas sim de um amigo próximo. Leandro me relatou que, conforme os versos lhe eram expostos, vinha à sua cabeça um momento específico de sua vida, onde, em casa, ouviu a campainha e ao atender se deparou com um colega pedindo um espaço para desabafar. Como já eram conhecidos de longa data, os dois entraram e o rapaz contou, aos prantos, sobre a dificuldade que estava tendo para arranjar um emprego através da distribuição de currículos. Ele relatou as adversidades como a falta de dinheiro para passagens de ônibus e trens, o escaldante clima do Rio de Janeiro e os diversos “nãos” praticamente instantâneos recebidos em diversas abordagens. Ou seja, nem a oportunidade de mostrar seu currículo o jovem teve.

Acontece que, passados meses nessa repetição cansativa de eventos, o rapaz recebeu uma proposta que o deixou em conflito. Um traficante da comunidade onde ele mora lhe fez uma oferta para trabalhar no ponto de venda de drogas, ganhando muito mais do que sua inicial pretensão salarial e garantindo o pagamento de forma instantânea, sem mais buscas pela cidade. O jovem então foi a Leandro relatar todo esse processo e se desculpar por ter aceito a proposta, já sabendo que isso era uma condição, pelo menos a princípio, imutável. O aluno me contou que tentou demover o amigo da ideia, falando da violência e do risco ao bem-estar dele, mas foi em vão. O que recebeu de resposta foi um retrato cruel da desigualdade social somada às oportunidades que o crime oferece nas periferias brasileiras: dinheiro “fácil” para garotos que estão cansados de receber tantos “Nãos” em suas vidas. Jovens que só encontram portas fechadas e são condenados por tentarem entrar por alguma janela ou pela porta dos fundos. Nesse momento, somada à óbvia consternação do aluno com o bem estar de seu amigo, ele trouxe uma relevante reflexão em forma de pergunta, misturada com indignação: “Todo mundo adora falar que preto é bandido e ele vai e confirma o eles dizem? Não aceito, não aceito...”. Diversos MCs, inclusive, abordam diretamente sobre o olhar estereotipado, estigmatizado e preconceituoso da população branca sobre os negros em suas composições. Emicida, exposto na Oficina, diz em “Cê Lá Faz Ideia” que: “Nasci vilão, só veneno. / Com o incentivo que me dão, / errado eu tô se eu não virar memo”. Outro MC trabalhado anteriormente, BK, versa que “Antes de ser vilão, nós /

Cansamos de ser vítimas, então irrite mais”<sup>96</sup>. Contribuindo ainda mais para essa argumentação, temos Djonga que em “Junho de 94”<sup>97</sup> também faz referência à figura de um suposto vilão da sociedade e diz: “Virei a porra do vilão que vocês criaram / Cedo demais mirei as estrelas / E foi na porra da minha testa que eles miraram” e corrobora mais ainda seu posicionamento quando, na música “Hat-Trick”<sup>98</sup>, analisa o peso desse olhar desde os primeiros momentos da vida de pessoas negras:

O dedo  
 Desde pequeno geral te aponta o dedo  
 No olhar da madame eu consigo sentir o medo  
 Cê cresce achando que cê é pior que eles  
 Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo  
 Ladrão  
 Então peguemos de volta o que nos foi tirado  
 Mano, ou você faz isso ou seria em vão o que os nossos ancestrais teriam  
 sangrado  
 De onde eu vim, quase todos dependem de mim  
 Todos temendo meu não, todos esperam meu sim  
 Do alto do morro, rezam pela minha vida  
 Do alto do prédio, pelo meu fim  
 Ladrão  
 No olhar de uma mãe eu consigo entender o que pega com o irmão  
 Tia, vou resolver seu problema  
 Eu faço isso da forma mais honesta  
 E ainda assim vão me chamar de ladrão  
 Ladrão

Regressando ao diálogo com o aluno, percebi a necessidade de reforçar a ele a importância da produção de um material baseado na experiência sensorial que acabara de acontecer na sala de aula. Memórias revisitadas, questões familiares e sociais, racismo, desigualdade, falta de oportunidades para pessoas pobres e negras, amizade e relacionamento. Tudo isso deveria encontrar um canal para

---

<sup>96</sup> BK. Castelos & Ruínas. In: BK. *Castelos & Ruínas*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records., 2016. Faixa 7.

<sup>97</sup> DJONGA. Junho de 94. In: Djonga. *O menino que queria ser Deus*. São Paulo: Ceia Ent., 2018. Faixa 2.

<sup>98</sup> DJONGA. Hat-Trick. In: Djonga. *Ladrão*. São Paulo: Ceia Ent., 2019. Faixa 1.

manifestar-se através da mente de Leandro. Só ele, trazendo seu próprio olhar, poderia convergir todas essas questões em alguns versos e por isso propus a atividade novamente, dando um prazo de uma semana para a realização desta.

No entanto, o que veio a seguir me trouxe uma fascinante surpresa. Menos de uma semana após nosso encontro, Leandro, através de contato por *WhatsApp*, aplicativo de mensagens instantâneas para celulares, me mandou não só uma letra completa, como também a música cantada em cima de um *beat*. E, com a anuência do compositor, reproduzo aqui a letra na íntegra da canção intitulada “Menor revoltado” para ser analisada:

Menor revoltado com sangue nos olhos pega no fuzil  
 Tem nem quinze anos já tá fazendo grana, cê nunca viu  
 Nem pensa nas consequências, ele só quer aquele Nike de mil  
 Saiu da escola, entrou pra boca e se tornou mais frio  
 Eu só peço à Deus que ele escute minha oração  
 Livra minha família e também livra todos irmãos  
 Sua hora vai chegar só ter persistência e fé no coração  
 Não se distraia, sem mente fraca, mantenha seu pé no chão  
 Sabe que eu não quero ser mais um preto atrás de um camburão  
 Ele não teve oportunidade na vida e nem teve condição  
 Começou de aviãozinho e hoje o menor tá lá na gestão  
 Eu sou traficante sim, mas não de droga, de informação  
 Você não sabe o quanto é ruim ver uma pessoa atravessar a rua  
 Sem saber nada da sua vida e sem saber nada da sua conduta  
 Eles te julgam pela cor da pele e não importa o que você possua  
 Por isso eu grito fogo nos racista e também fogo nos filha da puta  
 A cada esquina um enquadro, isso nunca foi diferente  
 Pergunta se eu tenho passagem e também se eu tenho precedente  
 Passar vários anos procurando coisas, mano, que te represente  
 Hoje sou um preto excelente  
 Mas isso cê não entende

De cara é interessante notar que nesta canção produzida por Leandro estão elementos que também aparecem nas músicas trabalhadas na Oficina, mas sua própria história de vida é soberana na narrativa construída. Ao jogarmos uma lupa sobre a letra e analisarmos mais cuidadosamente, notamos que o que a norteia é uma análise do sistema e da sociedade na qual ele está inserido e como esses

elementos influem diretamente na sua vida e na de sua família e amigos. Não fica claro, porém, a quem ele se refere quando cita “irmãos”. Se são especificamente jovens negros ou também aí estão incluídos seus amigos que moram nas periferias. Entretanto, o “menor” presente no título é uma clara referência ao amigo que teve sua história por ele relatada a mim, onde, por falta de oportunidades, decidiu entrar para o crime e ter acesso a coisas que talvez nunca pudesse ter, mesmo se esforçando diariamente.

É valoroso que, ao estudarmos esses versos, notemos conjuntamente a influência que o sistema capitalista exerce sobre quem vive sob seus parâmetros, já que se cria uma associação muito forte entre o consumo e a plenitude da cidadania<sup>99</sup>. Em “ele só quer o Nike de mil”, o compositor reforça o quanto os padrões consumistas do capitalismo podem motivar um jovem de tal forma que o seu objetivo final não seja necessariamente cometer crimes para acumular dinheiro, mas sim para se encaixar dentro de indicadores que o qualifiquem como um cidadão que possui poder aquisitivo e assim ser notado e diferenciado de outros jovens de sua faixa etária. Talvez Leandro não conheça a canção “Vida Loka, Pt. 2”<sup>100</sup> do grupo Racionais MCs, mas nela Mano Brown, o compositor, em diversos momentos aborda a relação do eu-lírico com o dinheiro e o consumo, tal qual ele o faz em *Menor revoltado*. Em *Vida Loka, Pt. 2*, tal relação surge seja se opondo ao individualismo consumista incentivado no capitalismo, como em “Muita coletividade na quebrada, dinheiro no bolso / Sem miséria, e é nós / Vamos brindar o dia de hoje”, mas igualmente tratando a aquisição de produtos como sinônimo de aparente sucesso, como nos versos “Logo mais vamo arrebentar no mundão / De cordão de elite, 18 quilates / Põe no pulso logo um Breitling<sup>101</sup> / Que tal? Tá bom? / De lupa Bausch & Lomb<sup>102</sup> / [...] Pobre é o diabo, eu odeio ostentação”. Contudo, o último verso merece um destaque maior, já que Mano Brown associa a riqueza a um suposto afastamento do diabo e das coisas ruins. O consumo de produtos caros não se faz, portanto, por mera e vazia ostentação, mas, na visão dele, para se distanciar

---

<sup>99</sup> Presente em: CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

<sup>100</sup> MANO BROWN. Vida Loka, Pt. 2. In: Racionais MCs. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Boogie Naípe., 2002. Faixa 1.

<sup>101</sup> *Breitling* é uma renomada marca de relógios de pulso com sede na Suíça, fundada em 1884. Seus modelos dificilmente são encontrados por menos de cinco mil reais na cotação atual.

<sup>102</sup> Lupa é uma gíria para óculos e a marca americana *Bausch & Lomb* atualmente trabalha principalmente na confecção de lentes de luxo, mas na época da composição desta canção também produzia armações.

de concepções negativas no imaginário social. Este argumento inclusive se sustenta em versos posteriores que reforçam que “Não é questão de luxo / Não é questão de cor / É questão que fartura alegra o sofredor / [...] Miséria traz tristeza e vice-versa”, criando uma forte relação entre felicidade e poder de consumo tal qual Leandro trouxe em sua própria composição. Curiosamente o produto usado como exemplo nas duas músicas são calçados (“Nike de mil”) e Mano Brown, em poucas linhas, traz novas camadas de análise sobre o tema ao relatar “Na loja de tênis o olhar do parceiro feliz / De poder comprar o azul, o vermelho / O estoque, a modelo, não importa / Dinheiro é puta e abre as portas / Dos castelos de areia que quiser / Preto e dinheiro são palavras rivais?”. A satisfação de seu amigo se soma e se mistura com outras nuances da relação entre o jovem negro periférico e o dinheiro. Não se nega que o poder aquisitivo é determinante para que caminhos sejam abertos na nossa sociedade, mas talvez tais conquistas sejam tão frágeis quanto castelos de areia, visto que o estigma racista em que se construiu a sociedade brasileira, na visão de quem corrobora com essa ideia, não permite aceitar sem questionar a existência pessoas negras ricas, associando-as a algum tipo de obtenção escusa para justificar tal riqueza. Tal argumento é ainda confirmado na canção “Eu compro”<sup>103</sup> que narra a aquisição à vista de um carro por um homem negro e alerta: “Tenha certeza que vão desconfiar / Pois o racismo é disfarçado há muitos séculos / Não aceita o seu status nem sua cor”.

Existe, portanto, da parte dos letristas (e exposta em diversas outras músicas do Racionais MCs) a convicção de que o consumo de símbolos de luxo, como carros, relógios e roupas de grife podem fazer com que uma pessoa interrompa uma história de vida marcada pela invisibilidade e exclusão, mas que, definitivamente, não é algo suficiente para uma ruptura definitiva, como uma mudança com efeitos estruturais na sociedade, visto que, no fim, tais práticas se somam e são cooptadas à própria lógica e dinâmica do mercado. E é a partir dessa conclusão paradoxal do assunto que Mano Brown encaminha o fim de sua reflexão através da idealização de uma vida tranquila, mas que não ignora o peso da máquina capitalista:

Tempo pra pensar, quer parar  
Que ‘cê quer?  
Viver pouco como um rei ou muito como um Zé?

---

<sup>103</sup> HELIÃO RZO; ICE BLUE; MANO BROWN. Eu compro. In: Racionais MCs. *Cores & Valores*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica., 2014. Faixa 5.

Às vezes eu acho que todo preto como eu  
 Só quer um terreno no mato, só seu  
 Sem luxo, descalço, nadar num riacho  
 Sem fome, pegando as frutas no cacho  
 Aí truta, é o que eu acho  
 Quero também, mas em São Paulo  
 Deus é uma nota de cem  
 Vida Loka!

O rapper BK, na mesma canção citada anteriormente, “Castelos & Ruínas”, soma a análise sobre o poder do dinheiro para gerar oportunidades e agrega à discussão mais um elemento importante: o de se enxergar como um exemplo a ser seguido e transformar seus ganhos financeiros em mudanças reais para seu filho e pessoas próximas. “O perfume das notas novas / As pernas e portas que ele abre / Nunca respeitei a burguesia / Mas quero que meu filho tenha o melhor da vida / É que esse pedaço de papel não tem culpa / É estratégia do inimigo pra tu não fazer o teu / Perdedor não é exemplo pra ninguém”<sup>104</sup>.

Depois de nos debruçarmos sobre estas canções e como elas manifestam um pouco da visão de rappers sobre o enriquecimento, voltemos, portanto, à música composta por Leandro. Em seus versos são vistos elementos de fé como forma de ancorar suas esperanças de romper com a lógica social que tacha a população negra como merecedora de apenas dois destinos: presa ou morta. Quando ele canta que não quer “ser mais um preto atrás de um camburão”, ele confirma como a composição de Edi Rock, em “Negro Drama”<sup>105</sup>, apesar de sido feita em 2002, ainda permanece como uma marca praticamente cristalizada na sociedade brasileira: “Me ver pobre, preso ou morto já é cultural”. Leandro que romper esse mecanismo, mas, com pesar, percebe que seu amigo não obteve sucesso no seu processo. Seus próprios meios, porém, ao contrário de seu colega, se manifestam através da arte, traficando informação e evocando Djonga na canção “Olho de Tigre”<sup>106</sup> quando grita e proclama “fogo nos racista”. Este grito, talvez na forma de um expurgo, é uma tentativa de resposta a todos os momentos em que, injustamente, foi parado pela polícia, abordado de forma violenta ou julgado apenas pela cor de sua pele. Ele reconhece, portanto, o caráter estrutural do problema quando afirma que “isso nunca foi diferente”, mas frisa que a busca por algo que o represente, um espelho, um

<sup>104</sup> BK, *op. cit.*

<sup>105</sup> EDI ROCK; MANO BROWN. Negro Drama. In: Racionais MCs. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Boogie Naípe., 2002. Faixa 5.

<sup>106</sup> DJONGA. Olho de Tigre. In: Djonga. *Olho de Tigre. Single*. São Paulo: Pineapple StormTv, 2017.

modelo a ser seguido o fez um “preto excelente” capaz de perceber seu lugar na sociedade e com voz para lutar contra essa estrutura racista que diariamente impõe a jovens como ele situações semelhantes.

Como balanço da atividade, é sumariamente fundamental notarmos, enquanto profissionais da área da educação, do poder mobilizador que a música e, nesse caso específico o rap, tem para com os estudantes presentes na atividade. Toda a experiência sensorial envolvendo ouvir as canções, acompanhar as letras, perceber o ritmo dos *beats* e as diversas formas de recitar os versos e rimas pelos MCs geraram um interesse muito grande nos alunos com a proposta da Oficina. De certo que seria inviável reproduzir aqui todas as falas e apontamentos feitos por eles, por isso fiz a opção de destacar as participações de Leandro, contudo, outras interações foram de excelente valia para o desenrolar do que estava sendo planejado. Outro elemento importante para enriquecer o debate foi o comparecimento de diferentes faixas etárias, com jovens do 6º ano do Ensino Fundamental até o 2º ano do Ensino Médio, o que possibilitou uma diversidade de visões e interpretações sobre o que estava sendo cantado, explorando bem o caráter subjetivo que muitas letras possuem e que tocam cada pessoa à sua maneira, ativando memórias, experiências e análises muito pessoais. De negativo, friso que dado o tempo disponível, eu poderia ter administrado melhor o tempo de análise de cada canção e, conseqüentemente, possuiria preciosos minutos ao final da Oficina para que mais alunos, no calor do momento, produzissem versos com suas impressões sobre o que tinham absorvido da experiência. Tive a sorte, entretanto, de estar na presença de um artista em desenvolvimento que me devolveu bem mais do que poderia exigir dos presentes. Que transpôs sua história de vida, suas inquietações e sentimentos numa canção completa com letra, voz e *beat* mostrando o poder mobilizador que a arte e a cultura hip hop possuem na vida de jovens e, porque não, na sociedade como um todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda minha trajetória acadêmica durante a graduação, me acostumei a sempre falar através dos outros, de autores mais renomados. O Pedro não tinha voz se não através de citações. Tal prática se internalizou em mim a ponto de não me reconhecer enquanto professor-pesquisador capaz de tirar conclusões por conta própria e tecer comentários sobre algum assunto baseado em minha experiência em sala de aula. Quando eu teria experiência o suficiente em sala para poder afirmar algo sobre educação? Sinceramente, eu não sabia. Quis o destino que eu encontrasse no ProfHistória um terreno fértil para desconstruir estes problemáticos parâmetros. Falar em primeira pessoa, enquanto pesquisador se faz necessário para que encurtemos a distância que existe entre o chão da escola e os muros das universidades. Aproximar conhecimentos que nunca deveriam ter estado separados.

Num país que historicamente desvaloriza seus professores, realizar um mestrado na área de educação é um ato de resistência que fica ainda mais significativo se considerarmos os quatro anos de governo do inimigo do povo, Jair B., somado à pandemia do Corona Vírus, que desestabilizou um país inteiro, de dimensões continentais. Concluir essa etapa é, antes de tudo, um recado do poder transformador e de resistência que a educação tem na vida de qualquer pessoa. Terminar uma dissertação falando sobre rap é ainda melhor. Poder escrever sobre um tema que me impacta diariamente desde que entrou de vez na minha vida é um privilégio que me causa extrema felicidade, apesar de saber que nem todos têm essa oportunidade.

Escutemos mais Grada Kilomba quando ela, abertamente, fala sobre a necessidade da Academia de permitir uma maior constância na expressão de sentimentos, sem que os corajosos para tal sejam desqualificados por isso. Continuemos a exercitar o legado de Paulo Freire, recentemente tão vilipendiado por quem nunca sequer abriu um livro de sua autoria. Que a educação continue a cumprir seu papel de transgredir e abalar as estruturas excludentes que formam nossa sociedade. Que esse trabalho sirva de inspiração e motivação para qualquer um que acredite que é possível transformar o cenário em que vivemos. Que

eduquemos com o amor, mas não esqueçamos da luta constante. Como Don L, que revisitou recentemente a frase de Carlos Marighella em sua canção “primavera”, lembremos “a única luta que se perde é a que se abandona / e nós nunca abandonamos luta”.

## REFERÊNCIAS

- A Roda: Conexões. Globoplay, 24 de set. de 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10964294/>>. Acesso em: 09 de jan. de 2023.
- ABREU, Marcelo e RANGEL, Marcelo de M. “Memória, cultura histórica e ensino de História no mundo contemporâneo”. *História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 2, p. 7-24, set. 2015.
- ACAYABA, Cíntia e ARCOVERDE, Léo. Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio. *G1*, 31 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.
- ALVES, Valmir Alcântara. *De repente o rap na educação do negro: o Rap do Movimento Hip-Hop Nordeste como Prática Educativa da Juventude Negra*. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- ALVES, Valmir Alcântara. O rap para a ação da juventude negra. In: SILVÉRIO, Valter Roberto; PINTO, Regina Pahim; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). *Relações raciais no Brasil: pesquisas contemporâneas*. São Paulo: Contexto, 2011. p. -100.
- ANDRADE, Elaine Nunes de. *Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. São Paulo, 1996, 317 p.
- \_\_\_\_\_. *RAP e Educação RAP é Educação*. São Paulo. Summus, 1999.
- APCA premia amanhã melhores de 94. Folha de S. Paulo. São Paulo, 28 mar. 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/3/28/ilustrada/13.html>>. Acesso em 14 mar. 2022.
- Após corte de 96%, governo anuncia que Censo do IBGE não será realizado em 2021. *Brasil de Fato*, 23 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/04/23/apos-corte-de-96-governo-anuncia-que-censo-do-ibge-nao-sera-realizado-em-2021>>. Acesso em 02 de jan. de 2023
- BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BK; MARINHO, Polly. Movimento. *In: BK'. O Líder em Movimento*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2020. Faixa 1.

K; MARINHO, Polly. Amor. *In: BK. O Líder em Movimento*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2020. Faixa 2.

\_\_\_\_\_. Castelos & Ruínas. *In: BK. Castelos & Ruínas*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records., 2016. Faixa 7.

\_\_\_\_\_. Vivos. *In: BK. Gigantes*. Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida Records, 2018. Faixa 8.

BK; DEVASTO PROD; DJONGA; EMICIDA; MANO BROWN; RAEL; RINCON SAPIÊNCIA. O Céu é o Limite. *In: Devasto Prod. O Céu é o Limite. Single*. São Paulo: Black Work Gang, 2018.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CARDEAL, Fátima. "APCA faz festa para os melhores de 1994: Cerca de 90 artistas serão homenageados hoje pela associação no Teatro Municipal". *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 28 mar. 1995, p. 55. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19950328-37050-nac-0055-cd2-d3-not/busca/APCA>>. Acesso em 14 mar. 2022.

CESAR MC; DK47; EDI ROCK; KMILA CDD; LORD; MC CABELINHO; OROCHI. Favela Vive 4. *In: Favela Vive 4. Single*. Rio de Janeiro: Além da Loucura - ADL, 2020.

CESAR MC; EMICIDA; JADDY. Antes que a bala perdida me ache. *In: Cesar MC. Dai a Cesar o Que É de Cesar*. Rio de Janeiro: Pineapple Storm TV, 2021. Faixa 5.

COLETÂNIA. *Consciência Black Vol. I*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. *In Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente*, 2005, São Paulo (SP, Brazil). 2005.

COSTA, Rafael. Chacina na Penha deixa 25 mortos e 6 pessoas feridas; entidades criticam ações policiais nas favelas. *Voz das Comunidades*, 25 de mai. de 2022. Disponível em: <<https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/chacina-na-penha-deixa-25-mortos-e-7-pessoas-feridas-entidades-criticam-acoes-policiais-nas-favelas/>>. Acesso em 07 de jan. de 2023.

Datafolha aponta que 51% dos brasileiros têm medo da polícia e 47% confiam nos policiais. *G1*, 11 de abril de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/11/datafolha-aponta-que-51percent-dos-brasileiros-tem-medo-da-policia-e-47percent-confiam-nos-policiais.ghtml>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

DJ NEEW. Trap x boom bap, onde está o verdadeiro rap? *Bocada Forte*, 21 de jan. de 2017. Disponível em: <<https://www.bocadaforte.com.br/materias/entrevistas/trap-x-boom-bap-onde-esta-o-verdadeiro-rap>>. Acesso em: 11 de jan. de 2023.

DJONGA. HAT TRICK. In: Djonga. *Ladrão*. São Paulo: Ceia Ent., 2019. Faixa 1.

\_\_\_\_\_. Junho de 94. In: Djonga. *O menino que queria ser Deus*. São Paulo: Ceia Ent., 2018. Faixa 2.

\_\_\_\_\_. Junho de 94. In: Djonga. *O menino que queria ser Deus*. São Paulo: Ceia Ent., 2018. Faixa 2.

\_\_\_\_\_. Olho de Tigre. In: Djonga. *Olho de Tigre. Single*. São Paulo: Pineapple StormTv, 2017.

DON L. Favela venceu. In: DON L. *Roteiro Pra Aïnouz*, Vol. 2. Fortaleza: Independente, 2021. Faixa 9.

DON L; MATEUS FAZENO ROCK. Vila Rica. In: DON L. *Roteiro Pra Aïnouz*, Vol. 2. Fortaleza: Independente, 2021. Faixa 2.

EDI ROCK; MANO BROWN. Negro Drama. In: Racionais MCs. ***Nada como um dia após o outro dia***. São Paulo: Boogie Naïpe., 2002. Faixa 5.

EMICIDA. Boa Esperança. In: EMICIDA. *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Faixa 10.

\_\_\_\_\_. Cê lá faz ideia? In: EMICIDA. *Emicídio*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2010. Faixa 2.

\_\_\_\_\_. Outras Palavras. In: Emicida. *Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida, até que Eu Cheguei Longe...* São Paulo: Laboratório Fantasma, 2009, Faixa 20.

\_\_\_\_\_. *Pra Quem Já Mordeu um Cachorro Por Comida, até que eu Cheguei Longe...* São Paulo: Laboratório Fantasma, 2009.

\_\_\_\_\_. Principia. In: EMICIDA. *Amarelo*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Faixa 3.

Emicida: História, carreira e grandes sucessos do rapper. *Deezer*. 23 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://www.deezer-blog.com/br/emicida/>>. Acesso em 05 de jan. de 2023.

Ex-detentos lutam contra o preconceito por oportunidade no mercado de trabalho. *G1*, 26 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2019/09/26/ex-detentos-lutam-contr-o-preconceito-por-oportunidade-no-mercado-trabalho.ghtml>>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FANTÁSTICO. Funcionários da Fundação Casa (SP) espancam seis adolescentes. *Globoplay*, 18 de ago. de 2013. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/2766425/>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, 150 p.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 148p.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: Um Reencontro Com A Pedagogia Do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GOMES, Ângela de Castro e HANSEN, Patrícia. *Apresentação Intelectuais Mediadores: projeto cultural e ação política*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2016, PDF.

GOUSSINSKY, Eugênio. Esgoto a céu aberto é tormento para mais da metade dos brasileiros. *R7*, 23 de set. de 2019. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/esgoto-a-ceu-aberto-e-tormento-para-mais-da-metade-dos-brasileiros-29062022>>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

GUIMARÃES, A. S. Racismo e antirracismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999. HELIÃO RZO; ICE BLUE; MANO BROWN. Eu compro. In: Racionais MCs. *Cores & Valores*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica., 2014. Faixa 5.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Copolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017

JUCÁ, Beatriz. Doze militares são denunciados por fuzilamento de músico e catador no Rio. *El País*, 10 de mai. de 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557530968\\_201479.html#?prm=copy\\_link](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557530968_201479.html#?prm=copy_link)>. Acesso em 07 de jan. de 2023.

JUNIOR, Amílcar. Famílias que vivem no lixão catam comida estragada para se alimentar. *Folha BV*, 22 de set. de 2016. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Familias-que-vivem-no-lixao-catam-comida-estragada-para-se-alimentar--/20430>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

L.A.P.A. Direção: Emilio Domingos, Cavi Borges. Produção: Cavi Borges e Gustavo Pizzi. Rio de Janeiro, 2007.

Levantamento mostra que 81% dos presos irregularmente por reconhecimento fotográfico são negros. *G1*, 14 de setembro de 2021. Disponível em: <

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/09/14/levantamento-mostra-que-81percent-dos-presos-irregularmente-por-reconhecimento-fotografico-eram-negros.ghtml>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

LUCCIOLA, Luísa. Adolescente atacado por grupo de 'justiceiros' é preso a um poste por uma trava de bicicleta, no Flamengo. *EXTRA*, 03 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/adolescente-atacado-por-grupo-de-justiceiros-preso-um-poste-por-uma-trava-de-bicicleta-no-flamengo-11485258.html>>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

MAIA, TIM. Ela Partiu. In: Tim Maia. *Tim Maia e Convidados*. Rio de Janeiro: Underground, 1977.

\_\_\_\_\_. Tim Maia Racional Vol. 1. Rio de Janeiro: Vitória Régia Discos, 1975.

MAJOR RD. Como é que tá? In: Major RD. *Troféu*. Rio de Janeiro: Rock Danger, 2021. Faixa 2.

MANO BROWN. Entrevista a Spensy Pimentel. *Teoria e Debate*, n. 46. São Paulo, nov./dez. 2000/jan. 2001, sem paginação. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br/2000/11/15/mano-brown/>>. Acesso em: 14 mar. de 2022.

\_\_\_\_\_. Vida Loka, Pt. 2. In: Racionais MCs. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Boogie Naípe., 2002. Faixa 1.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!" Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo* [online]. 2006, vol.11, n.21 [cited 2021-02-16], pp.5-16.

MBEMBE, Achille. "As formas africanas de auto inscrição" *Estud. afro-asiát.* [online]. 2001, vol.23, n.1, pp.171-209

\_\_\_\_\_. Crítica da Razão Negra. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. Resenha de: MARTINS, Ana Luiza Rios. Crítica da razão negra e a introdução ao pensamento decolonial. *CLIO – Revista de pesquisa histórica*. Recife, v.39, n.1, p.514-518, jan./jun. 2021.

\_\_\_\_\_. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MC MARECHAL, Primeiro de Abril. In: *Primeiro de Abril*. Single. #VVAR: Rio de Janeiro, 2017.

MIRANDA, Débora. Reuniões em lanchonete do Centro levaram Racionais à MTV. *G1*, 09 de set. de 2007. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL174771-7085,00-REUNIOES+EM+LANCHONETE+DO+CENTRO+LEVARAM+RACIONAIS+A+MTV.html>>. Acesso em 09 de jan. de 2023.

MONTEIRO, Ana Maria. "Aulas de História: questões do/no tempo presente". *Educ. rev.* [online]. n.58, pp. 165-182, 2015.

MONTEMEZZO, Laura Ferrari. *Um galho na árvore da música negra: Movimento Hip Hop e Rap no ensino de história e nas relações étnico-raciais da educação básica*. 2018. 121 f.: il.

MOURA, Carolina. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. *EL País*, Rio de Janeiro, 19 de set. de 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458\\_048104.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html). Acesso em: 26 de dez. de 2022.

NAPOLITANO, Marcos. A historiografia da música popular brasileira (1970-1990): síntese bibliográfica e desafios atuais da pesquisa histórica. *ArtCultura*, 8 (13). 2007.

\_\_\_\_\_. "**Seguindo a canção**" engajamento político e indústria cultural na MPB (1959- 1969). São Paulo. Annablume: Fapesp, 2001.

NASCIMENTO, Jorge Luiz do. Violência policial, racismo e resistência: notas a partir da MPB. *Contexto*, Vitória, n. 35: Dossiê Literatura, Resistência e Utopia, p. 193-218, fev. de 2019.

O Rap pelo Rap 1. Direção: Pedro Fávero. Produção: Fitaria Filmes. São Paulo: YouTube, 2015

O Rap pelo Rap 2. Direção: Pedro Fávero. Produção: Fitaria Filmes. São Paulo: YouTube, 2019.

OLIVEIRA, M. A. de. *O negro no ensino de história: temas e representações*. 2000. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

PINHA, Daniel. "O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades". *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, pp. 99-129. jan/abr. 2017.

PITTA, Alexandre Carvalho. "TIO, ESSA RIMA É MINHA VIDA": o subalterno e a fala da rima em "Mandume", de Emicida. **22ª** Semana de Mobilização Científica - SEMOC, Salvador, 2019.

PMs são condenados a 52 anos de prisão pela chacina de Costa Barros. *G1*. Rio, 09 de set. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/09/pms-sao-condenados-a-52-anos-de-prisao-pela-chacina-de-costa-barros.ghtml>>. Acesso em 07 de jan. de 2023.

PROJOTA. Acabou. *In: Projota. 3Fs*. São Paulo: Universal Music Group, 2016. Faixa 8.

Quase 2 mil pessoas em situação semelhante à escravidão foram resgatadas no Brasil, em 2021. *Jornal Hoje*, 29 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10530938/>>. Acesso em 07 de jan. de 2023

RACIONAIS MCS. Capítulo 4, Versículo 3. In: Racionais MCs, *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra. 1997.

\_\_\_\_\_. *Escolha seu Caminho*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1992.

RACIONAIS MCS. *Holocausto Urbano*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

\_\_\_\_\_. In: ENCICLOPEDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo636012/racionais-mc-s>. Acesso em: 11 de março de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

\_\_\_\_\_. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997.

RACIONAIS: Das Ruas de São Paulo pro Mundo. Direção: Juliana Vicente. Produção: Preta Portê Filmes. São Paulo: Netflix, 2022.

RAMOS, Beatriz Drague. Três anos após a chacina de Paraisópolis, familiares seguem cobrando justiça. *Carta Capital*, São Paulo, 8 de dez. de 2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/tres-anos-apos-a-chacina-de-paraisopolis-familiares-seguem-cobrando-justica/>>. Acesso em: 26 de dez. de 2022.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODA VIVA. *Emicida responde: Um moletom da Laboratório Fantasma é muito caro?* Youtube, 27 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fPNqac2aae8>>. Acesso em 11 de jan. de 2023.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante. atual*. Trad.: Marisa Trench Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: UNESP, 2011.

SETH, Sanjay. “Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva?” *História da historiografia*, Ouro Preto, número 11, abril 2013, p. 173-189.

SILVA, Renê. Crianças brincam no meio do lixo por falta de área de lazer na Travessa Sonora. *Voz das Comunidades*, Rio de Janeiro, 06 de jan. de 2015. Disponível em: <<https://www.vozdascomunidades.com.br/favelas/complexo-do-alemao/criancas-brincam-meio-lixo-por-falta-de-area-de-lazer-na-travessa-sonora/>>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

SOUSA DE CARVALHO, Luiza. *Condenados ao tronco, ao ferro e à prisão: O encarceramento como expressão do genocídio antinegro no Brasil*. Brasília, 2020.

SOUZA, Gustavo. Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop. *Animus: revista interamericana de comunicação midiática*, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 68-77, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. 2. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b.

APÊNDICE – Roteiro Pedagógico: A composição musical em sala de aula a partir da análise de “negro drama” dos Racionais MC’S

# ROTEIRO

## PEDAGÓGICO:

A COMPOSIÇÃO MUSICAL EM SALA DE  
AULA A PARTIR DA ANÁLISE DE “NEGRO  
DRAMA” DOS RACIONAIS MC’S



# ROTEIRO PEDAGÓGICO

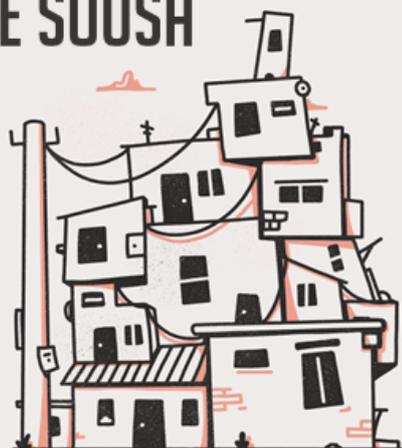
SUGESTÃO DE **ATIVIDADE** PARA SE  
DISCUTIR RACISMO ESTRUTURAL EM SALA  
DE AULA ATRAVÉS DO **RAP**

**AUTOR**

PEDRO HENRIQUE CORRÊA RODRIGUES

**ORIENTADOR**

PROF. FRANCISCO GOUVEA DE SOUSA



## SOBRE O **AUTOR**

**PEDRO HENRIQUE CORRÊA RODRIGUES É GRADUADO EM BACHARELADO E LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (2017). LECIONA HISTÓRIA EM INSTITUIÇÕES PARTICULARES DESDE 2015, TENDO TRABALHADO EM TODOS OS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II AO PRÉ-VESTIBULAR**



## APRESENTAÇÃO

ESTE CADERNO REPRESENTA A PARTE PRÁTICA DE UMA SUGESTÃO DE ATIVIDADE APRESENTADA NA DISSERTAÇÃO: R.E.P.: RITMO, EDUCAÇÃO E POESIA – AS POTENCIALIDADES DO RAP ENQUANTO SUJEITO PRODUTOR NAS AULAS DE HISTÓRIA.

PARA TAL, SERÁ PROPOSTA UMA ATIVIDADE QUE MESCLE A ANÁLISE DA CANÇÃO “NEGRO DRAMA” DOS RACIONAIS MCS, EM CONSONÂNCIA COM REFLEXÕES SOBRE A SEMANA DE CONSCIÊNCIA NEGRA E O RACISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO.

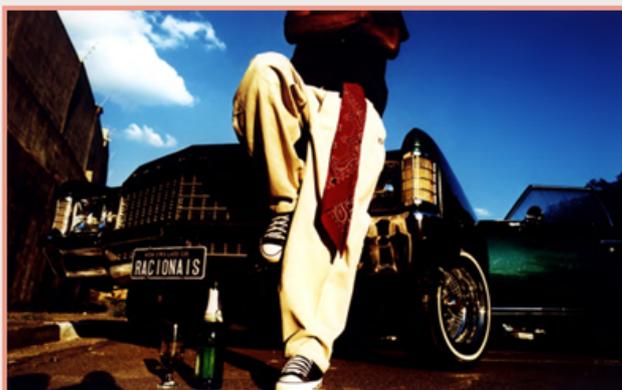
COMO SUPORTE DE CONTEÚDO, LEVAREMOS EM CONTA A CONSTITUIÇÃO DE 1988 E A CLASSIFICAÇÃO DO RACISMO COMO CRIME INAFIANÇÁVEL



## ATIVIDADE – 9º ANO

### CONTEXTUALIZAÇÃO

NO ÁLBUM “NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO DIA” DE 2002, OS RACIONAIS LANÇARAM “NEGRO DRAMA”, QUE VERSA SOBRE O PADRÃO PRECONCEBIDO ATRIBUÍDO AO NEGRO NO IMAGINÁRIO SOCIAL E CULTURAL BRASILEIRO. PARTINDO DE SUAS PRÓPRIAS VIVÊNCIAS, OS COMPOSITORES VALORIZAM SEU LUGAR DE FALA AO AFIRMAR: “EU NÃO LI, EU NÃO ASSISTI/ EU VIVO O NEGRO DRAMA / EU SOU O NEGRO DRAMA” E ASSIM CONSIDERAM A ÓTICA DOS OPRIMIDOS, PERSPECTIVA TÃO VILIPENDIADA NOS SÉCULOS EM QUE O BRASIL FOI COLONIZADO POR EUROPEUS



## ATIVIDADE – 9º ANO

### CONTEXTUALIZAÇÃO

NO PRIMEIRO ANO DA DÉCADA DE 1970, NO CENTRO DE PORTO ALEGRE, JOVENS NEGROS SE REUNIRAM PARA PESQUISAREM SOBRE A LUTA DE SEUS ANTEPASSADOS, SUA ANCESTRALIDADE E A SUPOSTA LEGITIMIDADE DA ABOLIÇÃO DE 1888.

A PESQUISA FEZ COM QUE O DIA DA MORTE DE ZUMBI DOS PALMARES, 20 DE NOVEMBRO, FOSSE SUGERIDO COMO UMA DATA DE EXALTAÇÃO DAS LUTAS DE RESISTÊNCIAS DOS EX-ESCRAVIZADOS POR LIBERDADE E INSTIGAR REFLEXÕES SOBRE QUESTÕES RACIAIS QUE ASSOLAM O BRASIL ATÉ OS DIAS ATUAIS. DESSA SEMENTE FLORESCEU A COMEMORAÇÃO DO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA



## ATIVIDADE – 9º ANO

### CONTEXTUALIZAÇÃO

DURANTE O PROCESSO DE REABERTURA DEMOCRÁTICA, DEPOIS DE 21 ANOS DE UMA SANGRENTA DITADURA MILITAR NO BRASIL, FAZIA-SE NECESSÁRIA A ELABORAÇÃO DE UMA NOVA CONSTITUIÇÃO.

JUNTO A NECESSÁRIAS REFLEXÕES SOBRE OS CEM ANOS DA ASSINATURA DA LEI ÁUREA, FOI ADICIONADO NO INCISO XLII DO ARTIGO 5 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 QUE A “PRÁTICA DO RACISMO CONSTITUI CRIME INAFIANÇÁVEL, SUJEITO À PENA DE RECLUSÃO”

CONTUDO, SABEMOS QUE ISSO ESTÁ LONGE DE SER A SOLUÇÃO PARA O RACISMO ESTRUTURAL PRESENTE EM NOSSA SOCIEDADE



## ATIVIDADE – 9º ANO

### OBJETIVOS

ANALISAR A LETRA E OUVIR A MÚSICA  
“NEGRO DRAMA” E IDENTIFICAR AS REFERÊNCIAS  
AO RACISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO

DISCUTIR COMO O RACISMO ESTRUTURAL AFETA A VIDA DOS  
AFRODESCENDENTES DO BRASIL

COMPARAR A SITUAÇÃO ATUAL COM O MOMENTO HISTÓRICO  
NA ÉPOCA DA CONSTITUIÇÃO DE 1988

FOMENTAR A REFLEXÃO CRÍTICA O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

IDENTIFICAR AS MUDANÇAS, AVANÇOS E PERMANÊNCIAS NA  
LUTA CONTRA O RACISMO NO BRASIL

ORGANIZAR A PRODUÇÃO DE UMA CANÇÃO  
DE RAP QUE ABORDE OS ASSUNTOS  
TRATADOS NA ATIVIDADE



## ATIVIDADE – 9º ANO

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. RACISMO ESTRUTURAL. SÃO PAULO: PÓLEN, 2019. 264 P. ISBN 978-85-98349-75-6.

BRASIL. [CONSTITUIÇÃO (1988)]. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. BRASÍLIA, DF: PRESIDENTE DA REPÚBLICA, [2016].

EDI ROCK; MANO BROWN. NEGRO DRAMA. IN: RACIONAIS MCS. NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO DIA. SÃO PAULO: BOOGIE NAÍPE., 2002. FAIXA 5.

FREIRE, PAULO. EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE. 30. ED. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 2007, 150 P.



## ATIVIDADE – 9º ANO

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, BELL. ENSINANDO A TRANSGREDIR: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE. TRADUÇÃO DE MARCELO BRANDÃO COPOLLA. - 2. ED. - SÃO PAULO: EDITORA WMF MARTINS FONTES, 2017

MATTOS, ILMAR ROHLOFF DE. "MAS NÃO SOMENTE ASSIM!" LEITORES, AUTORES, AULAS COMO TEXTO E O ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA. TEMPO [ONLINE]. 2006, VOL.11, N.21 [CITED 2021-02-16], PP.5-16.

RIBEIRO, DJAMILA. O QUE É LUGAR DE FALA? BELO HORIZONTE: LETRAMENTO, 2017.

